



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Ciências Humanas – IH
Departamento de Geografia – GEA
Trabalho de Conclusão de Curso

Julia Nogueira Pires de Oliveira

**Estudo de caso: COMO OS PIONEIROS DA VILA PLANALTO, BRASÍLIA - DF
PERCEBEM A TRANSFORMAÇÃO DE SEU MUNDO-VIVIDO**

Brasília

2016

JULIA NOGUEIRA PIRES DE OLIVEIRA

**Estudo de caso: COMO OS PIONEIROS DA VILA PLANALTO, BRASÍLIA - DF
PERCEBEM A TRANSFORMAÇÃO DE SEU MUNDO-VIVIDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Geografia, Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Profa. Dra. Shadia Husseini de Araújo.

Brasília

2016

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Ciências Humanas – IH
Departamento de Geografia – GEA
Trabalho de Conclusão de Curso

JULIA NOGUEIRA PIRES DE OLIVEIRA

**Estudo de caso: COMO OS PIONEIROS DA VILA PLANALTO, BRASÍLIA - DF
PERCEBEM A TRANSFORMAÇÃO DE SEU MUNDO-VIVIDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Geografia,
Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para
obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Profa. Dra. Shadia Husseini de Araújo

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Shadia Husseini de Araújo – Orientadora
GEA/IH/UnB

Profa. Dra. Gloria Maria V. L. de Mesa – Membro
GEA/IH/UnB

Prof. Dr. Fernando Luiz A. Sobrinho – Membro
GEA/IH/UnB

Aprovado em ____/____/____

Aos meus queridos pais, em especial a grande mulher
que me entende, minha mãe.

RESUMO

O presente estudo teve por objetivo analisar e entender como a Vila Planalto, bairro da capital federal do Brasil, é percebida no mundo-vivido de seus pioneiros. Sem dúvida, é preciso observar que no lugar em que se vive, o mundo-vivido é construído, significado, recomposto e criado pelas relações pessoais e a relação com o meio. Neste sentido, a análise empreendida deu-se com base no método fenomenológico da Geografia Humanista, que tem como categorias de reflexão a subjetividade, a percepção e a vivência dos fenômenos. Para tanto, fez-se uso do método de entrevistas focalizadas com os pioneiros, de modo que foi identificado o processo de gentrificação e descaracterização da Vila Planalto como um bairro histórico da construção de Brasília, e que apesar de todo o sentimento topofílico de seus pioneiros, atualmente os mesmos percebem negativamente as consequências desses processos. Logo, a pesquisa se traduz apenas como um impulso para trabalhos futuros que busquem a essência de como a Vila Planalto é percebida em termos gerais.

Palavras-chave: Mundo-vivido. Percepção. Vila Planalto. Geografia Humanista.

ABSTRACT

Lifeworld is constructed, gains meaning, is recomposed and recreated through personal relations and relations with the environment. This work aims to understand and to analyse how the Vila Planalto is perceived as lifeworld by its first inhabitants. The analysis is therefore based on a phenomenological approach within a humanistic geographical framework, in which subjectivity, perception, and the experience of phenomena represent central categories of theoretical reflection. The conducted interviews with the pioneers of the Vila Planalto show that they experience a process of gentrification and mischaracterization of the Vila Planalto as a historic district of Brasília. Despite the topophilic meaning they attribute to this district, the recent transformations of the Vila Planalto are perceived as negative. With these results, this work aims to give an impulse for future research on how the Vila Planalto and its transformations are perceived by its inhabitants.

Keywords: World-live. Perception. Vila Planalto. Humanistic Geography.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Localização da Vila Planalto no Plano Piloto, Brasília, Distrito Federal.....	10
Imagem 2 – Início dos acampamentos na Vila Planalto, Plano Piloto, Brasília, Distrito Federal.....	32
Imagem 3 – Primeiras casas da Vila Planalto, Plano Piloto, Brasília, Distrito Federal.....	34
Imagem 4 – Vista da entrada da Vila Planalto (ao fundo, o Congresso Nacional).....	39
Imagem 5 – Carta de Leiliane entregue ao Presidente José Sarney.....	41
Imagem 6 – Carros impossibilitando as brincadeiras de rua na Vila Planalto.....	44
Imagem 7 – Cartaz de “aluga-se” na Vila Planalto.....	45
Imagem 8 – Edificação de <i>kitnets</i> na Vila Planalto.....	46

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 OBJETO DE ESTUDO E PERGUNTA CENTRAL	12
1.2 JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS	12
1.3 REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLOGIA.....	13
1.4 ESTRUTURA DA PESQUISA	16
2 BASES TEÓRICAS.....	18
2.1 GEOGRAFIA HUMANISTA: SUA CONSTRUÇÃO.....	18
2.2 FENOMENOLOGIA.....	21
2.3 GEOGRAFIA E PERCEPÇÃO	24
2.4 MUNDO-VIVIDO: CONCEITUANDO	27
3 PESQUISA EMPÍRICA.....	32
3.1 VILA PLANALTO: UM ACAMPAMENTO	32
3.2 DO PROVISÓRIO AO IRREGULAR.....	36
3.3 VILA PLANALTO: PATRIMÔNIO HISTÓRICO?.....	43
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICES.....	56
APÊNDICE “A” – TRANSCRIÇÃO DA CARTA ENTREGUE POR LEILIANE AO PRESIDENTE JOSÉ SARNEY	57
APÊNDICE “B” – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	58

1 INTRODUÇÃO

A título de contextualização histórico-temporal, no início da construção da nova capital – Brasília, em 1956, o Brasil se encontrava em um período urbano-industrial, pautado por uma política desenvolvimentista. Neste sentido, com base na influência global dos Estados Unidos da América (EUA) como resultado da Guerra Fria, nascia um novo estilo de vida, bastante pautado no *american way*, propagado pelas mídias da época. A caracterização dos chamados “anos dourados”, imbuída do espírito otimista que marcou o governo de Juscelino Kubitschek, teve como resultado transformações sociais, artísticas e culturais, contribuindo para a reconstrução nacional, que já vinha ocorrendo desde o início da década de 1950 até o início dos anos 1960. A empolgação pelo vislumbre de se pensar em construir algo novo, moderno, foi o início de uma nova fase também no âmbito das artes, em que se pensava o cinema, a literatura, a música e o teatro, de novas maneiras, a fim de se criar uma nova estética (RIBEIRO, 2001).

Assim, teve início a materialização do sonho de Brasília. O edital do concurso para o projeto urbanístico de Brasília foi datado para o mês de março de 1957, e 26 projetos participaram da seleção. Com o projeto vencedor e modernista do engenheiro Lúcio Costa, as principais edificações de Brasília foram construídas em três anos e, em 1958, o Palácio da Alvorada já tinha sua fachada em destaque na revista *Manchete*. Kubitschek estava a frente da concretização do sonho de uma capital modernista de arquitetos e urbanistas da época, que a partir do ideal de uma cidade planejada, designavam uma função para cada espaço (trabalho, lazer, moradia etc) (OLIVEIRA, 2009).

Ao passo que o projeto vencedor ia se materializando em meio ao cerrado vermelho, já se tinha certa preocupação em documentar o referido processo para a memória. Logo, o governo publicou 11 livros – a Coleção Brasília – e também a *Revista Brasília*, que teve suas edições distribuídas desde 1957 a 1960, sempre como pauta as ações diárias existentes no grande canteiro de obra que ainda era Brasília.

Brasília vem sendo monitorada e estudada por profissionais das mais diversas áreas (geógrafos, arquitetos, sociólogos etc.) desde antes do dia de sua inauguração, em 21 de abril de 1960. Neste sentido, tem-se, desde então, estudos referentes à primeira geração de moradores, estudos sobre pontos duvidosos do planejamento que não contribuíram para o convívio social, sobre as contradições da cidade materializada e do plano traçado no papel (KORNIS, s. d.).

Nos primórdios da construção de Brasília como nova capital e símbolo de modernidade – *status* o qual o Brasil queria passar pra si mesmo e para o mundo – tem-se a Vila Planalto, com a função de “conjunto habitacional provisório”, com o intuito de receber os donos de mãos e braços fortes que viriam a construir as edificações da sonhada nova capital de Juscelino Kubitschek. A Vila Planalto, localizada na cidade de Brasília, não deveria fazer parte do Plano Piloto. Seu cunho era de acampamento e, quando as construções da capital chegassem ao fim, as construtoras iriam partir e retirar as estruturas de alojamento dos funcionários, que se tratava de casa e barracos de madeira. Entretanto, as obras acabaram e muitos trabalhadores quiseram permanecer em suas casas e, a partir da resistência da população remanescente da Vila, o bairro continua no mesmo lugar até a atualidade (RODRIGUES, 2013).

Durante muito tempo, a Vila Planalto foi considerado um acampamento irregular de resistência. A resistência da população levou à fixação do bairro em uma área ocupada por classes mais altas, por ser o centro da nova capital e, em 1988, o território da Vila Planalto passou de assentamento para patrimônio do Distrito Federal. O interesse de estudo pela Vila Planalto surgiu a partir do momento que se percebe que o local se consolidou em relação às outras áreas com pioneiros e candangos, onde ainda existem moradores contemporâneos a sua história (RODRIGUES, 2013).

Em um recorte espacial privilegiado, entre a Praça dos Três Poderes e o Palácio da Alvorada, hoje a Vila Planalto se destaca por ser um desses poucos conjuntos habitacionais que resistiram, e o único que se encontra dentro da área planejada de Brasília: o Plano Piloto. Na Imagem 1, a seguir, é possível observar a localização da Vila em relação ao Plano Piloto.

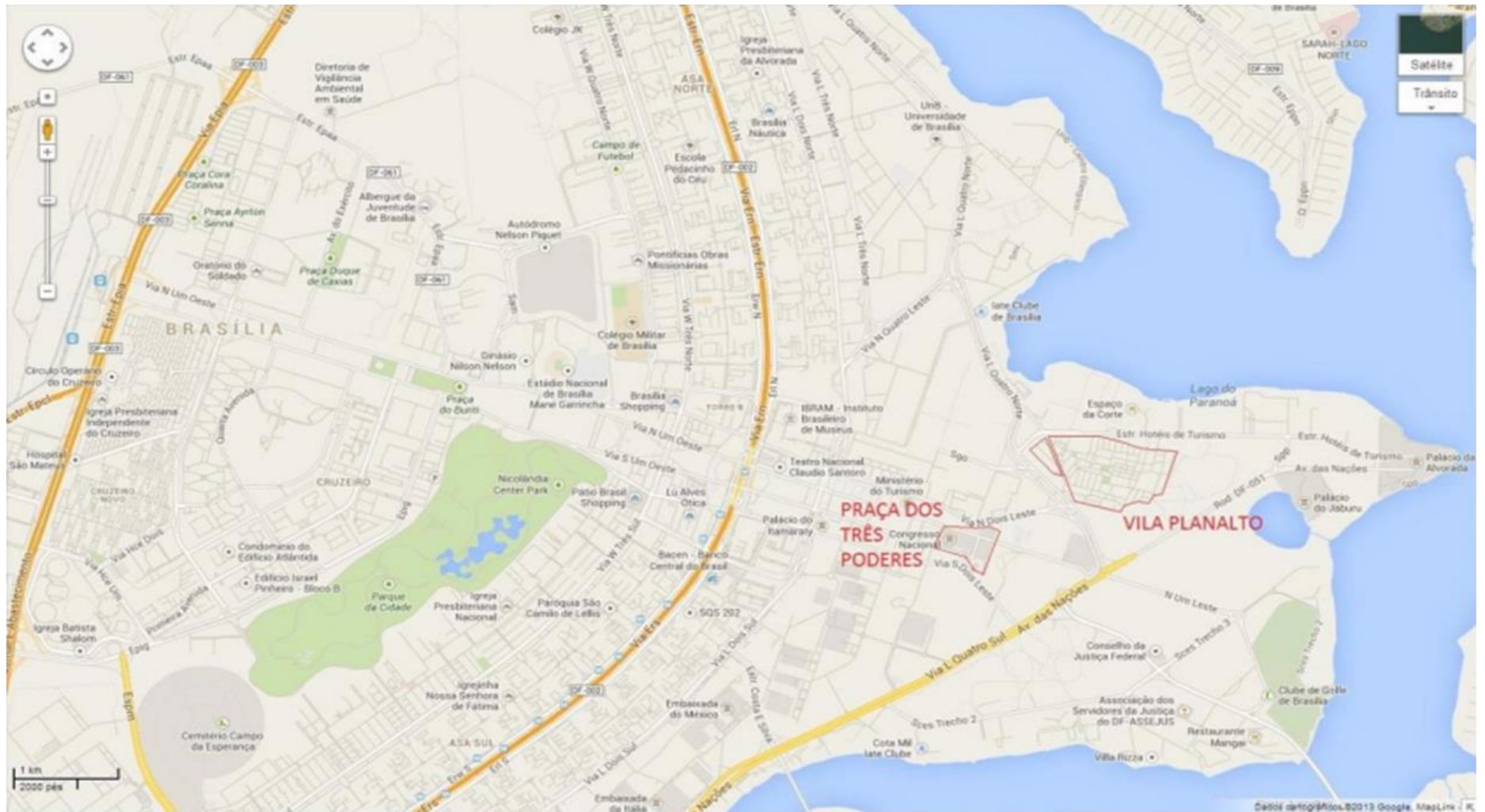


Imagem 1 – Localização da Vila Planalto no Plano Piloto, Brasília, Distrito Federal.

Fonte: Rodrigues (2013, p. 20).

A Vila Planalto, em seu surgimento, era composta por 22 acampamentos, cada um referente a uma companhia da construção civil, a saber: 1) Rabelo; 2) Pacheco Fernandes – responsável pela construção do Palácio da Alvorada e do Brasília Palace Hotel; 3) Tamboril – conhecida anteriormente como “acampamento dos mineiros”, ou seja, dos indivíduos provenientes do estado brasileiro de Minas Gerais; 4) Adil; 5) Atlas; 6) Consispa; 7) CVB; 8) DFL; 9) DTUI; 10) EBE; 11) ECISA; 12) Emulpress; 13) Esol; 14) Nacional; 15) Pederneiras; 16) Planalto – a companhia que teria dado origem ao nome de Vila Planalto; 17) Telebrás; 18) WZK; 19) ECIL; 20) Etil; 21) Taberneira; e, 22) Esol (COÊLHO, 2008). Atualmente existem apenas seis acampamentos, e os três em melhor estado de preservação são os acampamentos Tamboril, Pacheco Fernandes e Rabelo. Neste sentido, é possível perceber que a Vila Planalto foi estruturada como um bairro de cunho provisório e funcional, estruturada – por aparatos sociais (clubes, mercados, moradias) – pelas companhias da construção civil para os seus funcionários, que passavam por diversos cargos (pedreiros, engenheiros e arquitetos), resultando em uma população heterogênea no sentido de classe social. Tal característica se materializou no espaço, sendo o mesmo diferenciado de acordo com a classe social, a profissão e o estado civil. Assim, logo que os imigrantes chegavam, já eram encaminhados de acordo com esses quesitos.

Após a inauguração da capital, o ritmo de trabalho foi desacelerando e, com isso, as empreiteiras aos poucos foram se retirando e desentendendo a infraestrutura que haviam construído para ser suporte dos trabalhadores em geral.

Do lado norte da Esplanada dos Ministérios e muito próximo à Praça, foram instalados desde o início das obras acampamentos das empreiteiras. Como ali residiam os engenheiros, e não apenas os operários, as casas foram ficando o lugar era agradável, as casas de madeira escondidas pelo arvoredo e a Vila Planalto sobreviveu. Esse assentamento de mais de 25 anos transformou-se numa espécie de testemunho da fase inicial da construção de Brasília. A legitimação de uso residencial unifamiliar naquele ponto torna a área circunvizinha extremamente vulnerável a pressões no sentido da expansão do loteamento, o que viria a comprometer de maneira desastrosa o percurso entre a cidade e o Palácio da Alvorada (COSTA, 1957, p. 17).

Tem-se aí a primeira transformação no contexto da Vila: de acampamento provisório e funcional, para um bairro irregular e, posteriormente, com o marco do tombamento, de modo que é possível perceber a história da Vila Planalto nesses três atos. Assim, a partir do discurso de indivíduos que viveram esses momentos, faz-se importante uma análise estruturada pelo método fenomenológico, a fim de saber como o mundo-vivido dos pioneiros e o cotidiano da

Vila Planalto se transformou. Para tanto, é imprescindível a exploração do surgimento do conceito de mundo-vivido no âmbito da Geografia.

O mundo-vivido, ou seja, o mundo experienciado como cenário, tanto o natural como o construído pelo homem, e como ambiente que provê sustento e moldura para a existência, se constrói por diversos âmbitos do modo de vida em sociedade, evidenciando as muitas variáveis, materiais e imateriais; porém, é percebido singularmente por cada indivíduo que o vive, que o experiencia.

O conhecimento geográfico vem de uma trajetória de constante transformação e autoconstrução, desenvolvendo diversas perspectivas de análise. As primeiras ideias e o desenvolvimento da Geografia Humanista como um meandro da Geografia surge em contraponto aos métodos positivistas, pois, ao longo da trajetória da ciência geográfica, a mesma vem tendo como preocupação maior a compreensão das contradições do mundo por meio das relações sociais que se dão no meio ambiente, deixando, entretanto, à margem as subjetividades de quem vive o meio-ambiente.

1.1 OBJETO DE ESTUDO E PERGUNTA CENTRAL

O objeto de estudo da presente pesquisa é identificado como a percepção da transformação do mundo-vivido dos primeiros moradores da Vila Planalto, buscando o entendimento de como as transformações materiais e imateriais do bairro são percebidas pelos seus pioneiros, e como isso se reflete em suas próprias vivências e cotidiano. Neste sentido, tem-se o seguinte questionamento: em que aspectos e de que maneira tal transformação é percebida? Ou seja, os primeiros moradores da Vila Planalto percebem a transformação do seu mundo vivido?

1.2 JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

A partir da ideia de se analisar os processos urbanos que ocorrem na Vila Planalto por uma ótica mais humanista, por meio de uma abordagem fenomenológica refeita a luz da Geografia Humanista, a presente pesquisa teve por objetivo contribuir para a construção de um conhecimento pautado pelo método fenomenológico dentro da Geografia, com o intuito de evidenciar como as experiências individuais subjetivas e as experiências coletivas intersubjetivas podem desvendar nuances da relação de uma população com o seu lugar.

As linhas que se seguem também se justificam no sentido de abordar uma temática que ainda não havia sido contemplada em trabalhos voltados para a Vila Planalto, como, por exemplo, o trabalho de Coêlho (2006), intitulado *Changements dans les coulisses de Brasília. Les ambiguïtés du processus de maintien de Vila Planalto (1956-2006)*, e o trabalho de Rodrigues (2013), intitulado *Vila planalto: de acampamento ao contexto de Brasília patrimonializada*, que apesar das muitas informações aqui supramencionadas, não possuem a percepção dos pioneiros da Vila Planalto como objeto central, que busca revelar, a partir de uma parte da população, as necessidades sociais e reflexões subjetivas em relação ao bairro em questão.

Por fim, a pesquisa buscou contribuir para a investigação do fenômeno de gentrificação: processo urbano que se dá em cidades de todo o globo, caracterizado pela transformação das dinâmicas que compõe o local, tal como novos pontos comerciais ou construção de novos edifícios, valorizando a região e afetando a população de baixa renda local. Tal valorização é seguida de um aumento de custos de bens e serviços, dificultando a permanência de antigos moradores de renda insuficiente para sua manutenção no local cuja realidade foi alterada (SMITH, 2007). Porém, em cada lugar, o mesmo ocorre de modo singular, pois, cada lugar possui sua especificidade, e a Vila Planalto possui muitas peculiaridades no seu processo de desenvolvimento de bairro que é hoje.

1.3 REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLOGIA

Entre os séculos XIX e XX, a Geografia possuía paradigmas que a identificavam como mais uma das Ciências Naturais. Posteriormente, adquiriu um cunho mais crítico, onde se pensava qual a influencia do espaço nos grupos sociais, configurando-se em um novo paradigma, onde os grupos humanos eram o principal objeto de análise, pensando em sua distribuição e como os mesmos estavam inseridos em seus meios. Neste sentido, alguns autores, como Carl Sauer, por exemplo, que resolveram se aprofundar nas temáticas “história da cultura no espaço”, “ecologia cultural” e “desenvolvimento do conceito de paisagem cultural” – estruturas basilares do pensamento geográfico cultural.

Segundo Rosendahl e Corrêa (1999), a Geografia Cultural vinha sofrendo críticas ferrenhas, uma vez que muitos autores questionavam a clareza de seus conceitos – sua visão de cultura como entidade supraorgânica, entre outros – que se constituíam nos pilares da crítica à Geografia Cultural saueriana e a afetividade de sua metodologia.

Na década de 1960, certos autores começaram a aspirar uma renovação da Geografia Cultural, tendo como ponto de partida as reflexões de David Lowenthal (1975, p. 12), que propunha que a Geografia “deveria abarcar os vários modos de observação, o consciente e o inconsciente, o objetivo e o subjetivo, o fortuito e o deliberado, o literal e o esquemático”.

A Geografia, então, passa a ser pensada também com base no ser humano, na vivência de fenômenos complexos (cultura, sociedade, natureza), onde o entendimento essencial apenas é possível por meio da experiência vivida, e por uma reflexão dos sentidos assumidos por quem as vive. Por volta desse mesmo contexto temporal, outros dois autores devem ser ressaltados, a saber: Yi Fu Tuan (1982), que em sua obra *Topofilia*, propõe que a Geografia renove seu pensamento em relação ao homem e seu mundo-vivido; e, Anne Buttimer (1982), que entre tantas contribuições, foi uma das primeiras a se pensar na fenomenologia como algo a ser agregado pelas categorias geográficas. Ou seja, essa nova perspectiva é pautada em bases teóricas que valorizam a experiência, a memória, os sentimentos, a subjetividade e a intersubjetividade.

Em suma, “a Geografia Humanista procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar” (TUAN, 1982, p. 12).

A partir daí, antigas categorias geográficas foram repensadas e novas surgiram, entre as quais: paisagem, mundo-vivido, cultura, percepção e lugar, tonando possível a consolidação da Geografia Humanista, que, “ao estruturar-se, buscou e estabeleceu para seus estudos um aporte filosófico e conceitual baseado na fenomenologia, procurando assim entender como as atividades e os fenômenos geográficos revelam a qualidade da conscientização humana” (HOLZER, 1999, p. 23).

Como resultado dessas discussões, tem-se aqui a apropriação de parte da base filosófica fenomenológica de Husserl (1990, p. 35), onde a máxima “compreender as coisas em si mesmas” torna-se bastante pertinente para o aborte teórico da Geografia Humanista, tendo em vista que a mesma tem relação com a origem de significados e experiências. A ideia da combinação de estudos geográficos com o método fenomenológico amadureceu, e Anne Buttimer (1982), em suas contribuições, discorreu sobre o existencialismo e a fenomenologia como métodos possíveis para as temáticas geográficas. Para aquela autora, a característica que chama a atenção para essas metodologias filosóficas é o fato de ambas buscarem “abranger a totalidade do ser – percepção, pensamento, símbolo e ação – o que se constata na prática onde se torna impossível delimitar claramente o que é sujeito e o que é objeto” (HOLZER, 1999, p.

140), ou seja, um método que conseguisse suprir toda essa ânsia geográfica de explicar a relação homem-natureza, de forma holística, sem marginalizar nenhum aspecto dessa relação.

Assim, a característica que faltava para personalizar essa Geografia Cultural que transformara suas temáticas, agora voltadas para a percepção ambiental, tinha se encontrado com a fenomenologia, e foi uma questão de tempo para que os meios acadêmicos e intelectuais assimilassem o novo campo que, pouco tempo depois, teve seu manifesto publicado, identificado como Geografia Humanista. Posteriormente, percebeu-se que a Geografia Humanista não tinha se apropriado por completo do método fenomenológico. Não houve uma preocupação em se aplicar o método com o rigor proposto por Husserl (1990), considerado de difícil compreensão, de modo que a Geografia Humanista se apropriou principalmente de conceitos como “mundo-vivido” e o “ser-no-mundo”.

Diante do exposto, tem-se, assim, o surgimento da Geografia Humanista, corrente geográfica de base para as linhas que se seguem, principalmente no que tange à metodologia fenomenológica, promovendo um estudo de caso do bairro da Vila Planalto, na tentativa de traçar como e quais as principais transformações que os seus pioneiros percebem no seu mundo-vivido.

Para a pesquisa empírica, pensou-se em entrevistar os pioneiros da Vila Planalto. Neste sentido, é preciso atentar que o termo “pioneiro” já é bem claro para a população em geral, no sentido em que já compreendem que os pioneiros são os indivíduos advindos de outros Estados que vieram contribuir de algum modo para a construção de Brasília e, na análise aqui empreendida, são aqueles que se estabeleceram na Vila Planalto. E é justamente por isso que esse grupo de entrevistados foi escolhido, pois são indivíduos que vivenciaram a história da Vila Planalto desde o seu início, quando ainda era vista como um canteiro de obra, e muitas vezes chamada de bastidor da construção da nova capital.

O grupo de pioneiros remanescentes na Vila nos dias de hoje é pequeno, sendo possível o acesso há apenas dez destes indivíduos. A seleção destes se deu de modo bastante orgânico, no sentido em que, a pesquisadora responsável pelo presente estudo, moradora da Vila Planalto e neta de pioneiros, já tinha conhecimento de algumas figuras importantes no processo de fixação dos acampamentos. As entrevistas se deram a partir do avô desta e, ao final da entrevista, questionou-se quais outros personagens poderiam se encaixar no perfil de pioneiro. Logo, foi possível o contato com os indivíduos sugeridos, sendo que alguns se disponibilizaram para tal, e outros, por motivos pessoais, não. Tal processo se repetiu com cada entrevistado, fazendo com que se chegasse ao quantitativo supramencionado.

Certamente, um número maior de entrevistados agregaria mais informação à pesquisa; entretanto, o prazo para pesquisa de campo dentro do cronograma já havia se cumprido.

O tempo de duração das entrevistas foram, em média, de 30 minutos por entrevistado. Mas ocorreram também entrevistas de 15 minutos, e outras de até 1 hora. E quase todas foram feitas individualmente, exceto duas pessoas que foram entrevistas individualmente, porém, uma na presença da outra. A princípio era difícil os entrevistados desapegarem de um discurso já formado em relação à história da Vila Planalto, pois muitos citaram já terem sido entrevistados por serem pioneiros. Entretanto, na pesquisa em questão, era sabido o objetivo de mergulhar em suas histórias pessoais, e não na história, em geral, do bairro.

As entrevistas foram feitas no período de seis meses – o segundo semestre do ano de 2015 – período relativamente longo para entrevistar dez pessoas, uma vez que entre uma entrevista e outra fosse possível analisar os relatos sem que as histórias e seus sentidos se misturassem umas com as outras. Após o término das entrevistas, os arquivos de áudio foram transcritos, e as transcrições se encontram nos Apêndices “A” e “B”, ao final da pesquisa.

Também é preciso salientar que os nomes dos entrevistados partícipes no texto corrido que se segue são de cunho fictício em função da anonimização dos mesmos.

Apesar de ser moradora da Vila Planalto, a proposta é de se fazer uma análise em que a percepção do bairro pela autora não entre em questão. Entretanto, inconscientemente, isso é algo que possa transparecer nas análises que se seguem, mas com o foco em observar e analisar as percepções dos pioneiros, com o intuito de ir além do que foi meramente dito, buscando todos os possíveis significados dos elementos da linguagem que possam subsidiar uma análise substancial do fenômeno da transformação do mundo-vivido.

1.4 ESTRUTURA DA PESQUISA

O presente trabalho foi composto pela introdução e mais cinco capítulos, sendo o primeiro capítulo as linhas introdutórias, onde se tem uma contextualização geral do tema. Posteriormente, tem-se a apresentação dos objetivos, do objeto, da justificativa, os procedimentos metodológicos e a estrutura da pesquisa. O segundo capítulo é representado pelas bases teóricas que pautam a pesquisa, sendo dividido em cinco subcapítulos, a saber: 2.1 A geografia humanista: sua construção, 2.2 Fenomenologia; 2.3 Geografia e percepção; 2.4 O conceito de mundo-vivido; e, por fim, 2.5 A operacionalização do método fenomenológico.

O terceiro capítulo foi destinado à parte empírica da pesquisa, que trata da análise do discurso dos indivíduos entrevistados, tendo como base as entrevistas e o referencial teórico já apresentado. Este capítulo se dividiu em três subcapítulos, a saber: 3.1 Vila Planalto: um acampamento; 3.2 Do provisório ao irregular, que vai discorrer sobre como a Vila Planalto era percebida em situação de irregularidade; e, 3.3 Vila Planalto: patrimônio histórico?, que tratou da Vila Planalto percebida depois do marco de seu tombamento.

Como conclusão do trabalho, tem-se o capítulo destinado às considerações finais, que tem como foco as percepções da autora sobre a realização do mesmo, possíveis respostas da pergunta central e vislumbres de pesquisas futuras.

2 BASES TEÓRICAS

2.1 GEOGRAFIA HUMANISTA: SUA CONSTRUÇÃO

Antes de se adentrar nas limitações metodológicas e epistemológicas da Geografia Humanista, faz-se importante um resgate do surgimento mais amplo do conceito “humanista”.

A busca pela compreensão dos ensinamentos de pensadores clássicos nas diversas áreas do conhecimento humano, bem como revigorar tais conhecimentos continuando as investigações até então iniciadas, é o objetivo filosófico de Petrarca, que, além de sua vontade, obteve também os meios e a oportunidade de iniciar, além de uma revolução cultural, transformações no modo de vida e no modo de pensar, que mais tarde se tornariam as bases do pensamento humanista. Assim, Petrarca é tido como o primeiro dos humanistas – movimento intimamente ligado ao Renascimento, que representou uma profunda ruptura com um modo de vida pautado no fanatismo religioso, para, então, suscitar em uma esfera materialista e antropocêntrica. Se antes Deus e a Igreja eram o centro e “guiavam” o homem e seus passos, agora é o homem por si só, através das mais aprofundadas reflexões filosóficas, tem sua caminhada rumo ao Iluminismo. A partir daí, o centro de tudo se deslocava do Divino para o Humano, consolidando o pensamento humanista (SANTORO, 2010).

O Humanismo defende que a humanidade possui uma virtude natural, e que esta é evidente nos indivíduos humanos, nos interesses humanos e nas obras humanas.

Apenas no século XVII, quando a ciência experimental apareceu com seu novo método e definição de pesquisa, é que uma metodologia essencialmente humanista foi proposta. Os humanistas foram posteriormente confrontados por esse poderoso oposto epistemológico, o qual criticaram ferreamente seus métodos de investigação, postulando que o método científico é o único caminho para o conhecimento. Em contraponto, os humanistas argumentaram, de forma cabível,

[...] que o cientista cartesiano pode ser capaz de explicar o mundo objetivo, e até mesmo a consciência humana, mas que só o humanista, usando as ferramentas humanistas de empatia, interpretação e julgamento crítico, pode ter esperança de “compreender” estas coisas como eles aparecem, a partir do interior, para atores humanos. E a virtude da consciência humana e o mundo humano exige o reconhecimento de que só vem pelo seu ser compreendido (BACKHAUS, 2009, P. 213).

Com o passar do tempo, o pensamento humanista foi cada vez mais se estreitando e adequando de acordo com as categorias das áreas do conhecimento que resolvessem agregar suas premissas em suas investigações. Então, em 1920, Carl Sauer e outros geógrafos já faziam uso do termo “humanista” em um sentido ainda mais estreito, para descrever certa parte da Geografia que ainda germinava; porém, não era apenas diferente nas temáticas de pesquisa da Geografia Física, mas que também se fazia necessária de uma metodologia diferenciada do método cartesiano positivista, pois se tratava de temas culturais.

Em 1947, o presidente da *Association of American Geographers* (AAG), John Kirtland Wright, faria um discurso instigando os geógrafos a explorar as “terras incógnitas pessoais” (HOLZER, 2008, p. 138). Ali se propunha a incorporação da subjetividade individual, a partir da aplicação de saberes leigos com cunho geográfico, decorrendo em uma disciplina que fosse além das análises sistemáticas, algo que poderia ser chamado de uma “geosofia histórica”, definida como:

[...] o estudo da sabedoria geográfica de qualquer ou todos os pontos de vista. É para a geografia o que a historiografia é para a história; trata da natureza e da expressão da sabedoria geográfica no passado e no presente – com o que Whittlesey chamou de 'senso humano de espaço terrestre'. Isto se estende então muito além do núcleo do conhecimento científico geográfico ou do conhecimento geográfico sistematizado de outras formas pelos geógrafos. Tomando em conta todo o domínio periférico, cobre as ideias geográficas, verdadeiras e falsas, de todas as maneiras das pessoas - não apenas geógrafos, mas fazendeiros e pescadores, empresários e poetas, romancistas e pintores, beduínos e Hottentots – e por esta razão necessariamente tem muito a ver com concepções subjetivas (WRIGHT, 2014, p. 8-12).

Já nos anos 1960, tinha-se um momento de profundas transformações comportamentais, com a eclosão do feminismo e outros movimentos sociais, como, por exemplo, a igualdade de “raças” – bandeira levantada principalmente pela comunidade negra –, e também o surgimento das reivindicações dos grupos homossexuais. Além do movimento *hippie*, que se opunha à Guerra Fria e à Guerra do Vietnã. Esse levante cultural também ficou conhecido como “contracultura”. Ou seja, de certa forma e felizmente, esses ideais foram, em parte, absolvidos pela comunidade acadêmica. Neste sentido, James Parsons, um geógrafo jovem da época, questionou:

A geração estamos ensinando nos dá indicação de ser mais preocupados com a estética, valores humanos, e algo que chamam de "estilo de vida" do que com “leis” sociais ou análises mecanicistas do faz de conta ou mundo dos modelos. Assim, uma "abordagem humanista " pode ser mais apropriado para a próxima geração, e a régua de cálculo e o computador pode muito bem estar perdendo terreno na luta pela alma da geografia. (BACKHAUS, 2009, P. 134).

Sob toda essa agitação social, um antigo estudante de Sauer, David Lowenthal, com o intuito de renovar a Geografia Cultural (pois, nos Estados Unidos da América (EUA), localidade de maior expansão e desenvolvimento, a abordagem cultural já havia perdido bastante importância no meio acadêmico), resgatou e fez uma nova leitura da obra de Wright. Sua proposta era ofertar uma nova epistemologia para a Geografia (HOLZER, 2008). O debate para o qual ele chamava atenção se diferenciava da preocupação da busca de metodologias que se encaixassem aos modelos matemáticos, norteando para a fundamentação de uma teoria do conhecimento geográfico, partindo da “geosofia”, com o intuito de se desenvolver um “projeto de ciência que englobasse os vários modos de observação, o consciente e o inconsciente, o objetivo e o subjetivo, o fortuito e o deliberado, o literal e o esquemático” (HOLZER, 2008, p. 138).

Contemporâneo a Lowenthal, porém, com referências distintas, Tuan propõe “uma Geografia dedicada ao estudo do amor do homem pela natureza” (HOLZER, 2008, p. 138), a qual ele denominou toponímia. Assim, pretendia-se que a Geografia expandisse suas investigações até às vivências, que se desdobram desde a casa como lar, para as paisagens mais amplas como as cidades, das paisagens mais humanizadas para os horizontes mais selvagens.

As ideias desses dois autores e, mais tarde, o encontro dos mesmos, são os primórdios da renovação radical da Geografia Cultural, com a percepção de novos paradigmas e abordagens. E, pouco tempo depois, as primeiras ideias remeteriam às abstrações mais profundas e estruturadas.

Já em 1965, em outro encontro da AAG, com o tema proposto por Lowenthal e mais dois geógrafos – Robert Kates e Gilbert White – que se dedicavam à investigação de catástrofes ambientais, foi o momento ideal para o encontro de Tuan e Lowenthal, uma vez que o simpósio tratava da percepção ambiental e do comportamento. Assim, para o entendimento da linha de pensamento de ambos, é importante saber que, para Lowenthal,

[...] os estudos geográficos se dividem em três temas: 1) a natureza do ambiente; 2) o que pensamos e sentimos sobre o ambiente; 3) como nos comportamos e alteramos o ambiente. O principal problema da geografia, dizia ele, é que só se preocupa com o primeiro tema, considerado como o “mundo real”. O “meio pessoalmente apreendido”, ligado ao comportamento humano e ao modo como a paisagem é modelada e construída, vinha sendo negligenciado (HOLZER, 2008, p. 138-139).

Lowenthal (1975) faz justamente um chamado para que haja, de fato, tal expansão temática da Geografia. Já para Tuan (apud HOLZER, 2008, p. 139), os conceitos geográficos poderiam ser assim interpretados:

1) a partir dos processos físicos que afetam as formas da Terra; 2) nas marcas que o homem imprime na natureza como agente. Sendo que este segundo modo se relacionaria com as humanidades. O referido autor levantava e enumerava diversas “aproximações humanistas”, tais como: as atitudes do indivíduo em relação a um aspecto do ambiente; atitudes do indivíduo com relação às regiões; a concepção individual da sinergia homem-natureza; a atitude dos povos acerca do ambiente; e as cosmografias nativas. Outra destas aproximações ele considerava como que totalmente negligenciada: a das atitudes em relação à natureza focalizando a atenção nas paisagens que adquirem um significado simbólico especial.

Com os referidos pensamentos lançados no simpósio, foi traçado um plano básico de temas a serem abordados pela Geografia Cultural e Histórica, a começar pelo “‘meio pessoalmente apreendido’ e as ‘aproximações humanistas’” (HOLZER, 2008, p. 139). Entretanto, esse novo meandro da Geografia ainda carecia de um abordagem, um contexto teórico-conceitual ou até mesmo uma nova epistemologia para a ciência geográfica, que estivesse de acordo e sustentasse essas novas temáticas propostas que, por muito tempo, foram negligenciadas pelo fato de métodos positivistas cartesianos não serem capazes de atingir a essência dos fenômenos humanistas, sendo estigmatizados como de menor valor, ou muitas vezes sem nenhum.

2.2 FENOMENOLOGIA

Às linhas temáticas traçadas fazia-se necessário um novo aporte teórico, que nesse caso se ajustou, de certo modo, à fenomenologia.

A partir da sensação captada pelos nossos cinco sentidos, tem-se a primeira percepção do mundo, da realidade em si, ou seja: “Pela percepção, formam-se imagens que têm significados diferentes para quem as capta, dependendo de sua cultura, tempo histórico, situação psicológica, entre outros” (ROCHA, 2002, p. 67). Normalmente, são levados em consideração apenas os aspectos concretos, objetivos, das imagens. Entretanto, Lurdes Bertol aponta que os seres humanos são duais, ou seja, têm uma visão externa (mundo concebido) e uma visão interna (mundo percebido, mundo subjetivo) do mundo que os cerca (ROCHA, 2005). Assim, é possível afirmar que cada um desses mundos possui abordagens de análises diferentes, e que cada um tem seu valor; a superestimação de um ou de outro não deve ser feita, uma vez que eles são complementares.

Edmund Husserl (1859-1938) foi o precursor do método fenomenológico, que mais tarde se desenvolveria em um movimento que tocava uma boa parte da filosofia do século XX, se estendendo depois a todas as áreas das Ciências Humanas. O método fenomenológico desenvolvido por Husserl se refere principalmente à análise da essência do dado, do fenômeno. Foi o método filosófico que mais se espalhou após a Segunda Guerra Mundial, juntamente com o lógico-matemático.

De acordo com a Fenomenologia, antagonicamente ao que ocorre com as Ciências Naturais, é possível entender que os fenômenos também são “coisas” que se dão apenas no âmbito do pensamento, no campo das ideais, criadas pela ação e pelas práticas humanas, como, por exemplo, crenças, valores morais, técnicas, artes e instituições. Neste sentido, Husserl (1990, p. 182) entende por fenômeno:

[...] tudo aquilo que é vivência, na unidade de vivência de um eu: fenomenologia é, por conseguinte, a doutrina das vivências em geral, abrangendo também a doutrina de todos os dados, não só os genuínos, mas também os intencionais, que podem ser evidenciados nas vivências.

Analisando o ideal de Husserl, Chauí (1995, p. 238 apud ROCHA, 2002, p. 67-79) atenta que a Fenomenologia é “a descrição de todos os fenômenos, ou eidos, ou essências, ou significação de todas essas realidades: materiais, naturais, ideais, culturais”. Para Husserl (1990), o psíquico é, em si, um fenômeno, e não uma coisa, pois, o fenômeno é consciência, e a coisa é algo físico.

[...] a maioria das percepções dos estados psíquicos não pode ser evidente, já que eles são percebidos como localizados no corpo. Percebo que a tristeza me dá um nó na garganta, que a dor me dói o dente de que a pena me corta o coração, no mesmo sentido em que percebo que o vento sacode as árvores, que esta caixa é quadrada e pintada de marrom, etc. Aqui estão presentes, sem dúvida, além das percepções internas, também as externas; mas nem por isso os fenômenos psíquicos percebidos existem tais como são percebidos (HUSSERL, 1990, p. 15).

A Fenomenologia tem como objetivo perceber a essência do que é humano em sua essência; “tem a ver com princípios, com as origens do significado e da experiência” (RELPH apud ROCHA, 2002, p. 8). O que leva a pensar e diferenciar que os fenômenos podem ser humanos ou naturais. Assim, é possível caracterizar um fenômeno natural como um fato essencialmente objetivo, e o fenômeno humano é aquele que escapa a um método objetivo, que deve ser analisado à luz da linguagem da experiência vivida. A partir do questionamento de Dartigues, é possível visualizar e refletir sobre essa diferenciação: “Que relação permanece entre o mundo de que fala o físico e aquele de que fala o poeta ou do qual todos falamos na

linguagem da vida cotidiana?” (DARTIGUES apud ROCHA, 2002, p. 23). No âmbito da pura objetividade, o ser humano é deslocado e posto à margem, ou seja, ausentado da situação, resultando em um terreno árido, sustentado apenas por conceitos. Na reflexão fenomenológica não se faz uma crítica exatamente ao método de pesquisa puramente objetivo, mas sim, à sua hegemonia em detrimento de outras formas de conhecimento; ou seja, não é um objetivo comum da fenomenologia que se marginalize as ciências positivistas, algo que se pode classificar como impossível nos dias de hoje, mas sim agregar a esse mundo positivista o mundo da vida, das experiências humanas, do seu cotidiano cheio de sentidos e significados. Nessa linha de pensamento, o método fenomenológico iniciado por Husserl foi desenvolvido para transformar a relação do ser humano com o mundo em questão, para que o seu sentido seja plenamente entendido. Em suma, para a Fenomenologia, “não se pode separar a ciência do cientista, o sujeito do objeto, o criador da criatura” (OLIVEIRA; CUNHA, 2008, p. 48).

Conforme Martins, Boemer e Ferraz (1990), depois de se lograr a descrição dos indivíduos que vivenciam o fenômeno estudado, o próximo passo a ser dado pelo pesquisador é a análise da mesma. Para tanto, isso não há apenas um procedimento, e nem mesmo algo pré-estabelecido que possa ser apenas rigorosamente seguido.

[...] existem trajetórias que podem revelar caminhos adequados na busca da compreensão do fenômeno. Trata-se de um caminhar gradativo, relacionado ao próprio desenvolvimento da fenomenologia, enquanto alternativa metodológica de pesquisa nas ciências humanas e sociais (MARTINS, 1992 apud OLIVEIRA; CUNHA, 2008, p. 9).

Aquele autor também aponta três momentos para uma análise fenomenológica: a descrição, a redução e a compreensão. A descrição fenomenológica é formada por três componentes, a saber: “a percepção, a consciência que se dirige para o mundo-vivido e o sujeito que se vê capaz de experimentar o corpo-vivido através da consciência” (MARTINS, 1992 apud OLIVEIRA; CUNHA, 2008, p. 10).

Já a redução fenomenológica é o:

[...] momento em que são selecionadas, por intermédio da variação imaginativa, as partes essenciais da descrição do sujeito pesquisado. O pesquisador imagina cada parte da descrição como estando presente ou ausente na experiência, até que a mesma seja reduzida ao essencial para a existência da consciência da experiência. (MARTINS, 1992 apud OLIVEIRA; CUNHA, 2008, p. 10).

Ou seja, buscam-se justamente os elementos de tal experiência descrita, que sejam realmente elementos da consciência do ser humano.

E, finalmente a compreensão fenomenológica, que segundo Martins (1992 apud OLIVEIRA; CUNHA, 2008, p. 10):

consiste em refletir sobre as partes da experiência que nos parecem possuir significados cognitivos, afetivos e conotativos e, sistematicamente, imaginar cada parte como estando presente ou ausente na experiência. Através da comparação no contexto e eliminações, o pesquisador está capacitado a reduzir a descrição daquelas partes que são essenciais para a existência da consciência da experiência.

O caminho do estudo fenomenológico tem como fim realizar uma ligação direta com o fenômeno vivido pelo indivíduo estudado. Para entender o referido fenômeno é crucial um resgate do discurso, da descrição mais abrangente do indivíduo com o objetivo de alcançar uma maior aproximação com a “densidade semântica do fenômeno. Apenas um vocábulo, uma expressão, um conceito, uma definição não poderá expressar tudo o que há a ser falado em relação ao que se pretende investigar” (OLIVEIRA; CUNHA, 2008, p. 11).

2.3 GEOGRAFIA E PERCEPÇÃO

A partir da percepção de um indivíduo, de uma comunidade, de uma cultura, os signos ganham significados. Se o fato perceptivo for estudado pela Fenomenologia, ela buscará explicar o que é a percepção, e não como ela ocorre. Neste sentido, para a filosofia fenomenológica, a percepção é:

[...] um modo de nossa consciência relacionar-se com o mundo exterior pela mediação de nosso corpo [...] é um certo modo de a consciência relacionar-se com as coisas, quando as toma como realidades qualitativas [...] é uma vivência (CHAUÍ apud ROCHA, 2002, p. 75).

Logo, é possível inferir que a percepção é a forma como, a partir dos sentidos, “as coisas do mundo natural ou humano chegam à consciência” (ROCHA, 2002, p. 75). Ou seja, é a forma como as pessoas se relacionam com as coisas em geral. O fato de, por exemplo, a rodoviária de certa cidade pode ser percebida de formas distintas e por pessoas diferentes. Cada um tem uma imagem de sua cidade, e isto tem a ver com a forma de como cada um a percebe, como cada um a vive, e de como o ser humano se sente em relação à ela, uma vez que “tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo, sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 3 apud SURDI et al., 2015, p. 45).

Sobre o termo “geografia”, Relph (1979, p. 12) classifica-o em quatro significados:

[...] como disciplina acadêmica administrativamente distinta; como um corpo formal de conhecimento no qual são levados em conta os arranjos espaciais, as relações homem-natureza; como a ciência que se dedica ao arranjo espacial e cartográfico específico das coisas, regiões e nações; como o padrão pessoal de atividades e encontros com lugares e paisagens.

É de acordo com este último significado de Geografia que o objeto de estudo desta ciência tem sua relação, pois, tendo como base a Fenomenologia, busca ainda, segundo Relph (1979, p. 21):

- a intenção, ao observar um fenômeno geográfico de experiência, de contato, é descrever, não explicar, a coisa experimentada;
- ao descrever o fenômeno, colocar-se no lugar dos que o estão experimentando;
- fazer uso do maior número possível de fontes;
- procurar consistência e estruturas nos significados do fenômeno;
- a partir da identificação e interpretação das estruturas de experiência (geográfica), examinar onde essas estruturas se originam, como se desenvolvem e sofrem transformações, procurando colocá-las num contexto de origem mais amplo..

A partir das premissas fenomenológicas, a Geografia da Percepção começou a investigar o espaço, a paisagem e os lugares, levando em consideração a experiência e vivência de seus habitantes, atingindo, assim, a imagem de muitos bairros dentro de um só bairro, por exemplo.

Dardel assegura que a Geografia não é apenas uma forma de conhecimento, que a existência desta ciência não se deve apenas a um objeto, e que o espaço geográfico não é um espaço vazio, em branco, que anseia ser ocupado, mas sim, a ciência geográfica “pressupõe um mundo que pode ser entendido geograficamente e, também, que o homem possa sentir e conhecer a si como sendo ligado a Terra” (RELPH, 1979, p. 1-25). Neste sentido, os indivíduos possuem experiências positivas ou negativas dos lugares, espaços e paisagens, mesmo sendo leigos em relação à Geografia como uma ciência acadêmica.

Yi-Fu Tuan (1980; 1983), como um dos primeiros geógrafos a ciscar nas terras do método fenomenológico, como ferramenta para investigar a disposição do espaço pelo ponto de vista da percepção, da vivência do cotidiano e da significação dos signos, interpreta as distintas formas dos seres humanos sentirem e conhecerem o espaço e o lugar, atentando para o fato do ser humano se encontrar ao mesmo tempo em muitos planos, no plano do instinto,

no imaginativo e no matemático, que colaboram com a vivência e compreensão do mundo que o cerca. Aquele autor ainda afirma que a:

[...] percepção é tanto a resposta dos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura (TUAN, 1980. p. 4).

A percepção se dá a partir da bagagem de subjetividade, de consequências das experiências vivenciadas pelo indivíduo que percebe, e sua relação com o lugar, no sentido material e imaterial, que também farão interferência nessa percepção. Entretanto, o quesito do tempo nesse lugar tem seu destaque em Tuan, como algo em que se possa medir a profundidade das apreciações e experiências que se pode ter em um lugar, ou seja, uma pessoa que mora a mais tempo em um bairro tem chances de ter vivenciado apreciações e experiências mais profundas, do que um certo vizinho que chegou a pouco tempo. Porém, uma vivência muito intensa basta para se ter uma percepção que não seja superficial. Logo, conforme a intensidade das vivências de certas pessoas de um lugar específico, elas poderão desenvolver sentimentos de amor que, segundo aquele autor, podem ser classificados como topofilia ou sentimento de repulsa, medo, conceituado de topofobia pelo autor.

A percepção, então, pode se transmutar conforme as seguintes variáveis: sexo, idade, tempo de residência, classe social e etnicidade.

A Fenomenologia e a percepção na Geografia são aspectos tratados como métodos úteis para se capturar de modo mais humano as questões humanas, uma vez que:

[...] todas as ações humanas originam-se de algum tipo de sentimento: amor, ódio, avareza, destemor, afirmação, entre tantos outros. São estes sentimentos que determinarão a forma, o conteúdo e o fluxo dos elementos das paisagens geográficas (ROCHA, 2002, p. 67-79).

Assim, os sentimentos humanos se imprimiram no espaço geográfico, se configuraram de acordo com os mesmos, de modo que se tem um retrato em constante construção, pois, a cada cultura que se sucede em determinado espaço, cada uma vai deixar sua marca na paisagem.

Neste sentido, é possível entender que:

os sentimentos humanos se materializam no espaço através de signos materiais (prédios, jardins, monumentos, pontes, escolas, hospitais, campos de concentração etc.) e imateriais (frases, palavras, gestos, silêncios, pensamentos). Cada um destes signos será interpretado de acordo com a bagagem cultural, social, emocional de cada intérprete num determinado tempo e espaço (ROCHA, 2002, p. 67-79).

Como o objetivo do presente estudo foi a busca da compreensão das geografias íntimas e coletivas a partir do mundo-vivido de determinados atores, acredita-se que esses sejam os melhores métodos que se ajustam a temática. Assim, faz-se necessária a descontração do conceito de mundo-vivido para uma melhor apreensão de seu sentido geográfico.

2.4 MUNDO-VIVIDO: CONCEITUANDO

Como uma dos autores que mais buscou construir o conceito de mundo-vivido dentro da Geografia Humanista e por afinidade com sua linha de pensamento, o conceito-chave das linhas que se seguem se dá conforme as interpretações de Anne Buttimer (1986), uma vez que sua obra busca desvendar os valores e a compreensão de Geografia íntimas e coletivas no mundo cotidiano. Em uma de suas obras, *Social space and interdisciplinary perspective*, a autora atenta aos dramáticos e excitantes desafios que estavam por vir, nas décadas de 1960 e 1970, pelos geógrafos em meio às mudanças revolucionárias sociais que, como já dito, se desdobravam até a academia resultando na obsolescência de muitos procedimentos analíticos tradicionais. Assim, aquela autora questiona: “Pode a ciência continuar a servir a uma função útil medindo e explicando a face objetiva e esboçando mecanismos da realidade social, ou deve também penetrar e incorporar suas dimensões subjetivas? (BUTTIMER, 1969, p. 419).

Buttimer (1986) traz à tona indagações acerca do conhecimento e sobre o significado da intencionalidade, ou seja, procura palpar a inseparabilidade do ser que percebe o mundo, a unidade de elementos como pensamento, símbolo e ação, uma vez que tais elementos há muito tinham sido marginalizados pelo conhecimento geográfico. Em suas abstrações, busca uma alternativa que pudesse extrapolar os métodos objetivos. Aquela autora vislumbra a corrente humanista como algo revolucionário, que tem a função de agregar e ir além de investigações materiais, na tentativa de ir até o mundo-vivido e o cotidiano das pessoas. Neste sentido, Buttimer (1969, p. 417-426) afirma: “[...] não são inevitavelmente opostas; necessitamos encontrar seus papéis apropriados na exploração da experiência humana”.

Em suas reflexões sobre esse novo “território” que a Geografia se atracava, Buttimer e outros autores entendiam a Fenomenologia como a base teórica que poderia dar sustentação às novas investigações, pois, a mesma possui como característica marcante a inseparabilidade sujeito-objeto, e explora de forma extrema os fenômenos da consciência ou da experiência vivida, tentando entender os fatos pela forma que são produzidos, isto é, “interpretando a apreensão da essência, e dessa maneira investigar os atos e o entendimento sobre o mundo vivido” (ROCHA, 2002, p. 9).

Resultado disso, o conceito de lugar também surge como conceito-chave a partir da noção fenomenológica

[...] do mundo vivido emocionalmente modelado, introjetado e revestido de eventos, pessoas, itinerários, lutas, ambigüidades, envolvimento, sonhos, desatinos, “canções que minha mãe me ensinou”, base territorial e toda sorte de elementos que permite à pessoa se sentir em casa ou, por outro lado, distanciada em meio a um estranhamento topofóbico. (SCHUTZ, 1979; BUTTIMER, 1976, 1985a, 1985b; TUAN, 1980 apud MELLO, 2005, p. 34).

Entretanto, é preciso salientar que a investigação da esfera simbólica pessoal ou coletiva com seus contratempos, impasses, empatias e tragédias, é uma missão bastante difícil de ser desenvolvida.

Os fenomenologistas, conforme Buttimer (1985a apud MELLO, 2005, p. 35), ponderaram que os métodos científicos surgiram “de uma 'atitude naturalística' que observa, classifica e 'explica' os fenômenos postulados *a priori*”. Esse tipo de pensamento remete ao “fato” de que existe um mundo externo ao ser humano esperando ser compreendido e explicado. O contexto no qual a consciência vai ser revelada é visto e tratado pela Fenomenologia como o mundo. Entretanto, não é apenas um mundo de fatos e burocracias; ele vai além, agregando valores, bens e ações, em meio há tempos passados e seguindo em direção ao futuro, como um horizonte compartilhado, porém, construído por cada sujeito de um modo singular. Sobre a questão, conforme Mello (2005), na experiência individual pessoal toma-se consciência do mundo-vivido, compreendendo, assim, os horizontes compartilhados do mundo-vivido de outros sujeitos e da sociedade em geral. Em síntese, Buttimer (1985a, p. 172 apud MELLO, 2005, p. 35) afirma que o espaço-vivido se trata do “horizonte abrangente de nossa vida tanto individual quanto coletiva”.

Cada sujeito está envolto por esferas, onde cada uma se refere a um âmbito da vida, como, por exemplo, o lar, a vizinhança, a cidade. Além disso, pode haver “lugares privilegiados”, com qualidades diferentes de todos os outros; lugares como onde se conheceu

o primeiro amor, a primeira cidade estrangeira a ser visitada, a escola onde se fez os melhores amigos, e ainda, lugares que podem se tornar vívidos por meio da literatura e o cinema, como os caminhos percorridos e descritos por Jack Kerouac. Neste sentido, um indivíduo pode estar presente em vários lares ou lugares, por meio da memória ou pelo “sonho”.

Assim, para os fenomenologistas, eles poderiam enxergar a sociedade como uma reunião de sujeitos e tentar analisar tal interação nas questões da intersubjetividade. Logo, “as pessoas nascem dentro de um mundo intersubjetivo, isto é, aprendemos a linguagem e os estilos de comportamento social que nos habilitam” (BUTTIMER, 1985a, p. 181 apud MELLO, 2005, p. 36) “no mundo diário” (MELLO, 2005, p. 36). A intersubjetividade se configura a partir da vida cotidiana, podendo ser entendida também como um processo em que cada sujeito, apesar de já nascer em um meio intrincado por uma cultura, continua a criar seus mundos e universos. Buttimer (1983, p. 3 apud MELLO, 2005, p. 37), na obra *The Practice of Geography*, atenta que, “em cada vida pessoal ecoa o drama de seu tempo e de seu meio; em todos, em graus variados, há propensão à submissão ou à rebelião. Através de nossas próprias biografias, alcançamos a compreensão, a existência, o vir a ser”.

Para Relph (1979), o mundo-vivido se configura sobre três âmbitos, a saber: natural, social ou cultural e geográfico. O mundo-vivido natural já é determinado *a priori*, onde coisas, formas e pessoas possuem modos variantes e sentimentos. Este mundo as pessoas veêm e sentem, no qual elas estão apenas implicadas em uma situação que lhes é dada. É o mundo real do espetáculo, que se dá diante dos olhos do ser humano, presente e não representado. O mundo-vivido social ou cultural é formado pelos seres humanos, seus interesses, suas aspirações, paixões, trabalho, seu dia-a-dia. Este, segundo Bertol (apud ROCHA, 2005, p. 7):

[...] é o mundo onde as pessoas se inter-relacionam, fazem uso de uma linguagem comum, relacionam-se com instituições sociais, culturais, edifícios, obras de arte, enfim, fazem parte de um mundo que não é pré-determinado, mas vai se fazendo de acordo com os acontecimentos da sociedade em sua intersubjetividade e sua interconexão com o meio ambiente.

Conforme Husserl (1990, p. 6), este mundo-vivido abarca “os seres humanos com toda a ação e interesse humanos, trabalhos e sofrimentos”. Relph (1979, p. 7) complementa afirmando que “o mundo é visto e experienciado não como uma soma de objetos, mas como um sistema de relações entre o homem e suas vizinhanças, como focos de seu interesse”. O mundo-vivido geográfico se dá a partir desses dois mundos: o natural e o construído pelo homem. O mundo-vivido geográfico, segundo Relph (1979, p. 23), “é o mundo dos espaços,

das paisagens, dos lugares, onde a vida cotidiana se faz, se manifesta e se perpetua”. Assim, o mundo-vivido pode ser entendido conforme o Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – Mundos-vividos natural, social ou cultural e geográfico.

Natural	Social ou Cultural	Geográfico
<p>Mundo pré-determinado ou natural de coisas, formas ou de pessoas.</p> <p>Mundo que vemos e sentimos, mas no qual estamos apenas inseridos.</p> <p>A experiência que se tem nele não é delimitada como numa obra de arte: “não há moldura, nem é fixa, e a luz muda e as nuvens passam”.</p>	<p>Compreende os seres humanos com toda ação e interesse humanos, trabalhos e sofrimentos.</p> <p>Mundo da intersubjetividade, linguagem comum, contato com outras pessoas, edifícios e obras de arte.</p> <p>Mundo de tudo que não é meramente pré-determinado mas usado, transformado e manipulado.</p> <p>“[...] não tenho apenas um mundo físico, não vivo apenas no meio da terra, ar, e água, tenho em torno de mim estradas, plantações, cidades, ruas, igrejas, implementos, um sino, uma colher, um cachimbo [...]” (MERLEAU-PONTY, 1962, p. 6).</p> <p>O mundo é visto e experienciado não como uma soma de objetos mas como um sistema de relações entre o homem e suas vizinhanças, como focos de seu interesse.</p>	<p>Mundo experienciado como cenário, tanto o natural como o construído pelo homem, e como ambiente que provê sustento e moldura para a existência.</p> <p>“[...] é nos lugares onde vive e através do manejo dos campos, rios e pradarias, no curso de sua vida e no movimento de coisas e pessoas, que o homem externa sua relação fundamental com a Terra” (DARDEL, 1952, p. 7).</p> <p>“A Geografia não é um modo particular de sermos inspirados pela terra, pelo mar, pela distância, de sermos dominados pelas montanhas, guiados por direções e tornada real pela paisagem?” (DARDEL, 1952, p. 7).</p>

Fonte: Adaptado de Relph (1979, p. 1-25).

Durante muito tempo, a ciência espacial colocou a margem de suas análises laços como o de vizinhança, o conhecimento que surge a partir do vivido, a topofilia e a topofobia, as motivações para fixação nos espaços e lugares, as experiências do dia-a-dia e os elos que unem, ou seja, que promovem a intersubjetividade entre os indivíduos e entre os indivíduos e o meio.

Em contraponto e agregando, a Geografia Humanista, através da apropriação de vários aspectos da fenomenologia de Husserl, se empenha em explorar as trilhas dos significados e da qualidade e valor da vida humana no mundo-vivido. Sendo esse o terreno no qual surgem as abstrações da ciência, é o plano em que age a intuição, o momento das primeiras evidências de reflexão sobre o que é dito fenômeno, e esse momento é um ponto em que o cientista deve ir e vir, sempre resgatando as motivações e revalidando suas idealizações e teorias, uma vez

que a ciência cartesiana também é uma forma de interpretação e explicação do que é dado de imediato no plano do mundo-vivido.

3 PESQUISA EMPÍRICA

No presente capítulo têm-se os resultados da análise da percepção dos pioneiros entrevistados na pesquisa, com foco nos aspectos que tangem ao imaginário sobre as novas perspectivas de vida propiciadas pela cidade de Brasília, a heterogenia social e cultural, as principais transformações na paisagem, o sentimento de topofilia, a resistência social, a localização privilegiada, os contrapontos entre o planejado e o não planejado e as amenidades de um ambiente rural em pleno centro urbano. Conforme os relatos obtidos, é possível classificar a história da Vila Planalto em três momentos, a saber: o período de acampamento, após o período de acampamento irregular e o marco do tombamento até a atualidade.

3.1 VILA PLANALTO: UM ACAMPAMENTO

Nas entrevistas realizadas foi possível notar o fato de os primeiros moradores terem suas histórias pessoais cruzadas com a história da Vila Planalto no momento em que, por alguém ou por alguma razão, ou por eles mesmos, percebem a construção da nova capital como uma oportunidade de novas e melhores perspectivas de vida, principalmente no viés financeiro. Neste sentido, como resultado de políticas públicas para que se ocupasse o centro do País, atraindo trabalhadores para o imenso canteiro de obras que ainda era Brasília, criou-se um imaginário sobre as novas perspectivas de vida que Brasília propiciava, e que, em muitos casos, o imaginário se concretizou positivamente.

Tal fato pode ser identificado no discurso dos entrevistados, conforme se segue:

E veio embora, atrás de trabalho aqui em Brasília, ele e meu irmão mais velho. Aí, com três ou quatro meses, ele foi lá buscar a gente, para cá. Então aquele... (bando) de doze filhos, tudo escadinha assim, sabe? (Entrevistada Josefina).

E quem me trouxe também pra Brasília foi meu cunhado Lila, irmão do cantor Ângelo Máximo. Meu cunhado era funcionário aqui de uma empresa, e ele falou assim: vai pra Brasília que você vai mudar de vida (Entrevistado José).

[...] ele trabalhava em Belo Horizonte, e quando começou Brasília, tinha um engenheiro lá de Belo Horizonte, que convidou ele, falou com ele: 'Antônio, você não quer com a gente pra Brasília? Tá começando agora a fazer nova capital! E lá tá ganhando bem, a pessoa trabalha dia e noite', aí foi assim (Entrevistada Cármen).

A seguir, na Imagem 2, tem-se o retrato dos primórdios do que ainda iria vir a ser a Vila Planalto.



Imagem 2 – Início dos acampamentos na Vila Planalto, Plano Piloto, Brasília, Distrito Federal.

Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal (1958).

Observando a Vila como sendo, a princípio, apenas uma estrutura para alojar os funcionários das construtoras, é possível caracterizar, em um primeiro momento, esses funcionários e, posteriormente, suas famílias, que acabaram se juntando aos mesmos, como sujeitos que partem de seu lugar de origem, de seu lar, um lugar em que já possuem intimidade, mesmo que de forma negativa ou positiva, que foram em busca desse imaginário; em busca de um espaço em que pretendiam reconstruir seus mundos-vividos e, assim, se sentirem pertencentes ao lugar.

Como esse imaginário perpassou pelos quatro cantos do Brasil, em Brasília, e mais especificadamente no recorte aqui empreendido – a Vila Planalto –, e com base nos indivíduos entrevistados, foi possível notar que são diversos os lugares de origem das primeiras famílias que a habitavam, ou seja, quando a Vila não tinha ainda nem o cunho de bairro, onde era apenas canteiro de obra, muitos trabalhadores, de todas as classes sociais e de todos os Estados, vieram para trabalhar na construção da capital, o que desencadeou um fenômeno até hoje existente na Vila: uma população heterogênea e uma mistura de identidades culturais que hoje se configuram mais no âmbito da gastronomia, mas que surgiu na época da construção, conforme o relato que se segue:

A primeira comida que eu comi foi de um goiano. [...] Não esqueço até hoje, que ela fez uma abobrinha, que tinha aqui no cerrado. [...] Olha, chegava tanta gente pra trabalhar aqui em Brasília, do norte ao sul (Entrevistada Cármen).

Era cearense, nortista, goiano, muita gente da Bahia, muita gente de fora, vinham procurar emprego, trabalhar, cidade nova começando, as pessoas vinham morar pra trabalhar (Entrevistada Antônia).

Conforme o relato dos entrevistados foi possível notar que os indivíduos ali residentes estavam abertos a se “desligarem” de seu antigo lugar e contribuírem através de suas subjetividades e identidades advindas de suas experiências vividas para a construção dessa nova comunidade que ainda estava em estágio embrionário, mesmo que inconscientemente.

Segundo o discurso dos pioneiros, eles percebem que junto com a formação desse aglomerado de pessoas, que a princípio tinha uma função, inevitavelmente, a paisagem estaria em processo de transformação. E essa primeira transformação percebida é a transformação da vegetação natural de cerrado para uma paisagem cultural, ou seja, a impressão material e tátil dos primeiros indivíduos urbanos na conquista daquele espaço e a modificação do mesmo pela cultura humana que ali pretendia se desenvolver. E essa transformação causava espanto, tanto em sujeitos que vinham de centros urbanos, como em sujeitos que vinham de povoados mais humildes e rurais, uma vez que diferia bastante com aquilo que estavam acostumados – era a transformação do natural para o construído que passava dia após dia diante dos olhos de quem ali vivia.

Assim, depois dessa primeira transformação, a Vila surgia na paisagem, com sua estrutura de madeira e ruas sem asfalto; era percebida como uma favela pelos recém-chegados. Mas isso logo se desmistificava, pois, os trabalhadores das empreiteiras passavam desde “pedreiros” a engenheiros. Entretanto, as diferenças de classe se materializavam no espaço, pois, aqueles que iam chegando alocavam-se de acordo com critérios que segregavam.

No universo do mundo-vivido intersubjetivo na escala da Vila, é possível perceber no discurso dos entrevistados que tais diferenças não se mostram tão discrepantes nas relações sociais, conforme o relato que se segue:

Aqui tinha dois clubes, tinha o clube do pião e o clube dos doutor. Então, era assim... Os engenheiros tinha lá, e os do pião era o de baixo. Mas só que era tão bom, que você tinha convivência com os dois clubes. Meu marido dançava muito bem, todo mundo queria que ele dançasse no clube deles (Entrevistada Cármen).

O fato de existirem indivíduos de *status* social “maior” dentro da população da Vila se mostrou como um fator positivo a favor da reivindicação de sua fixação geral, chamando a atenção do poder público, das mídias e até do universo acadêmico, conjuntamente com a

organização dos grupos sociais que já se formavam em prol da representatividade dos pioneiros. Neste sentido, na Imagem 3, a seguir, apresentam-se as moradias de melhor qualidade, feitas para engenheiros e arquitetos, e outras moradias mais simples.



Imagem 3 – Primeiras casas da Vila Planalto, Plano Piloto, Brasília, Distrito Federal.

Fonte: Origem da Vila (2007).

Outra característica desse momento da Vila Planalto, percebido nos relatos dos entrevistados e nos sentimentos que aparecem impressos nas faces, como quem revive certa lembrança, é a do convívio social, das relações sociais e das amizades, dos moradores. Por muitos motivos, essa relação dos moradores foi uma consequência, uma vez que o motivo para estar ali também era compartilhado. Neste sentido, é possível inferir a existência de dois processos que ocorrem simultaneamente, a saber: a formação de relações sociais e o desenvolvimento de uma estrutura urbana mais orgânica, em que primeiro surge a necessidade.

[...] quando uma mulher vinha, as mulher não sabia, não conhecia nada, eles (os maridos) já tinha amizade comigo, eles falavam: 'o Dona Maria, a senhora podia levar minha mulher lá na asa norte no posto de saúde porque ela chegou meio doente, e ela não sabe andar em lugar nenhum... a senhora pode?' eu falava: 'Posso uai.' Aí eu ia, pega um ônibus, chegava na rodoviária, pega outro ônibus pra ir, pra ensinar elas... quando elas aprendiam, iam sozinhas... mas chegava outra, e vem outra... Dona Maria, Dona Maria... aí eu fiquei assim... foi passando, foi passando

o tempo... aí eu falei assim: 'gente! Eu tenho que correr atrás de um posto aqui pra vila, porque se não, eu não tenho tempo, é só levando gente...' e eu não podia negar (Entrevistada Cármen).

Sobre o fato de a Vila ser vista apenas como um fluxo de trabalhadores, outra aproximação subjetiva identificada nos relatos dos entrevistados é que, não literalmente, mas de alguma forma, devido à pouca distância entre o Palácio da Alvorada e a Vila, obviamente chegando ao final das construções prioritárias, no imaginário coletivo, tal situação “aproximava” a população do Presidente Juscelino Kubistchek, também pelo fato de muitos ainda transitarem pelo terreno da recém-construção:

Dia de domingo a gente vinha passear na casa do presidente... ali tinha muito bicho, não tinha zoológico ainda, o zoológico era lá! Ali no palácio... tinha burrinho da índia, tinha zebrinha, tinha pavão... ali, nossa! Tinha muito bicho! Macaquinhos lá... era tudo ali pareado com palácio, entrava naquele portãozinho do lado de baixo lá, era cheio de bicho... aí depois que fez o zoológico, aí eles levaram. Mas nós ia domingo passar lá, o presidente não tinha esse negócio de ter medo da gente não! Oxii! Eu passava todo dia dentro pra levar o almoço do Chapéu que trabalhava naquela ponte fazendo a represa. Ali, a gente passava dentro da casa... e eles mostravam pra gente a cozinha do palácio. Não tinha aquele medo de ninguém! (Entrevistada Cármen).

O referido recorte do discurso de uma das entrevistas remete ao imaginário de proximidade com a Presidência da República – algo que surge com frequência em grande parte das entrevistas aqui realizadas.

3.2 DO PROVISÓRIO AO IRREGULAR

Depois da inauguração da capital em 1960, era esperado que aquele conjunto habitacional que tinha se formado entre as construções do Palácio da Alvorada e Praça dos Três Poderes fosse retirado, e a população seria reapossada em outros conjuntos habitacionais, que foram pensados para essa funcionalidade: abrigar a classe média operária – o que segregava ou não a população espacialmente. Pelo menos era essa a história que chegava aos ouvidos da população da Vila. E parte disso se concretizou, a maioria das empresas se retirou e com elas levaram parte da estrutura que haviam proporcionado para seus funcionários. Entretanto, apesar da inauguração da capital, as obras ainda não estavam 100% (cem por cento) prontas. Neste sentido, algumas empresas permaneceram com seus acampamentos. Então, esse foi um momento de baixa populacional daquela área ocupada, que pelos motivos supramencionados, culminaram nesse fluxo de saída. Porém, a população que permanecia

cada vez mais se empoderava de suas casas e de seu espaço conquistado, e das relações que haviam tecido ali, que iam além do trabalho; e que tinham uma identidade incomum, a de pioneiros, de pessoas que, de fato, construíram Brasília e, principalmente, aquele bairro; e que o lugar eles não poderia ser tão longe de tudo aquilo. Esse é o momento em que a Vila Planalto sai do plano.

Com base nos relatos obtidos, foi possível notar que a história de resistência da Vila Planalto teve início a partir do sentimento de topofilia que se desenvolveu e espalhou pela população – sentimento resultante da construção de relações e significações, com diferentes valores, em um processo que faz com que o espaço se torne lugar.

Topofilia [...] descreve uma sensação que pode não ser a mais forte das emoções humanas, de fato, muitas pessoas se sentem totalmente indiferente em relação aos ambientes que moldam suas vidas, mas quando ativado ele tem o poder de elevar um lugar para tornar-se o portador de eventos emocionalmente carregados ou para ser percebido como um símbolo (CISOTTO, 2013, p. 95).

Para os indivíduos ali alocados, a Vila Planalto já ia muito além de um fluxo de trabalhadores ou um imenso canteiro de obra. Ali, vários indivíduos, com toda sua bagagem de experiências e vivências de outros mundo-vividos, se encontraram – um encontro causado por diversas razões, que culminou na construção daquele universo, daquele mundo-vivido, com aqueles significados e aquele mundo material então estruturado –, culminando em um motor de resistência, originando em uma reivindicação de lugar, de maneira política, e simplesmente vivendo, com algumas inseguranças legais e restrições, mas vivendo. Neste sentido, tem-se o relato que se segue, que traduz tal sentimento: “Achava que não ia ficar, mas deu certo acabou ficando e estamos aqui até hoje” (Entrevistada Antônia).

Não foi identificado nas entrevistas qualquer fato ou ocorrência de expressões que se pudesse deduzir algo relacionado a uma ação governamental direta de retirada dos moradores da área da Vila Planalto. Em suma, a localidade é praticamente a mesma desde o fluxo de retirada das construtoras até a atualidade. Entretanto, a fiscalização em relação à questão de não se poder construir ou transformar, reformar o que já existia, é uma constante. Logo, as pessoas continuaram vivendo em suas casas; as construtoras, de fato, já haviam se retirado, deixando apenas seus nomes para os acampamentos, que poderia ser algo análoga a uma quadra e ruas. Isso fez com que todos aqueles que ali permaneceram mantivessem a esperança de que a Vila continuaria onde estava e, em uma ação de resistência, o embate real era tornar a Vila Planalto um bairro real, dentro das diretrizes urbanas e legais, por meio de uma reivindicação de fixação e posse legal dos terrenos, além do reconhecimento da valorização

do papel da população da Vila nos bastidores da construção de Brasília. Alguns grupos sociais se formaram para lidar com as questões legais, outros desempenhavam um papel de auxílio à comunidade, desde serviços mais complexos (escolas, por exemplo) até encontros da terceira idade e fazedoras de tricô.

Na tentativa de cada vez mais desconstruir o discurso dos entrevistados e separar os elementos que poderiam ser de vislumbre ou de reavivamento de memórias dessa época, a pesquisa percebeu um sentimento geral de contribuição em prol da comunidade da Vila. Como exemplo disso, tem-se justamente o grupo de entrevistados – indivíduos selecionados um a partir do outro –, de modo que as entrevistas começaram com Rodolfo Nogueira, que desde sempre se considerou e é considerado pioneiro. Neste sentido, após a entrevista com o mesmo, lhe foi questionado quais outros personagens ainda existentes na Vila que poderiam ter tido essa mesma experiência de pioneirismo, ao passo que foram sugeridos muitos nomes, sendo que algumas não foi possível a entrevista e outros a entrevista obteve considerável êxito.

Neste ínterim, como exemplo de contribuição em prol da comunidade da Vila, tem-se os relatos de Dona Imediata – professora –, que alfabetizou muitas crianças na localidade; Seu José; e Dona Cármen, que ajudou a fundar o primeiro e único posto de Saúde, conforme se seguem:

eu fui uma pessoa que trabalhei aqui, contribui pra educação dos meninos da época né, muita gente que tem aí eu encontro as vezes na rua, fala que foi meu aluno, porque eu era professora de menino desse tamanhozinho... (Entrevistada Joana).

Eu trabalhei muito em favor da vila, tanto que eu era assessor jurídico do Mazili, o Mazili ele era irmão do presidente do senado, que na época, ele assumiu a presidência do senado, e eu fiquei como assessor dele aqui na Vila, a onde era o departamento de gestão, no departamento de gestão administrativa, e nos que tomávamos conta da Vila, nos que fazíamos transferência de casa, nos que fazíamos trocas de casas, enfim, nós tomávamos conta da vida social da Vila (Entrevistado José).

[...] gente! Eu tenho que correr atrás de um posto aqui pra vila, porque se não eu não tenho tempo, é só levando gente... e eu não podia negar. [...] Aí, eu peguei lá no posto falei com a chefe. A enfermeira chefe, que era Ana Maria o nome dela, e tinha o enfermeiro que se chamava Crisanto, aí eu falei com eles: 'gente vocês podiam tanto era fundar um posto lá na vila pra nos!' Aí ele falou: 'uai Dona Maria, porque o pessoal da Vila Planalto vem tudo pra cá né' e aí a Ana Maria falou: 'Menina de deus seria uma boa, porque elas vem na primeira vez, faz a consulta, aí, quando marca o retorno, vem. Depois quando é pra vim de novo, não vem mais. Porque?' Aí eu falei: 'sabe porque, porque tem que pegar dois ônibus, mesmo que pega um, mas é dois, pra lá e pra cá, quando a maioria ia a pé da rodoviária pra asa norte... mas, tinha gente que já tá doente, como é que aguenta nadar demais? Pegava o ônibus. Se vocês fundassem la ia ser uma boa' ela falou: 'uai pode! Se você arrumasse um lugar lá pra gente, nós ia de 15 em 15 dias, e nós levava resultado de consulta, criança nos levava vacina'. [...] falei: 'eu do minha casa! la eu tenho minha venda, eu fico na

minha vendinha, lá no barracão ce põe a balança, e tem a garagem do meu carro, então, nos faz o movimento na garagem e no barracão.' Aí ela: 'Oxi, então minha fia, marca 15 dias aí, e me espera que eu vou!' [...] Aí pronto, começou, elas vindo... quando eu avisei la na venda que vinha pessoas pra ajudar, que eu queria ver se eu fundava um posto (Entrevistada Cármen).

Nessa fase de luta e resistência da Vila pela legalização de sua fixação, que ainda se encontrava com *status* de provisório, tinha ali o fato de a população ser heterogênea no sentido de identidades brasileiras, ou seja, indivíduos com experiências e vivências de culturas diferentes, e no sentido de classe social, com aqueles de melhor *status* social e situação financeira – característica que ainda permaneceu desde de seu início, como afirma o entrevistado Rodolfo no relato que se segue:

Os meus vizinhos... o meu vizinho do lado esquerdo era um engenheiro, ele foi embora mais nós fizemos amizade e depois de ter corrido quase 40 anos, chegou uma filha dele aqui na minha casa e foi a maior festa, e do lado direito, eu tinha um vizinho também, um engenheiro da NOVACAP, e depois veio o seu João, arquiteto, diretor da TERRACAP, aqui na minha frente tinha a dona Josmelinda, que era diretora da escola da Vila, que hoje é dona de uma escola em que minhas filhas estudaram, que tinha uma universidade no Plano Piloto... todas minhas filhas estudaram o ensino médio nessa universidade da Josmelinda, que morava em frente a minha casa, daqui da minha casa eu enxergava a vida, o dia a dia da Josmelinda, era coisa maravilhosa (Entrevistado José).

Ou seja, não era apenas, e não seria de menor valor se fosse, uma ocupação apenas por moradia das classes mais humildes, engenheiros, professores e arquitetos, também quiseram permanecer na Vila, pois também tinham desenvolvido o sentimento de topofilia, principalmente pelo fato de manterem as amenidades de uma vida rural a pouquíssimos quilômetros do centro da capital, apesar de nessa época Brasília ainda não ser tão populosa e urbanizada.

Conforme os relatos dos entrevistados, o passado ainda se vivenciou uma época em que os moradores se conheciam, em que existia uma relação, de fato, com a vizinhança, e uma boa relação de convivência. É recorrente nos relatos tais relações, onde sempre haviam festas de aniversário, ou eventos da igreja, ou festas juninas, onde uns convidavam os outros.

A gente tinha muitas festa, a gente fazia muita reunião, muito aniversário muita coisa... aí chamava vizinho, ou outro chamava, outro fazia, outro chamava... era mais convivência, as amizades eram maiores, a unidade de vizinhos, a convivência, as festas que tinham ali em cima... aquela reunião e tudo, isso tudo acabou, praticamente acabou (Entrevistada Joana).

Em relação à localização da Vila Planalto no Plano Piloto, percebeu-se que a noção de sua valorização parece cada vez maior no sentido de que, com o aumento dos problemas urbanos (mobilidade, acessibilidade etc.), estes acabam fazendo com que seus moradores valorizem cada vez mais os pontos positivos existentes na Vila. E ainda, tem-se a questão do tombamento do Plano Piloto, pois, como a área em que a Vila está localizada não se pode construir nada, acabou que nada surgiu, nenhum empreendimento ou qualquer outra estrutura que pudesse desvalorizar a área. Pelo contrário, com a construção de condomínios de classe-média alta na margem do lago, a área se valorizou ainda mais. Na Imagem 4, a seguir, é possível notar a proximidade supramencionada, pois, da entrada da Vila Planalto tem-se a visão do Congresso Nacional.



Imagem 4 – Vista da entrada da Vila Planalto (ao fundo, o Congresso Nacional).

Fonte: Da autora (2016).

Depois da ditadura, já nos anos 1970 e início dos anos 1980, a fiscalização em relação às estruturas das moradias diminuiu, e muitos moradores, aos poucos, começaram a fazer pequenas modificações nas casas, como, por exemplo, a troca dos telhados de zinco por telha, cercamento dos terrenos – uma vez que muitos eram abertos para livre circulação – e reformas nas casas em geral – a princípio, eram todas de madeira. Nesse momento, segundo o discurso dos entrevistados, é possível notar que muitos percebem essa transformação, como a segunda transformação da paisagem da Vila, onde a alvenaria começa a aparecer na mesma.

Ao estudar as entrevistas e tentar perceber algo que estava nas entrelinhas do que foi dito, foi possível perceber que, muitas vezes, o planejado pode ser tido como desumanizado, no sentido em que é mais plausível que a estrutura material, a forma de como as coisas estão dispostas no lugar, tenha mais influência no modo de vida e tal população. Já o contrário – o não planejado – é percebido como mais orgânico, onde o modo de vida da comunidade moldará seu lugar, a partir de experiências, vivências, significados e função na vida dos indivíduos.

Já em 1986, o famoso Grupo da 10 – formado por mulheres pioneiras – conseguiu vencer a primeira batalha do que viria a ser uma história de muitas lutas. O grupo das 10 surgiu a partir de encontros das mulheres da Igreja Católica. Este passava de casa em casa com o intuito de levar a palavra de Deus, aproveitando para informar e mobilizar a população sobre as questões sociais e de fixação pertinentes ao bairro. O fato icônico dessa parte da história da Vila Planalto foi quando a filha de uma das mulheres do Grupo das 10 conseguiu entregar uma carta ao Presidente da República da época. Com apenas 10 anos de idade, Leiliane Cristina Lopes Rebouças escreveu uma carta ao Presidente da República José Sarney, narrando a situação em que viviam os pioneiros da Vila Planalto, logrando entregar o manuscrito em uma das vezes em que este descia a rampa do Palácio do Planalto. Em consequência disso, em 21 de Abril de 1988, a Vila Planalto foi fixada e tombada Patrimônio Histórico do Distrito Federal.

nasceu aqui -
 sendo, um plano -
 de 4.ª série.

Nasci na Vila Planalto, meu pai
 igual a muitos outros, que aqui residem
 estas nesse acampamento, desde o início
 de Brasília.

Esse é um acampamento pioneiro
 onde todos aqui, tem sua história,
 formando assim, a história viva desta
 cidade.

Sr. Presidente, estamos todos unidos
 numa luta constante, para que não nos
 retire desse acampamento.

Dizem os órgãos competentes, que o
 nosso acamp. faz parte de uma área nobre
 e sendo "S211" nos não temos vez.

Mas o que enobrecerá a esta área
 somos nós, as famílias que aqui residem
 a muitos anos. Que trabalharam, superaram
 que, ainda continuam sofrendo, morando
 em misérrimas barracas, sem o mínimo conforto
 com esgotos escoando em suas portas,
 enfrentando todas as dificuldades.

Eu sou criança, mas eu vejo e sinto
 os problemas desta vila.

Eu queria pedir ao Sr. em meu
 nome, e de todas as crianças da Vila
 Planalto. Por favor Sr. Presidente, nos dê
 a fixação da Vila Planalto, com direitos
 -quis. Será a maior felicidade para
 todos nós.

Me perdoe tomar seu tempo

Obrigada
 Leiliane

Imagem 5 – Carta de Leiliane entregue ao Presidente José Sarney.

Fonte: Rodrigues (2013, p. 28).

3.3 VILA PLANALTO: PATRIMÔNIO HISTÓRICO?

Desde a assinatura dos Decretos de fixação e tombamento, passaram-se 28 anos até o tempo presente. Neste sentido, as linhas a seguir buscou explicar sobre as percepções dos entrevistados em relação a esse período em que se encontra a Vila Planalto, que não é mais vista como um bairro irregular.

O ato do poder público em relação á Vila proporcionou poucas mudanças no universo material físico, sendo um feito um tanto simbólico, o que é muito importante, mas que careceu no que tange à caminhada para o desenvolvimento estrutural da localidade.

Ao caminhar pelas ruas da Vila Planalto é possível notar as edificações históricas que, a duras penas, ainda permanecem em pé, de conservação precária. Quando questionados sobre a questão, os moradores, a partir de suas respostas, apontaram que a fiscalização das autoridades quanto à preservação do patrimônio tombado foi quase inexistente. Entretanto, sobre a questão, a presente pesquisa teve como foco os elementos percebidos dos entrevistados desse momento, que nem sempre perpassam por essa temática legal.

Nesse período, as amenidades da vida rural dentro de um centro urbano ganham ainda mais valor, pois, o desenvolvimento urbano de Brasília, obviamente, é bem mais acelerado do que o desenvolvimento urbano da Vila Planalto. Logo, o ambiente tranquilo que a Vila proporciona, as ruas fora de padrão, as casas térreas, as pessoas na rua, entre outras características, fazem com que seus moradores valorizem essas amenidades, com o bônus de estar em uma posição geográfica que facilita a mobilidade para todas as direções da cidade – quesito muito importante para a qualidade de vida dentro de grandes centros urbanos.

A população da localidade, em geral, ainda continua heterogênea, no sentido de *status* social, mas cada vez mais imbricada no processo de gentrificação, que é um:

[...] fenômeno simultaneamente físico, econômico, social e cultural. Gentrificação comumente envolve a invasão da classe média ou grupos de alto poder aquisitivo em áreas previamente ocupadas pelas classes trabalhadoras. [...] Envolve a renovação ou reabilitação física do que era, freqüentemente, uma habitação altamente deteriorada e seu melhoramento para ir de encontro com as requisições dos novos proprietários. (HAMNETT apud MOSCIARO, 2010, p. 3).

Portanto, muitos indivíduos começaram a perceber esses valores da Vila, que propiciava uma boa qualidade de vida. Assim, cada vez mais tem a procura por um lote ou casa no bairro.

Nos relatos dos entrevistados foi possível perceber que é nesse momento que as mudanças no convívio social começam a aparecer. Muitos confessaram, com tom de reclamação e tristeza, que o convívio social já não é o mesmo, remetendo ao fato de ser justamente por causa do inchaço da Vila Planalto, do aumento da população por aqueles que vêm ‘de fora’. E com essa procura pela Vila Planalto, muitas coisas começaram a mudar no cotidiano, no mundo-vivido de quem ali já tinha uma história trilhada juntamente com a história do lugar. Uma situação, que pode parecer simples, mas que configura esse sentimento de mudança gradativa no dia-dia das pessoas. Algo bastante mencionado nos discursos dos entrevistados é sobre as brincadeiras de crianças que se davam nas ruas, o que no tempo presente não é mais possível ocorrer, pois, a violência aumentou, bem como o número de carros em movimento e parados ao longo do meio-fio.

Brincavam! Brincavam na rua, brincavam de bete, brincavam de vôlei... já meus netos não brincam mais, porque aqui moram só três netos, e não brincam mais por causa do ambiente, o ambiente ficou mais pesado, mais preocupante para as famílias, porque houve muita mistura, misturou muito, veio muita gente com essa história de alugar, então alugou e a gente não sabe pra quem, então ficou aquele ambiente que não dá muito pra confiar (Entrevistada Joana).

Na Imagem 6, a seguir, é possível observar os carros ocupando a rua ao longo do meio-fio, dificultando qualquer outro uso social.



Imagem 6 – Carros impossibilitando as brincadeiras de rua na Vila Planalto.

Fonte: Da autora (2016).

A partir do discurso dos entrevistados, é possível notar esse último momento pelo qual a Vila Planalto ainda se encontra – a terceira grande mudança –, que aparece bastante na paisagem, e que interfere bastante no mundo-vivido dos habitantes, influenciando as relações sociais, desde a relação de vizinhança até os trâmites burocráticos de regularidade.

Na referida transformação desencadearam-se diversos outros processos, como, por exemplo, a mudança do material das estruturas de moradia, ou seja, a possibilidade de se construir novas edificações, e de alvenaria. Isso foi possível sem que a área, de fato, da Vila aumentasse pelo fato dos lotes, desde sempre, serem de tamanho considerável, fazendo com que um lote possa ser dividido em até três partes, de modo que se antes se tinha uma família em um lote, agora é possível a permanência de até três ali.

Outra situação que aos olhos dos pioneiros entrevistados é vista como negativa é a construção irregular dos segundos e terceiros andares – algo que nunca foi legalizado. Isso incomoda os moradores antigos não apenas pela descaracterização da Vila antiga, mas também pelo processo de especulação imobiliária que se instalou fortemente. Inicialmente, esse processo começou com a formação de pequenos cortiços, onde no fundo das casas se construía “quartinhos”, “porta colado com porta”, que, em geral, indivíduos de baixa renda procuravam para se manterem mais perto de seus trabalhos no Plano Piloto. Na Imagem 7, a

seguir, é possível observar um dos muitos cartazes de “aluga-se” encontrados nas paradas de ônibus existentes na localidade.

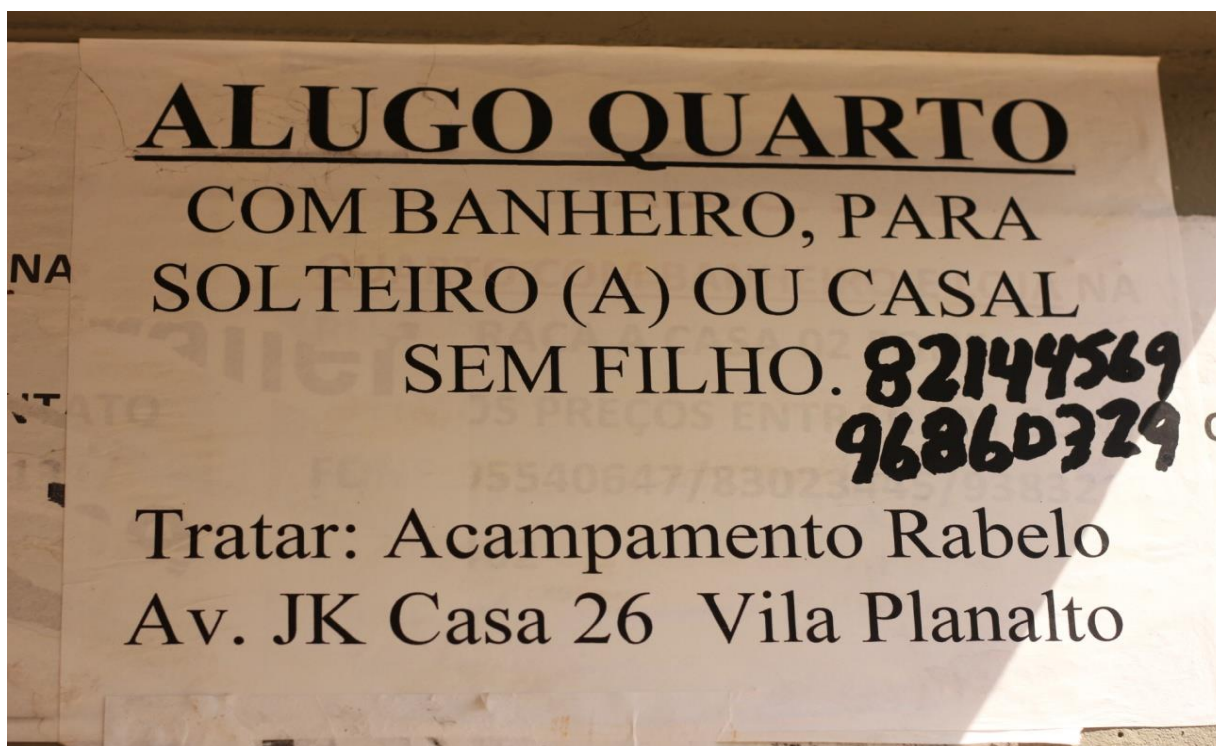


Imagem 7 – Cartaz de “aluga-se” na Vila Planalto.

Fonte: Da autora (2016).

Entretanto, esse processo se estendeu ao ponto de empresários realmente investirem nos lotes da Vila, onde compram os lotes com as casas antigas, retiram as casas, e constroem grandes retângulos de concreto com *kitnets* super bem equipadas, para atender uma demanda que agora tem outro *status* – indivíduos de classe média alta, que muitas vezes trabalham em algum órgão na Esplanada dos Ministérios; ou seja, concursados, servidores públicos, que, em sua maioria, possuem seus carros e acabam ocupando o espaço das ruas, que antes era um espaço de convivência. Tal processo pode ser caracterizado como o processo de gentrificação. No relato, a seguir, de Dona Jussara e Dona Socorro, é possível vislumbrar quais os sentimentos destas em relação à questão:

Olha, eu to muito chateada com algumas coisas que tão acontecendo, eu te falei que to cercada de kitnet né, e tem um vizinho que fez uma kitnet com todas as janelas voltadas pro meu quintal, apesar de estar brigando, tá falando que não podia... entendeu, então isso tirou minha liberdade e isso está me chateando muito, tenho vontade as vezes de vender tudo e ir embora (Entrevistada Jussara).

O tanto de criança que brincava na rua, e aqui em casam sempre foi cheio de criança, porque eu era professora ne, e conhecia a meninada toda... eu sinto falta disso, agora não conheço mais ninguém, passa gente ai na rua eu não sei quem é...a população da vila não tem mais nada a ver com os antigos não (Entrevistada Socorro).

Segundo os entrevistados, existe certa fiscalização – que raramente aparece, embarga algumas obras –, mas logo muitos voltam a construir. Na Imagem 8, a seguir, tem-se uma dessas edificações de *kitnets*.



Imagem 8 – Edificação de *kitnets* na Vila Planalto.

Fonte: Da autora (2016).

É percebido, então, que nos relatos dos entrevistados, a descaracterização da Vila antiga é algo negativo, e que, para alguns, os sentimentos de tofília e tofobia, se misturam.

Eu acho que mudou tudo né, e quando eu cheguei aqui em 58 com meus meninos pequenos, a minha filha caçula nasceu aqui, nessa casa, mas, só tinha casa de madeira, não tinha nada de alvenaria, então eu acho que a vila não tem mais nada da vila antiga, a não ser eu que moro aqui desde 58, e a igreja né... se bem que a igreja já foi reformada, porque ela incedio... depois reformaram... o resto é... por exemplo, aquela casa ali que não tem ninguém morando agora, não tinha muro antigamente, era baixinha a cerca assim... então eu acho que a Vila não tem mais nada da Vila antiga... a começar pelo povo né, a não ser o Rodolfo, eu... quem mais que é antigo aqui... tem muita pouca gente antiga... muitos morreram né, os mais velhos... tá faltando eu pra morrer, já morreu o Enios que morava ali, Dona Nair... Seu Edu, é

muito antigo também né... eu acho que o povo da Vila está muito diferente. Pra começar eu não conheço o pessoal da Vila mais, fico aqui as vezes sentada... vejo o povo passar, eu não conheço. É tudo gente diferente que está morando aqui, os antigos mesmo aqui da vila, uns venderem, saíram, mudaram, morreram... então veio muita gente diferente pra cá... eu acho que, eu... não conheço nem quase ninguém aqui na vila mais, passa aqui, não conheço, não sei nem quem é (Entrevistada Socorro).

Os entrevistados também identificam a Vila atualmente como um bairro gastronômico, algo remanescente das diversas culturas que culminaram em sua formação no início das obras. Ali é possível encontrar restaurantes de comida goiana, nordestina, e mineira. Um sincretismo gastronômico que chama atenção dos funcionários públicos do centro da capital.

Menina hoje eu vou te fala, hoje é comida né!? É restaurante... hoje o povo fala, Vila Planalto é o lugar dos restaurante bom! Você vai na w3, você vai em Taguatinga, você conversa com um, com outro, a pessoa quer mudar pra Vila Planalto, porque a Vila Planalto... “ah, eu tenho vontade de ir pra Vila porque lá é perto de tudo e tem comida boa! Os restaurantes lá são bons, a gente vai, trabalha no ministério, sai, almoça lá, é uma beleza a comida... pode escolher!” E é verdade né, hoje pro povo, a Vila Planalto ficou lugar de comida boa (Entrevistada Cármen).

Hoje a vila se tornou um bairro de gastronomia! O Número de restaurante que existe na Vila é de fazer inveja a comunidade de Brasília que vem servir o almoço e o jantar nos restaurantes da vila. Principalmente os funcionários do senado e da câmara, porque nos estamos... a nossa distância entre o senado e a câmara, é aproximadamente 1500 metros (Entrevistado José).

Apesar da transformação de parte da população, algo que ainda permanece e se percebeu nos relatos dos entrevistados é o descaso com os serviços sociais (transporte, educação, saúde, cultura e segurança). A Vila, apesar de toda sua centralidade, ainda é bastante marginalizada pelos governos em relação a esses quesitos. Sobre a questão, dona Socorro assim traduz essa situação:

Eu sinto falta mesmo é dá escola, a Vila Planalto não tem escola, eu acho isso um absurdo, é justamente porque a população é outra, não é mais aquele povo antigo que morava aqui, porque se fosse como eu, eu por exemplo que dei aula aqui 33 anos na escola, eu acho um absurdo um lugar igual a Vila Planalto tão cheio de gente não ter escola. Primeiro o Roriz desmanchou a daqui, que antes a escolinha era aqui, desmanchou, construiu a outra lá em cima muito mal feita a escola começou a cair... eu acho isso um absurdo a Vila Planalto não ter escola. Essa menina daqui, passa ônibus cheio de criança aqui toda hora pra ir para as escolas da asa norte, sendo aqui um bairro tão grande cheio de gente, tinha que ter uma escola, pra mim a grande falta da Vila Planalto é a escola. É o que eu acho aqui na vila um absurdo o governo não ter reconstruído a escola. Quando o Roriz, desmanchou essa primeira escola daqui, ele não podia nunca ter desmanchado, ele tinha que ter restaurado a escola, porque era uma das primeiras de Brasília, então ele tinha que ser conservada, não digo como escola, podia ter construído a outra mas bem construída pra durar, porque a outra caiu, de tão mal feita que foi. Essa aqui tinha que ter sido restaurada, podia funcionar como uma biblioteca né, um salão de festa, um negocio assim... tinha que

ter sido conservado, mesmo pra história de Brasília. Todos (meus filhos) estudaram aí, fizeram o curso de primário aqui... (Entrevistada Socorro).

Outro elemento identificado nas percepções dos pioneiros entrevistados é o fato de que eles mesmos percebem o valor histórico e cultural de se manter as características da Vila antiga, ou seja, não se tem algo imposto de cima para baixo com a medida de tombamento da Vila. Eles percebem e vivenciaram na pele como seria morar em casas de madeira até os dias de hoje, e como isso acarreta certos problemas nas estruturas de madeira. Entretanto, até hoje a população da Vila Planalto espera a manutenção e o cuidado que devem ser financiados pelo governo. Mas, enquanto isso, as edificações de dois ou até três andares continuam aparecendo desordenadamente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início da construção de Brasília, o bairro Vila Planalto vem traçando sua história. Em seu surgimento, tinha-se ali apenas um acampamento provisório planejado para as empreiteiras e seus funcionários durante a construção da nova capital. Após a inauguração desta, as empreiteiras foram embora, porém, muitas famílias de funcionários ali permaneceram e desenvolveram o sentimento de topofilia, criando sua identidade de pioneiros.

A história da Vila Planalto se deu a partir da resistência de se manter onde estava. A localidade passou pelas mais diversas situações desde então, expressas na paisagem. A população pioneira é contemporânea a todos os episódios dessa história. Neste sentido, tem-se o interesse pela percepção desse grupo de indivíduos que vivenciaram as transformações impressas na paisagem, refletidas em seus mundos-vividos.

O presente estudo teve por intuito responder o seguinte questionamento: como os primeiros moradores da Vila Planalto percebem a transformação do mundo-vivido da área de estudo? Assim, chegou-se à conclusão que esse grupo da população da Vila, que fez parte diretamente da história daquela localidade, percebe e destaca certos elementos das transformações do mundo-vivido compartilhado, coletivo do bairro, a partir das reflexões dessas transformações no mundo-vivido individual de cada um. Entretanto, certos elementos se repetem no discurso dos entrevistados – elementos tratados como a extensão material e imaterial de seus significados, o imaginário sobre as novas perspectivas de vida que Brasília propiciava, a heterogeneia social e cultural, as principais transformações na paisagem, o sentimento de topofilia, a resistência social, a localização privilegiada, os contrapontos entre o planejado e o não-planejado, e as amenidades de um ambiente rural em pleno centro urbano.

A partir daí, conclui-se que as transformações ocorridas, mesmo que algumas no momento fossem vistas como positivas (a viabilização de construções de alvenaria, por exemplo) para essa parte da população – os pioneiros –, atualmente, a Vila Planalto se encontra em uma situação que, para alguns, pode ser vista como positiva, com base no melhoramento das estruturas urbanas, na verticalização do espaço, entre outros aspectos; porém, os pioneiros veem tudo isso como uma descaracterização do bairro que, por ser como era e por seu papel na história da capital, mereceu o título de patrimônio, mas que não foi mantido e nem restaurado.

O novo mundo-vivido compartilhado pela comunidade da Vila Planalto, que também se modificou, hoje é sentido pelos pioneiros remanescentes não mais de um modo totalmente topofílico, como foi possível perceber nas entrevistas aqui realizadas – apesar de vários entrevistados afirmarem que se tivessem a oportunidade de mudarem de bairro não o fariam, notou-se o sentimento de frustração em relação ao estado atual da Vila; é como se quando a última casa de madeira desaparecesse, a história deles também desapareceria.

Para os pioneiros, as benesses do lento desenvolvimento urbano da Vila Planalto trazidas pelo processo de gentrificação são percebidas negativamente. Tem-se aí a percepção do espaço, seu movimento e sua construção, pela lógica do dinheiro, no caso da Vila, a partir da especulação imobiliária, quando, pelo contrário, deveria ser construído e pautado pela lógica de pessoas.

Entretanto, o presente estudo se restringiu apenas a um recorte da população atual da Vila Planalto, e entende o valor da análise da percepção do mundo-vivido da Vila Planalto a partir de outros grupos (filhos e netos de pioneiros, novos moradores, donos de empreendimentos de aluguel de *kitnets*, entre outros), para que se faça um planejamento urbano que leve em consideração todos esses olhares no sentido de se desenvolver o bairro para os seus próprios moradores atuais, pois, “antes de uma pessoa encarar questões da política de planejamento, me parece que seria vital entender os processos fundamentais da vida que estão em jogo e que são vulneráveis a mudanças na identidade física e política de lugar.” (BUTTNER, 2015, p. 25) E não que se faça uma completa restauração urbanística do bairro valorizando seu espaço e expulsando aqueles que não conseguem se manter no mesmo.

Assim, é possível vislumbrar uma continuação de estudos futuros referentes à Vila Planalto, uma vez que as transformações no espaço são sempre contínuas. É possível um estudo que converse com outras áreas e que seja cada vez mais completo, permeando por diversos métodos, objetivos e subjetivos, compreendendo cada vez mais o mosaico de processos que uma área urbanizada pode ser.

REFERÊNCIAS

- BUTTNER, A. Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar. **Geograficidade**, Niterói, v. 5, n. 1, p. 4-19, 2015. Disponível em: <<http://www.uff.br/posarq/geograficidade/revista/index.php/geograficidade/article/view/214/pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2016.
- _____. Social space in interdisciplinary perspective. **Geographical Review**, v. 59, n. 4, p. 417-426, 1969.
- _____. **The practice of Geography**. Harlow: Longman, 1983.
- CISOTTO, M. F. Sobre Topofilia, de Yi-Fu Tuan. **Geograficidade**, Niterói, v. 3, n. 2, p. 94-97, 2013.
- COELHO, C. M. **Changements dans les coulisses de Brasília. Les ambiguïtés du processus de maintien de Vila Planalto (1956-2006)**. 2006. Tese (Doutorado) – Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris.
- _____. **Utopias urbanas en América Latina: siglos XIX y XX**. Centro de Estudos e Investigação em Sociologia (CIES-ISCTE), Lisboa, [2008?].
- COSTA, L. **Relatório do Plano Piloto de Brasília**. 1957.
- DISTRITO FEDERAL. **Arquivo Público**. Brasília, 1958. Disponível em: <<http://www.arpdf.df.gov.br/>>. Acesso em: 13 jun. 2016.
- HISTÓRIA da Vila Planalto. In: **Blog Origem da Vila**, Brasília, 2007. Disponível em: <<http://origemdavila.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 13 jun. 2016.
- HOLZER, W. A Geografia Humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**, UERJ, Rio de Janeiro, edição comemorativa, p. 137-147, 2008. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6142/4414>>. Acesso em: 13 jun. 2016.
- HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1990.
- INTERNATIONAL ENCYCLOPEDIA OF HUMAN GEOGRAPHY. [S. l.]:Elsevier, [s.d.]. v. 1 de 12.

KORNIS, M. A. Sociedade e cultura nos anos 1950. In: **FGV CPDOC**, s. d. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Sociedade/Anos1950>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

LOWENTHAL, David. Past time, present place: landscape and memory. **Geographical Review**, Nova York, v. 65, n. 1, p. 1-36, jan. 1975.

MARTINS, J.; BOEMER, M. R. FERRAZ, C. A. A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa – algumas considerações. **Cadernos da Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos**, São Paulo, n. 1, 1990.

MELLO, J. B. F. Valores em Geografia e o dinamismo do mundo vivido na obra de Anne Buttimer. **Espaço e Cultura**, UERJ, Rio de Janeiro, n. 19-20, p. 33-40, jan./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/viewFile/3489/2417>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

MOSCIARO, M. Um caso carioca de gentrificação? In: **XVI Semana de Planejamento Urbano e Regional**, IPPUR/UFRJ, 2010. Disponível em: <http://www.ippur.ufrj.br/download/semana_pur_2010/completos/mayra.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2016.

OLIVEIRA, G. S.; CUNHA, A. M. O. Breves considerações sobre a Fenomenologia. **Cadernos da Fucamp**, Monte Carmelo, a. 7, n. 7, jan./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.fucamp.edu.br/wp-content/uploads/2010/10/9%23U00c2%23U00aa-GUILHERME-SARAMAGO.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

RELPH, E. C. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 4, n. 7, p. 1-25, abr. 1979.

RIBEIRO, S. B. **Brasília**: memória, cidadania e gestão do patrimônio cultural. São Paulo: Annablume São Paulo, Editora UNESP, 2001.

ROCHA, L. B. Fenomenologia, semiótica e Geografia da Percepção: alternativas para analisar o espaço geográfico. **Revista Casa da Geografia de Sobral**, Sobral, v. 4/5, p. 67-79, 2002.

_____.; ALMEIDA, M. G. Cultura, mundo-vivido e território. In: **Simpósio Nacional Sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente**, Londrina, 2005. Disponível em: <<https://geografiahumanista.files.wordpress.com/2009/11/lurdes.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

RODRIGUES, T. T. **Vila Planalto**: de acampamento ao contexto de Brasília patrimonializada. 2013. Monografia (Graduação em Geografia) – Departamento de Geografia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/7054/6/2013_ThaisTavaresRodrigues.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2016.

ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

SANTORO, Kadu. Origem e breve história do movimento humanista. In: **Debates Culturais**: liberdade de ideias e opiniões, 2010. Disponível em: <<http://www.debatesculturais.com.br/origem-e-breve-historia-do-movimento-humanista/>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

SMITH, N. **Gentrificação, a fronteira e a reestruturação do espaço urbano**. GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, n. 21, p. 15-31, 2007. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geosp/Geosp21/Artigo_Neil.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2016.

SURDI, A. C.; MARQUES, D. A. P.; CUNHA, A. C.; KUNZ, E. Entre o mundo vivido e o mundo pensado: a Fenomenologia, movimento humano e a Educação Física. In: XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte – VI Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2015, Vitória. **Anais...** Vitória, 2015. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/paper/viewFile/7255/3900>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

WRIGHT, J. K. *Terrae Incognitae*: o lugar da imaginação na Geografia. In: **Geograficidade**, v. 4, n. 2, p. 4-18, 2014. Disponível em: <<http://www.uff.br/posarq/geograficidade/revista/index.php/geograficidade/article/view/190/pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

Bibliografia consultada:

ARAÚJO, M. L. G. **Ciência, fenomenologia e hermenêutica**: diálogos da geografia para os saberes emancipatórios. 2007. 226 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/MPBB-7BYHXT/introdu__o_e_demais_cap_tulos_tese_revisada_e_paginada.pdf?sequence=1>. Acesso em: 13 jun. 2016.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Geografia Cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

DUARTE, M. B. **Leituras do 'lugar-mundo-vivido' e do 'lugar-território' a partir da intersubjetividade**. 2006. 142 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/MPBB-6YTKVJ>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

FERNANDES, M. Um outro horizonte em busca da humanização da Geografia. **Geograficidade**, Niterói, v. 4, n. 1, p. 78-87, 2014. Disponível em: <<http://www.uff.br/posarq/geograficidade/revista/index.php/geograficidade/article/view/78/pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

KOZEL, S.; SILVA, J. C.; GIL FILHO, S. F. (Orgs.). **Da percepção e cognição à representação**: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanística. São Paulo: Terceira Imagem, 2007.

PERSPECTIVAS y horizontes de la hermenéutica en las humanidades, el arte y las ciencias: memoria. In: **Tercera Jornada de Hermenéutica**, México: Universidad Nacional Autónoma de México. Instituto de Investigaciones Filológicas, 2000.

ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. 227 p (Geografia Cultural)

APÊNDICES

**APÊNDICE “A” – TRANSCRIÇÃO DA CARTA ENTREGUE POR LEILIANE AO
PRESIDENTE JOSÉ SARNEY**

Nasci na Vila Planalto, meu pai igual a muitos outros, que aqui vivem, estão nesse acampamento desde o início de Brasília.

Esse é um acampamento pioneiro onde todos aqui tem sua história, formando assim, a história viva desta cidade.

Sr. Presidente, estamos todos unidos “numa” luta constante para que não nós retire desse acampamento.

Dizem os órgãos competentes que o nosso acampamento faz parte de uma área nobre [...] nós não temos vez.

Mas o que enobrece a esta área, somos nós, as famílias que aqui residem à muitos anos. Que trabalharam, sofreram e que ainda continuam sofrendo morando [...] barracos, sem o mínimo conforto, com esgotos escorrendo em suas portas, enfrentando todas as dificuldades.

Eu sou criança, mas vejo e sinto os problemas dessa vila.

Eu queria pedir ao senhor em meu nome, e de todas as crianças da Vila Planalto: Por favor Sr. Presidente nos dê a fixação da Vila Planalto, com direitos iguais. Será a maior felicidade para todos nós .

Me perdoe por tirar seu tempo.

*Obrigado,
Leiliane.*

APÊNDICE “B” – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Entrevistado: José, 21 de Agosto de 2015, Vila Planalto

Minha chegada na Vila Planalto se deu em maio de 61. Eu nasci em Brasília, eu nasci em 17 de outubro em Planaltina, minha terra natal, de lá eu fui pra Goiânia. E na minha idade de 20 anos eu cheguei em Brasília pra trabalhar na NOVACAP, e meu local de moradia foi na Vila Planalto, no acampamento da Rabelo, depois que eu adquiri minha personalidade de funcionário da NOVACAP, eu ganhei esta casa aqui, então tenho aproximadamente 40 anos nessa casa ! Então essa casa aqui é uma casa histórica. Ela foi feita pelos americanos, o acampamento tamboril foi instalado pra atender a residência dos americanos pra construir o 28 , chamado prédio 28 do senado federal. E quem me trouxe também pra Brasília foi meu cunhado Lila, irmão do cantor Angelo Maximo. Meu cunhado era funcionário aqui de uma empresa, e ele falou assim: vai pra Brasília que você vai mudar de vida, eu cheguei em Brasília com minha mala eu a Isabel. Rodolfo jr e Cristina, estes nasceram em Goiânia, Marli, Valéria e Iara nasceram na Vila Planalto. E como funcionário da NOVACAP eu cresci junto a empresa, porque o presidente da NOVACAP, na época ele era interventor, ele era gerente do banco de Minas Gerais em Goiânia, ele foi transferido pra Brasília pra ser interventor da NOVACAP.

A estrutura da Vila Planalto era como se fosse uma favela de madeira, era composto pelo acampamento do Tamboril, do acampamento DFL, e o acampamento da Rabelo.

A perspectiva era muita, mas acontece que nossa área é um área privilegiada, e esses acampamentos aqui eram de empresas que foram contratados pra construir Brasília, e eles se instalaram na Vila Planalto, e nos moradores, pioneiros, nos ficamos aqui na esperança de um dia ser transformado em um grande bairro, mais infelizmente até agora nada disso ocorreu.

Não teve mudança nenhuma, a Vila Planalto é a mesma de 40 anos atrás. Teve mudança sim de situação urbanística, porque a vila era composta literalmente de casa de madeira, não tinha casa de alvenaria no começo da vp. No decorrer dos anos que o pessoal começou a derrubar as casas de madeira e faz a edificação de alvenaria, por isso ela teve essa transformação, que hoje a maioria é casa de alvenaria, raramente tem alguma casa de madeira na Vila Planalto, é uma raridade encontrar uma casa de madeira na Vila Planalto, mas tem, tem esse valor histórico.

A minha principal lembrança da Vila Planalto, foi a seguinte: que além de funcionário da NOVACAP, eu também fui escolhido pra dar aula de alfabetização na vila, na escola do acampamento Tamboril, a onde eu dei muitos anos aula de alfabetização, eu e minha mãe, não, eu e meu irmão Gustavo. Meu irmão Gustavo, ele também veio pra Brasília, aliás, todos meus irmãos vieram pra Brasília, vieram morar na vila, meu irmão Gersino, meu irmão Gustavo, meu irmão, Ayrton, Olímpio, meu irmão Juber. Vieram diretamente pra Vila Planalto, porque sabiam que eu morava aqui. Vieram em busca também de trabalhar na vila, e mudar sua perspectiva de vida né, porque naquela época lá em Goiânia era muito difícil emprego.

E todo mundo ficou empregado aqui na vila, e ficou morando aqui. Minha mãe tinha uma escola de alfabetização, minha mãe era professora de alfabetização, então ela dava aula de alfabetização no acampamento da Erciza, nesse acampamento morava minha mãe, com os meus irmãos, o Juber, Olímpio, Airton, Gersino.

Eu trabalhei muito em favor da vila, tanto que eu era assessor jurídico do Mazili, o Mazili ele era irmão do presidente do senado, que na época, ele assumiu a presidência do senado, e eu fiquei como assessor dele aqui na Vila, a onde era o departamento de gestão, no departamento de gestão administrativa, e nos que tomávamos conta da Vila, nos que fazíamos transferência de casa, nos que fazíamos trocas de casas, enfim, nós tomávamos conta da vida social da Vila. Departamento de gestão patrimonial, esse departamento veio mais pra tomar conta da vila, gestão patrimonial.

Na vila eu sou conhecido porque eu ajudei na estrutura da primeira creche eu ajudei na parte esportiva da vila planalto, que meu irmão Ayton Nogueira era técnico de futebol, e a vila tinha dois times de futebol que representava Brasília, que era denominado de Defele e Pacheco fernandes, ah! E a nacional, três acampamentos, só que a Nacional era um pouco distante da vila, só que nós fizemos a política de trazer o pessoal da nacional pra vila, e ai criou-se o DFL, que o time era Defele, aí então nós criamos o acampamento que hoje é o DFL. Tá entendendo? Departamento de força e luz, esse departamento ficou, que nós trouxemos da Nacional pra cá, onde tinha o Nonoca, onde tinha o Max, esse pessoal todinho nós trouxemos, e fizemos uma composição de moradores da Vila Planalto, tanto que ficou 4 departamentos né, Pacheco Fernandes, Rabelo, DFL, e Tamboril. Sei que é uma história muito fantástica a da Vila Planalto, é um bairro que tem valor histórico, porque a maioria do seus moradores ajudou a construir Brasília, a maioria dos moradores da vila trabalharam nessas empresas que ajudaram a construir Brasília, então esse valor histórico ele é uma situação indescritível.

Ah mudou demais a paisagem da vila, hoje nos temos casa de 2 andares, até de 3 andares. Hoje nós temos blocos de apartamentos... hoje a vila se tornou um bairro de gastronomia! O Número de restaurante que existe na vila é de fazer inveja a comunidade de Brasília que vem servir o almoço e o jantar nos restaurantes da vila. Principalmente os funcionários do senado e da câmara, porque nos estamos... a nossa distância entre o senado e a câmara, é aproximadamente 1500 metros. Então nós somos vizinho dos presidentes que passaram, que foram eleitos que passaram, e os que estão hoje eleitos. Nos somos vizinhos.

A dinâmica nova na Vila Planalto se transformou de uma maneira tal, que um lote hoje é mais caro que um lote no Plano Piloto, passa a dizer que no acampamento tamboril recentemente venderam uma casa por 1 milhão e seiscentos reais, isso é uma situação muito significativa, tendo em vista a posição estratégica da vila dentro do plano piloto, nós somos um bairro isolado do plano piloto, mas é porque nos temos história a contar.

Os meus vizinhos... o meu vizinho do lado esquerdo, era um engenheiro, ele foi embora mais nós fizemos amizade e depois de ter corrido quase 40 anos, chegou uma filha dele aqui na minha casa e foi a maior festa, e do lado direito, eu tinha um vizinho também, um engenheiro da NOVACAP, e depois veio o seu João, arquiteto, diretor da TERRACAP, aqui na minha frente tinha a dona Josmelinda, que era diretora da escola da vila, que hoje é dona de uma escola em que minhas filhas estudaram, que tinha uma universidade no Plano Piloto... todas minhas filhas estudaram o ensino médio nessa universidade da Josmelinda, que morava em frente a minha casa, daqui da minha casa eu enxergava a vida, o dia a dia da Josmelinda, era coisa maravilhosa.

Entrevistado: Bento, 29 de Agosto de 2015, Vila Planalto

Em maio de 1962, eu e minha esposa Isabel, Cristina e Rodolfo Junior, nossos filhos, chegamos em Brasília, e fomos recebidos, pelo meu cunhado Lila que residia no acampamento Tamboril, considerado parte baixa da Vila Planalto. Fomos recebidos com

muita alegria, por parte do meu cunhado e minha sogra Marieta, bem próximo a igrejinha do rosário.

Minha residência aqui na Vila Planalto, foi, primeiramente na casa do meu cunhado, depois mudamos para o acampamento da Rabelo, e, finalmente, para o acampamento Tamboril (de cima). 50 anos de Brasília com residência e domicílio na Vila Planalto. Os laços de vizinhança são de perfeita harmonia e amizade. Quer junto aos moradores do meu acampamento, quer na maioria das famílias da Vila Planalto.

Hoje a Vila Planalto, tem atividades mercantis de toda ordem, especialmente, na gastronomia, diante deste comércio a visão urbanística da Vila Planalto foi totalmente modificada. As casas de madeira localizadas nos acampamentos do Tamboril, DFL, Rabelo, Pacheco Fernandes e EMUPRESS. Tais acampamentos edificadas nos primórdios de Brasília. As casas de madeiras, foram substituídas por edificações de alvenaria. Tais como: Kitnets, apartamentos, hotéis, mercados, salões de beleza, empresas de materiais de construção, restaurantes, igrejas de diversos cultos religiosos. Assim, a Vila Planalto de hoje e considerada um bairro um tanto quanto disputada pela classe média. Até então, era considerada sob a proteção do governo do distrito federal a título de tombamento, porém, hoje foi legalizada pela lei 5.135 de 12 de Julho de 2013, que dispõe sobre a venda de imóveis na Vila Planalto mediante escritura pública de doação para os antigos pioneiros da Vila Planalto. e das outras providências., tais como: os lotes vendidos para terceiros serão adquiridos mediante processo licitatório.

O meu dia a dia na Vila Planalto está relacionado com atividades cívicas, bem como aquelas inerentes ao altruísmo. As minhas recordações tem valores musicais, artes, cultura, esporte, crianças, adolescentes, e outros valores de toda ordem. A Vila Planalto é bastante arborizada com palmeiras imperiais, gramados, mangueiras, flamboyans, guarda o cheiro de uma fazenda à beira do lago, alias, nesta premissa, a Vila Planalto está localizada bem perto da Orla do Lago Paranoá. Totalmente habitada por pessoas da Classe Média Alta.

O significado da Vila Planalto na minha vida e a minha residência de madeira, e minhas filhas, Marly, Valeria, Iara, que nasceram em minha residência no acampamento Tamboril, através, de uma parteira, muito especial, razão pela qual todas são lindas, inteligentes, como também a minha primeira filha e Rodolfo Nogueira Junior.

Hoje eu mudaria para a minha cidade de origem Goiânia. Deixando os meus dependentes, para zelar sobre a minha lealdade, honestidade, e meu profissionalismo.

Entrevistada: Jussara, 15 de Fevereiro de 2016, Vila Planalto

Você pode começar me dizendo como foi sua chegada aqui na Vila Planalto?

Eu vou começar contando um pouquinho da minha chegada em Brasília, eu cheguei no finalzinho de 59, e comecei a trabalhar em 60 na NOVACAP, eu trabalhava com uma equipe da área de edificações, de um lado era o pessoal do Niemeyer, do outro lado os engenheiros que fizeram Brasília, depois eu fui pra uma diretoria administrativa, fui ser assessora do diretor administrativo, e eu morava aqui com uma irmã, casada, que tinha filhos, e de repente, a gente morava na w3 sul de repente ela ficou sem residência, e coincidentemente a pessoa que morava numa casa, nessa casa, que era uma casa toda de madeira estava saindo de Brasília, era um arquiteto, estava saindo e eu soube, e consegui com o diretor uma autorização para vir pra Vila Planalto. Era uma loucura porque todo mundo queria morar na Vila Planalto porque não existia outro tipo de residência, né, a maioria estava aqui nesse aglomerado que era a Vila Planalto, e pra eu conseguir essa autorização eu vim morar aqui,

com minha irmã, os filhos dela... trabalhando na NOVACAP fiquei uma temporada aqui, ela foi embora pro Rio, e eu deixei que uma família que morasse lá no Paranoá, uma família que morava no Paranoá, e que estava desesperada não tinha onde morar, viesse morar comigo na casa, que a casa era muito grande, então eu passei por várias fases, passei a fase com minha irmã, com os meninos, e depois veio essa família aqui, nesse meio tempo, eu sai resolvi fazer uma viagem para os EUA, fiquei um ano no EUA trabalhando como doméstica, ai voltei pra Vila, depois quando cheguei voltei pra Vila, quase perdi a casa porque um pessoal achava que eu não voltava mais, mas eu terminei voltando e assumindo a casa, então comecei a morar sozinha. Fiquei um tempo só, depois eu resolvi adotar umas crianças né, meus filhos são adotivos, continuei trabalhando aqui e a partir, essa foi a fase mais rica... assim, da minha vida aqui na vila né, as crianças... isso aqui não tinha casa quase nada, era muita casa de madeira, poeira, tinha aqueles redemoinhos terríveis aqui na Vila, mas era um fase, um negócio que parecia uma grande fazenda, e assim, a gente era cercado por grandes amigos era muito legal porque você conhecia todo mundo, você tinha uma amizade assim diferente de o resto de Brasília, as características, a estrutura da Vila era diferente de toda estrutura do GDF que era estrutura de alvenaria com as ruas bem traçadas, aqui não, a coisa era bem meio desorganizada porque quando ela foi criada, ela foi criada pra abrigar várias empresas, acho que seis, sabe?! Todo mundo sabe disso né, eram várias empresas que vinham, tinha os construtores, e os operários que moravam juntos né então isso aqui no começo era meio desestruturado, meio desorganizado, mas depois que as empresas foram embora, foram se distribuindo essas casas pra outras pessoas, mas era assim muito aprazível né, você tava dentro de Brasília mas tava assim com uma vida completamente diferente com uma estrutura completamente diferente do resto da cidade, então era muito gostoso, meus filhos foram criados jogando futebol com um bando de menino bando de moleque aqui por perto, né, não tinha cerca, não tinha cerca, era uma árvore uma cerca viva bem baixinha todo mundo entrava e saía sem muito problema, sem muito transtorno, a gente, pra lembrar como q era, eu tinha um padeiro que deixava o pão na porta, vinha tocava a campainha, subia a escadinha vinha aqui deixava o pão ia embora, o leite também, era assim... a gente não tinha muita estrutura, muito pouco onde comprar, tinha um padeiro, uma farmácia, mas tinha muito pouco, era uma vida realmente muito gostosa.

Qual é sua principal lembrança relacionada a essa época?

Principal lembrança... eu acho que assim, a tranquilidade que a gente tinha, a paz que a gente tinha, a facilidade, de transporte, a facilidade de se movimentar né, você tinha uns problemas de ladrõesinhos, mas a gente sabia qual era o ladrõezinho da Vila, sabia quem era, quem pegava quem não pegava, mas era muito tranquilo, né... Você não trancava a porta, era uma vida diferente né, aí aos poucos isso aqui foi transformando né.

Como?

Foi se transformando com a chegada da possibilidade de construir, porque antes quando era só casa de madeira você não tinha as construções, não tinha o que está acontecendo hoje, que são esses quartinhos pra alugar, as kitnets que tão tendo... com a mudança de estrutura das casas, isso ai foi trazendo uma certa, não uma ganância, mas uma certa assim é... sei lá, vontade do pessoal de construir até pra poder sobreviver ter uma renda maior, você hoje está cercada de prédios de kitnet, eu mesmo to cercada aqui ó! O meu terreno tá cercado de kitnit, tirando até a minha liberdade no meu próprio quintal. Então isso aconteceu e acontece com muita violência né, depois da possibilidade de você construir com alvenaria, isso aí começou a desandar realmente, não significa que a Vila não seja boa pra morar, é muito boa pra morar ainda né, mas é assim, mudou completamente, hoje você... os amigos mais velhos vão morrendo, eu fiz oitenta anos os outros também tão ficando velhos, né, então aqueles amigos que a gente batia papo, atravessava a rua, ficava batendo papo, o dia inteiro, hoje não tem

mais né, então você tá cercada de pessoas diferentes, muita gente de fora e a gente não tem mais aquela intimidade que a gente tinha, aquela vida meio rural, que era característica da vila mesmo, então eu acho que isso mudou muito.

Você falou que antes você achava a Vila diferente, a dinâmica da vila era de uma forma diferente do resto de Brasília, e hoje?

Ainda é, ainda é, apesar de toda a transformação, toda a descaracterização que tá tendo aqui, eu acho que ainda tem uma dinâmica diferente do resto do Plano Piloto, realmente... as estruturas de superquadra, são características diferentes. Mesmo nessas cidades satélites eu acho que não tem uma característica do que tem aqui, eu acho que esse traçado das ruas consegui manter né, essas ruelazinhas, então, realmente eu acho que ainda tem isso daí de diferente do resto do Plano Piloto né, principalmente do Plano Piloto né, ainda tem minha casa com um grande quintal, que é difícil você achar dentro do Plano Piloto né, com esse mundo de árvores que eu tenho aqui, então eu acho que apesar de todas as mudanças eu acho que a Vila se diferencia.

E você consegue prever um futuro próximo pra Vila Planalto?

Eu acho que cada vez mais vai ter assim... essa corrida... pelas construções de alvenaria, grandes construções de alvenaria né, e... aumentando cada vez mais essas kitnet, esse tipo de moradia, porque meu medo é que... cada vez... a coisa se transformou né, a coisa se transformou quando se começou a permitir a alvenaria, por exemplo, eu fiz minha casa logo quando começaram a permitir alvenaria, no começo não podia mudar telhado de barro né, então quando eu construí minha casa, eu fui transformando, tirando a parte de madeira e pondo alvenaria, e deixei o telhado de zinco, porque não podia por do outro. Então, pra poder depois, como permitiram, eu fiquei 3 meses sentada vendo a lua, sem telhado, até fazer hoje esse telhado que tem aqui, e eu acho que cada vez mais... e aí começou essa corrida desenfreada através de kitnet de prédios, então começou a permitir, não permitiam segundo andar, eu me lembro que quando eu construí o restaurante eu fiz um mezanino, aí eles inclusive interditaram, falando: “ah você não pode fazer um mezanino”, e eu: “mas não é segundo andar, é um mezanino, aí eles pararam, só que todo mundo começou a fazer segundo andar, hoje tem até terceiro, provavelmente daqui uns dias vai ter quarto andar e eu acredito que daqui a algum tempo vamos ter prédios grandes aqui na Vila.

É permitido hoje na Vila Planalto ter dois andares?

Não é. Mas não tem fiscalização, a fiscalização as vezes vem, interdita, desmancha, e o pessoal faz outra vez, e parece que eles vão se cansando de lutar contra isso. O permitido hoje parece, que chegaram a permitir segundo andar né, permite até segundo andar, não permite terceiro, aí tem uns terceiros andares disfarçados né, então você vê isso em vários lugares né.

Aqui na sua casa hoje moram quantas pessoas com você?

Moram três pessoas e minha empregada, minha empregada... minha filha, meu genro, e eu.

E essa sua filha, ela morou aqui na infância também? Qual a sua lembrança da infância dela?

A partir do momento que ela veio pra cá... ah ela tinha uma vida muito solta, embora eu não deixasse sair muito, ficava muito perto daqui, mas eles sempre tinham uns amigos que vinham brincar e enchia a casa de criança, cansei de fazer festa de carnaval pra trazer todo mundo pra brincar aqui, aquele monte de menino, saia com os meninos todos, ia pra parque, fazia um monte de festa de São João, fazia todo ano, festa de São João, fogueira trazia os amigos todos, então eles foram criados assim, bem soltos aqui.

Você acha que ela vai continuar morando aqui na Vila, depois que você não esteja mais aqui?

Eu não sei, eu não acredito nem que eu continue muito tempo na Vila Planalto.

Porque?

Olha, eu to muito chateada com algumas coisas que tão acontecendo, eu te falei que to cercada de kitnet né, e tem um vizinho que fez uma kitnet com todas as janelas voltadas pro meu quintal, apesar de eu estar brigando, tá falando que não podia... entendeu, então isso tirou minha liberdade e isso está me chateando muito, tenho vontade as vezes de vender tudo e ir embora.

Ir embora pra onde?

Ah não sei, rsrs, olha aí eu to até assim, eu não tenho muita, às vezes eu penso em ficar né, ah vou modificar a casa, vou fazer isso, vou fazer aquilo as vezes... aí de repente, não. Não vou ficar mais aqui, aí eu tenho duas irmãs que moram em Araguari, uma cidade... morei muitos anos em Araguari antes de vir pra cá, penso: “ah, vou-me embora, vou pra Araguari, vou pra essa cidade que é de interior, mas pelo menos tem mais paz, né, e às vezes eu penso: “não, vou ficar”, ou então sair daqui... compro um lugar num condomínio, porque meu filho mora em Brasília o outro filho mora em Brasília, então fico na dúvida, saio não saio... porque eu tenho assim, apesar de eu achar que tem uma serie de motivos pra poder eu me desligar disso aqui, ao mesmo tempo eu tenho um apego muito grande nisso aqui, eu adoro meu quintal, eu adoro ficar sentada aqui olhando meus passarinhos, tem cada passarinho, pegar o João de barro que tem um monte, eles vem comer pertinho da gente sabe, é um negócio muito fantástico, então eu tenho um apego muito grande, um carinho muito grande por isso aqui, mas ao mesmo tempo eu ando desgostosa com isso aqui, agora, eu também tenho o meu comercio que eu não posso, como é, me desapegar dele agora, eu não posso vender ele agora, por uma série de coisas, mas eu fico assim meia chateada, quem sabe...

Você pode mostrar o seu quintal?

Posso, com o maior prazer... Tá muito feio, porque não é um jardim, é um quintal, um quintalão, quer ver as frutas todas que tem aqui?! Eu tenho 16 tipos de frutas no meu quintal! Pois é, olha aqui é meu pé de acerola, e isso aqui ó, inclusive eu sirvo no restaurante suco de acerola do quintal, vou até servir pra vocês. Aqui tinha uma goiabeira linda maravilhosa, eu não sei o que aconteceu, mas ela morreu, mas hoje eu tava olhando, e ta brotando outra vez, eu não entendi o porque! Morreu de repente sabe, foi a coisa mais triste. Gente isso aqui tá muito feio, ó isso aqui eh pitanga né?! Nessa goiabeira, tinha essa orquídea que dava na goiabeira, ela dava 30 orquídeas daquelas roxas e brancas lindas maravilhosas e a goiabeira morreu e eu ficava morrendo de tristeza da minha orquídea morrer, aí cortei, pus ela ai, parece que ela ta sobrevivendo, essa orquídea é maravilhosa!

Aqui ó, isso aqui é... não sei o nome, eu chamava de atimóia mas não é atimóia, é beribau alguma coisa assim, é uma fruta que parece fruta do conde mas ela não é igual a outra. Aqui é pocan. Aqui é... como é gente o nome da fruta!?! Graviola... rsrs, isso aqui era um campo de basquete, que eu fiz pro meu filho, que ele adorava jogar basquete, até hoje ele joga muito, né... quando ele fez 15, 16 anos eu fiz o campo de basquete, agora acabou o campo de basquete, não existe mais rsrs, aí... Gente, eu vou mostrar, aqui tem uma pretensa horta que com esse calor não vai pra frente... Ali é maracujá, cana, pequi, jabuticaba, goiaba, mamão...

E ali são os vizinhos?

É... esse aí é o vizinho, esse aí tá me chateando tanto que vocês nem imaginam, porque a obra foi toda irregular, eu tentei, mas eu não tive coragem de denunciar sabe, ficou por isso mesmo... aqui é pequi! Aqui é pinha, ali é limão, banana, aqui é cajá-manga... Tem tudo, rsrs, tá é maltratado! Porque com essa seca também né, tá muito seco...

Entrevistada: Carmen, 10 de Outubro de 2015, Vila Planalto

Então Maria, como foi sua chegada aqui na Vila Planalto e o que mudou até então?

A mudança foi grande né, porque quando eu cheguei aqui, aqui era tudo barraco, tudo de madeira... e tinha assim... nenhuma casa que não fosse de madeira... a gente quando chegava na entrada da vila, tinha um portão... E quando a gente chegava no portão tinha que ser revistado, tinha que abrir a mala... pra saber de onde estava vindo essas coisas... como meu marido já morava aqui, ele foi lá me buscou porque nos casamos, e eu vim... aí quer dizer, não teve muita revisão... ele só perguntaram... Porque, pra entrar uma pessoa que não fosse aqui da firma, conhecido, tinha que revistar.

Aí foi bom né... aí eu fui entrando né... eu só vendo os barraquinhos de tábuas... rs, aí nos entramos no portão lá de cima, ali onde antigamente era o Abel... lá tinha um tal de peixe, então lá tinha um alojamento de solteiro na entrada, onde morava os rapaz... nos chamava peixe o lugar sabe!? E era na entrada ali, onde que hoje é o Anísio, abaixo do Anísio tem aquela rua que entra pra vila... ali tinha um portão, ali que era o portão pra gente entrar, e tinha outro aqui de baixo, que é nessa minha rua, de cima aqui, ali tinha um portão, quer dizer, tinha aquele portão de cima e tinha o de baixo, quem vinha por baixo chegava por aqui, quem ia por cima chegava de lá entrava por lá... era tudo fechado... o acampamento. Isso aqui era uma área que o pessoal, como se diz, não tinha morador nenhum, tinha cerca a cerca aqui e tinha mato... aqueles matinhos que cresce, ficava fechado essa parte aqui. Aqui pra baixo era pedreira, a onde tá minha casa aqui era cheio de pedra, e tinha aquelas arvorezinhas secas, sabe. Então o pessoal que chegava que não conseguia fica lá dentro do acampamento fazia os barraquinhos... de papelão... Olha, chegava tanta gente pra trabalhar aqui em Brasília, do norte.. de tudo quanto é canto.. que eles as vezes chegavam e não tinha onde ficar, eles faziam barracão de papelão... e ficava até consegui um barraquinho lá dentro.

Você veio da onde, e como foi a ideia de vir pra cá?

Eu vim de Minas Gerais, eu namorava com meu marido... e ele trabalhava em Belo Horizonte, e quando começou Brasília, tinha um engenheiro lá de Belo Horizonte, que convidou ele, falou com ele “Antonio, você não quer com a gente pra Brasília? Tá começando agora a fazer nova capital! E lá tá ganhando bem, a pessoa trabalha dia e noite. Aí toda vida ele foi muito interessado né, aí ele tava em Belo Horizonte, ele falou com um tal de seu Nadir. E aí ele falou “você vai com a gente! Vamo embora pra Brasília!” Aí ele veio, pra conhecer né, chegou aqui, gostou! Em 57, em julho de 57 ele veio pra qui, aí quando foi em 60, ele voltou pra nos se casar, aí casei. Nos era noivo... e ele falava “se nos se casar ce vai pra Brasília?” falei: “uai, vou! Pra onde ce tiver eu acompanho rs. Aí ele pegou e falou : “ então, vamo marcar o casamento que eu quero levar você pra lá” Aí viemos. Cheguei aqui ele falou assim: “só tem uma coisa. Ce vai estranhar... Pq aqui você mora nessa casarona grande, de alvenaria... e lá é os barraquinho pequeno, é um quartinho com uma cozinha e uma salinha. Aí você vai estranhar que é tudo de madeira... eu falei: “ não... vixe meu deus, com você meu fio, eu vou pra qualquer canto! Haha... aí vam bora”. Aí cheguei... gostei! Quando eu cheguei, assim que eu entrei lá, fui vendo só aqueles barraquinho... cheio de

homem... homem chegando homem saindo... porque aqui quando começou Brasília era um movimento de homem, porque era pouca mulher, não era muita mulher, porque veio mais homem pra trabalhar, e aquele meio ali, era os quartos dos solteiros, ele morava nos quarto. Aí quando ele falou com o chefe dele que ia casar, ia me trazer pra ca... aí o chefe dele falou assim: “oía, agora não tem nenhuma casa desocupada lá nas ruas de cima, se o ce quiser fica aqui em baixo, nos separa um quarto aqui pra você. Aí eu mando arruma. Aí ele falou: “pode separar!”. Aí, eu vim pra ca... era um quartinho, uma salinhazinha pequena, e uma cozinha... banheiro não tinha né, era do lado de fora, eles que faziam o banheiro do lado de fora né. Aí cheguei... logo tinha assim, umas famílias né, nessa rua daqui né, de cima, aí ele chegou foi me apresentar, uma tal de Maria Goiana, e aí pediu logo a filha dela, Natalia Aparecida, primeira comida que eu comi foi de um goiano. “Natalia, quero que você faça um almoço pra mim e minha esposa, cheguei, casei ela : “é mesmo chapéu?!?”. Todo mundo gostava muito dele... aí vieram me conhecer... aí ela falou: “ah, então vamo fazer o almoço pra vocês!”. Não esqueço até hoje, que ela fez uma abobrinha, e aqui tinha no cerrado... no meio de do cerrado era cheio de abobrinha. Aqui do lado de lá da da pista quando a gente sobe ali pra ir pra rodoviária, menina ali era um cerrado, que eles jogava lixo, tinha uma casa de vidro, uma casa grande que funcionava, que o povo ia comprar vidro. Aí minha minha fia, indo por dentro aqui, da rodoviária, sai ali nos bombeiros, ali era aquele cerrado cheio de munturo, de terra, cheio de abobrinha, de tomate, aí o pessoal ia la catar as abobrinhas pra comer! Aí essa mulher fez abobrinha, menina, mas tava uma delícia! Não sei se era porque a gente chegou com fome... Aí comi, aí é que ele foi chamar o menino, tal de Eli, ele era pedreiro que fazia os fogãozinho de lenha pra quando as pessoas chegassem, aí ele foi logo la chamar o Eli pra fazer o fogãozinho pra nos no outro dia. Aí fiquei comendo na pensão, que na rua de cima, lá na rua 3, tinha a pensão do seu Gumercindo, ele era lá de Belo Horizonte, e a Dona Alaíde, tinham pensão, e ele cobrava a pensão lá. Aí nos comemos ainda assim no outro dia lá, tinha o cumpade da Corte também, que era muito amigo dele de BH, no outro dia nos fomos pra la... me convidou... que era pra me levar, pra conhecer... tudo o pessoal de Belo Horizonte. Aí foi, quando deu dois dias, o menino deixou o fogão todo arrumadinho. Ninguém tinha fogão a gás. Só todo mundo fugão de lenha, ate os doutor lá pra cima, tudo era fogão de lenha. Aí pronto. Aí fiquei... graças a deus, nos primeiros meses eu sentia assim muita falta né, menina, achava assim as portas do barraco tudo pequena, esbarrava! A casa do meu pai era grande né, meu pai tinha uma casa assim desse tamanho. E aí, quando eu entrei naquele quartinho pequenino, as portas apertadas, eu esbarrava... falei: “tá ótimo! Ta bão demais! Hahaha, aí pronto... fiquei! E aí gostei né... quando deu seis meses, eu voltei em casa, aí de ano em ano eu ia... passava lá um mês com meu pai, nos ia sempre no natal... ele ficava eu ia, depois ele ia passava uma semana só e nos via embora. Graças a deus foi bom, as vezes muita gente falava: “ aí porque aqui é muito ruim, você vai ver”. Mas pra mim não teve lugar melhor, porque o respeito... a gente saia daqui, quando chegava na hora do almoço, levava marmita pra ele, que ele trabalhava lá no Banco do Brasil, na rodoviária... outra hora aqui no Teatro Nacional... então a gente levava a marmita. E foi assim... era uma coisa assim muito boa.

E dessa época pro dia-a-dia de hoje da Vila Planalto, quais foram as principais transformações?

Ah... Brasília transformou porque você sabe, cresceu! Antigamente, quando nos chegamos aqui, era o que: a W3 começando, tinha só um supermercado, aquele ali na 10, a gente fazia compra lá de vez em quando, mas mais era no bandeirante, chegava dia de domingo, o pessoal ia pro bandeirante fazer compra, os homem, enchia o caminhão de homem e ia fazer compra. Aí depois assim, de vez em quando ia uma mulher, na frente né, ia duas mulher, aí os homem sai pra fazer compra... No outro domingo já ia outras mulher... era assim, a gente de

vez em quando acompanhava pra fazer compra. E agora, depois né... que vai o decorrer, as coisas vão melhorando, a W3 já foi tendo mais comércio né, a Vila Planalto, ali na igreja, que é o tamboril pra lá, ali tinha um "ASAB", ai abriu um comércio... ai já tinha comércio pra tudo, chegava dia de domingo era uma feirona lá!

Então, nessa época, chagava dia de domingo a gente ia fazer compra de verdura, ai a fera foi aumentando... foi aparecendo uns gringos, vendendo roupa... aí tinha um tal de Paulista, ele veio abriu uma casa que vendia de tudo, cama, colchão, essas coisas... aí começou né, melhorando pra gente, ai com o tempo já foi tendo uns mercadinhos aqui, claro que o pessoal não comprava muita coisa porque era pouco, e o bandeirante é que tinha tudo, então o pessoal no domingo ia tudo no bandeirante, mas no meio da semana o que faltava a gente comprava por aqui... Aí eles falavam Vila Planalto lá, aqui falava Rabelo. Aí nos falava assim: "vamos na Vila Planalto?! Vamo! Vamo fazer compras? Vamo!". Aí tinha a igreja, a igreja não tinha padre quando eu cheguei aqui, depois com o tempo que veio os padre, ai vinha padre só dia de domingo, um domingo sim outro não, as vezes tinha domingo que nos esperava ter missa e não tinha... aí depois tinha uma igreja aqui, na pracinha, então era assim, ate que foi controlando controlando, até que veio o padre ficar fixo aqui, aí já foi melhorando... o tamboril também crescendo, aumentando gente, e a vila planalto era cheia porque tinha as companhias... igual assim: a construtora Rabelo, aí tinha a DFL, tinha a Pacheco Fernandes, tinha a Edil, a Ercisa, Perdeneira... cada uma com a sua empreiteira. E nesse lugar vinha pessoas que trabalhavam para aquela empreiteira, ficava naquele canteirão dele. Igual hoje, já tinha Rabelo, aqui na frente já é Pacheco Fernandes, pra lá é DFL, pra lá é Tamboril... né. E Tamboril também tinha o acampamento Minas Gerais, Nacional... né! Então aqui, quer dizer, era ao todo acho que 22 companhias, e era muito assim animado com o trabalho.

Os homens trabalhavam muito, e as mulheres?

As mulher trabalhava, as poucas mulheres que tinha aqui, lavava as roupas dos homem, costurava. Agora, eu quando cheguei aqui, não tinha nenhuma costureira, eu comecei a costurar e não dava conta... aí começou né, aparecer mais uma mais uma, ih! Eu costurei muito para as lojas Pernambucanas, eu pegava as roupas lá pra fazer, os rapazes que trabalhavam na Pernambucana, eu fazia camisa branca, pra eles, eu ia lá pegava o pano com eles, trazia e ia levar as camisa, que era pra eles trabalhar, trabalhava todo mundo de camisetinha branca, calça azul, trazia pano pra fazer calça... eu fazia de tudo! Costurava pra homem e pra mulher! Fazia vestido de noiva... ixe ! Fiz muita roupa aqui... aí depois apareceu mais costureiras... foi aparecendo mais uma e mais uma, aí, foi melhorando... mas nossa minha filha, tinha tempo que eu passava apertado com a costura! Tinha um guarda roupa na sala, naquela salinha pequena meu marido fez um guarda-roupa e aí eu punha... ia fazendo as costura e pendurava lá, e tinha uma mala grande dos pano que eu comprava que eles escolhia e eu fazia...

E hoje em dia, qual é o papel da vila planalto na sua vida, no seu cotidiano?

Menina hoje eu vou te fala, hoje é comida né!? É restaurante... hoje o povo fala, Vila Planalto é o lugar dos restaurante bom! Você vai na w3, você vai em Taguatinga, você conversa com um, com outro, a pessoa quer mudar pra Vila Planalto, porque a Vila Planalto... "ah, eu tenho vontade de ir pra Vila porque lá é perto de tudo e tem comida boa! Os restaurantes lá são bons, a gente vai, trabalha no ministério, sai, almoça lá, é uma beleza a comida... pode escolher!" E é verdade né, hoje pro povo, a Vila Planalto ficou lugar de comida boa.

E você frequenta esses restaurantes?

Vou vou... gosto de almoço ali perto na igreja, eu acho bom, ali no casarão, ali pra cima também vou... lá na dona Elza né, fogãozinho de pedra. Tem a traíra sem espinha, né!? Os lugarzinho tudo é bom... de vez em quando eu vou em um.

O que você acha que ainda pode se transformar no futuro da Vila Planalto?

Mudou, e muitas coisas atrapalhou. Porque hoje, Vila Planalto era pra tá muito melhor! Olha, nós não temos uma escola na Vila Planalto... derrubaram. Eu acho que depois que entrou... a gente não tem nem medo de falar, porque o PT tá acabando com as coisas, com a nossa Brasília. Porque, Vila Planalto nunca ficou sem escola, o posto da vila... não tinha posto! Eu fui fundadora, porque chegava o povo do norte, e os marido morava tudo nos quarto, e nos tinha comércio, porque desde que eu cheguei, meu marido vendia um cafezinho de manha na beirada da pista, aqui perto do posto de saúde, punha uma mesinha lá, de manha levava leite, café e pão. Porque era homem! E ali tomava o café... e levantava o que ? 4:30! 5h o povo já estava tudo lá procurando café porque se demorasse não achava mais pão né... Aí... depois, eu falei assim: “vamo por um comerciozinho aqui dentro? Porque pra mim ir lá pra beirada da pista é ruim, e você tem que ir trabalhar... quando chegava 6:30 eu já vinha embora me arrumar correndo pra ir trabalhar! Mas como ele trabalhava perto né, tinha tempo que ele trabalhava aqui no palácio, era só pegar a bicicleta rapidinho estava lá... aí nos pusemos o comercio, tinha um senhor que tinha um comercio que nessa invasão, que era uma invasão, que tinha a cerquinha... na divisa com o meu lote. Aí nos compramos o comerciozinho deles, e nesse negócio do pessoal vim, vim pra beber no nosso comércio, que era um barzinho, aí eles vinha comprar, nós punha também as coisas de comida, aí eles vinha comprar, nós tinha aquela amizade com eles todos, porque eles, os solteirões, porque como diziam, as mulher estavam lá no norte... quando uma mulher vinha, as mulher não sabia, não conhecia nada, eles (os maridos) já tinha amizade comigo, eles falavam: “o Dona Maria, a senhora podia levar minha mulher lá na asa norte no posto de saúde porque ela chegou meio doente, e ela não sabe andar em lugar nenhum... a senhora pode?” eu falava: “Posso uai.” Aí eu ia, pega um ônibus, chegava na rodoviária, pega outro ônibus pra ir, pra ensinar elas... quando elas aprendiam, iam sozinhas... mas chegava outra, e vem outra... Dona Maria, Dona Maria... aí eu fiquei assim... foi passando, foi passando o tempo ... aí eu falei assim: “ gente! Eu tenho que correr atras de um posto aqui pra vila, porque se não eu não tenho tempo, é só levando gente... e eu não podia negar. Porque né, fica o meu marido: “não mulher.. fecha a venda, vai levar eles...” aí eu: “tá... tá bão.” Aí, eu peguei lá no posto falei com a chefe. A enfermeira chefe, que era Ana Maria o nome dela, e tinha o enfermeiro que chamava Crisanto, aí eu falei com eles: “gente vocês podiam tanto era fundar um posto lá na vila pra nos!” Aí ele falou: “uai Dona Maria, porque o pessoal da Vila Planalto vem tudo pra cá né” e aí a Ana Maria falou: “Menina de deus seria uma boa, porque elas vem na primeira vez, faz a consulta, aí, quando marca o retorno, vem. Depois quando é pra vim de novo, não vem mais. Porque?” Aí eu falei: “sabe porque, porque tem que pegar dois ônibus, mesmo que pega um, mas é dois, pra lá e pra cá, quando a maioria ia a pé da rodoviária pra asa norte... mas, tinha gente que já tá doente, como é que aguenta nadar demais? Pegava o ônibus. Se vocês fundassem la ia ser uma boa” ela falou: “uai pode! Se você arrumasse um lugar lá pra gente, nós ia de 15 em 15 dias, e nós levava resultado de consulta, criança nos levava vacina”. E não precisava deles fica voltando, eu falei assim: “eles não tem dinheiro... chega do norte, com toda a pobreza, o homem até que arruma barraco pra morar, com criança... o dinheiro é pouco. A pessoa pra pagar tem dia que não tem.” ela falou assim: “menina, arruma lá um canto!” falei: “eu do minha casa! la eu tenho minha venda, eu fico na minha vendinha, lá no barracão ce põe a balança, e tem a garagem do meu carro, então, nos faz o movimento na garagem e no barracão. Aí ela: “Oxi, então minha fia, marca 15 dias aí, e me

espera que eu vou!” Aaah Ana Maria era uma mulher tão bacana, e o Crisanto, eram os dois chefes. Aí começo com o medico, aí o medico falou: “então pode, quarta feira de 15 em 15 dias”. Aí pronto, começou, elas vindo... quando eu avisei la na venda que vinha pessoas pra ajudar, que eu queria ver se eu fundava um posto. Ah não... era uma meninada, minha filha... aí começou ne, chegava la na venda... menina!! Eu achava bom porque a gente já vendia alguma coisinha, rs, não precisava de eu fechar a venda, e ainda ganhava ne!? Aí fazia bolo, fazia cafezinho... tudo cedo. Quando elas chegavam deixava o cafezinho deles lá, ah, eu ficava até meio dia, quando dava meio dia eu vinha embora. Chegava 7:30 12h00 eu vinha embora. Aí as mulher já começo pensando que nos éramos médicos: “ai eu vim consultar meu filho” eu digo: “não minha filha, nos não somos médicos. Nos estamos aqui para conversar com vocês, trazer o resultado pra fica mais fácil, pesar suas crianças, vacinar... e agora, vamo se com o tempo a gente consegue fundar um posto!” Aí eu falava: “ceis vai fundar um posto, ceis vai fundar o posto!” A gente ficou 6 meses atendendo la em casa! Aí a Ana Maria falou assim: “o Maria, se você arrumar um local que tenha assim, uma cama... umas duas salas, eu vou trazer o médico!”. Falei assim: “é mesmo? aah pera aí.” Corri! Nos tinha feito uma creche velha, ali em cima na praça, e essa creche não tava funcionando, e aí a Zoe, combinou mais a Carmelina de fazer... é... ela cuidava de uma crianças desnutridas que aqui tinham muitas, de 0 a 6. Pra... ajudar! E nisso eu fui la... falei com a Zoe, falei: “Zoe, la em casa tá indo aquelas enfermeiras, dois enfermeiros, de 15 em 15 dias, eu pedi pra ver se trazia o médico, eles falou que se a gente consegui dois quartos, que dava pra trazer o médico, punha uma cama, e uma sala ficava de espera, e a outra seria o quartinho que o médico ficava. Eu vou trazer, porque a muiezada tá tudo pensando que eu sou médica.” Ah minha filha, quando falei pra Zoé ela ficou alegre! “Nossa Maria que benção!! Esses menino tudo desnutrido aqui tá precisando de médico minha filha, vou da a vocês três salas em vez de duas! Vocês ficam numa, aqui fica sendo a triagem, e fica lá o outro quarto pro medico atender! Ah que beleza, pra por balança, pra por tudo pra pesar!”. Aí o médico pegou e veio da primeira vez e falou: “Agora vocês vão ter que fazer uma coisa. Vou arrumar um curso pra vocês, vocês vão fazer um cursinho pra me ajudar! Porque nos não pode trazer mais enfermeiro, só pode vim Crisanto e Ana Maria. Aí vocês vao ajudar, uma vai medir pressão, a outra vai pesar criança, é assim, a outra vai fazer o cartão... Eu falei: “Ótimo! Quantas pessoas?” “Arruma aí umas 10 mulheres aí”. Aí eu falei: “Ué, tá bao.” Corri, bati de porta em porta, aí arrumei 17, quando foi na outra quarta-feira falei: “Tem 17 mulher meu filho, pode mandar o médico!” Aí mandou um médico já assim mais velho, bonzinho menina! Aí ele deu aula pra nos, 4 meses de aula.... Aí eu fiquei medindo pressão, a outra fazendo isso, a outra fazendo aquilo, cada uma tinha uma função. Aí graças a Deus, quando ficou um tempinho... Aí já começou a chegar gente demais, o médico falou: “pode deixar - começou a vir dois médicos – pode deixar, precisamos de arrumar agora é de um local mesmo para fazer um posto!” Aí nos correu no Roriz, nessa época o Roriz entrou, a gente foi la e pediu o Roriz, o Roriz: “Pois pronto!!! Não... ceis escolhem la o local do posto que eu dou o lote! E vou fazer o posto!” Aaah minha filha... nos escolhemos aquele canto, andamos a vila toda, até: “ah! Esse lote aqui tá bão!” Antes disso, ele tinha feito aquele Três Porquinhos, é onde mora a policia ne, o idoso, e tem mais aquele pessoal que invadiu la e ainda tá até hoje. Aqueles três módulos ali, nos tiramos da creche (o posto) e fomos pra um modulo daqueles, Roriz mandou organizar tudo para o posto, e falou que ia depois construir o outro posto no lote lá que nos tinha escolhido. Aí pronto. Levamos o postinho da creche pra lá, para os três porquinhos. Aí lá ficamos bastante tempo, mas aí, foi mutuando de mais, não cabia mais. Aí o Roriz correu, e adiantou a obra lá, num estantinho saiu o posto. Aí ficou naquela parte debaixo, aí depois foi passando o tempo também ficou faltando lugar... pra vir mais medico e tudo. Isso foi na época que o Cristóvão ganho, e a Maninha era do serviço social, aí nos fomos atras de Maninha. Aí pedimos Maninha, Maninha: “Pois pronto! Gente,

não é muito muito fácil não, porque esse meu governo não é muito dos bom não, mas eu vou fazer o possível de aumentar esse posto de vocês.” Aí minha fia, eu sei que com o pedido dela conseguimos aumentar aquele pedacinho lá de cima. Aí foi bom graças a deus, iiii! Aí o postinho começou... vinha até gente pra tirar sangue, tinha tudoo... Mas, depois quando entrou o outro partido, falaram até em tirar o posto. Aaaaah eu fui... deu uma briga. Falei: “Não... não é assim não!”. Escrevemos uma carta, falamos que aqui o melhor que tinha era o posto, e ia tirar!? A escola já tava fraca. Aí, Graças a Deus, eles... é... não tirou. O posto. Mas enfraqueceu... porque o posto hoje, assim, graças a Deus, ajuda muito. Mas não é iguall era. Então tem muitas coisas aqui na vila que, melhorou casa e comercio de comida. Mas só que as outras coisa em vez de melhorar, fez foi acabar. Porque igual a escola, derrubaram e nunca mais faz, agora, vamos ver, porque essa semana passada teve a reunião com Izalci né... o Izalci foi um a pessoa muito boa na época assim que a gente mexia com política, e o Izalci foi um deputado até bom pra gente. Vamos vê. Ele falou lá... que vai fazer, construir a escola, os pais lá pediram pra ver se já faz segundo grau, pra não deixa ficando aquele negocio pelas metades. Aí ele falou né, que tem possibilidades. Que melhore né. Mas, então eu falo que a Vila, pra dizer que não melhorou, melhorou! Porque só de ter as casa da gente de alvenaria, porque era barraco de tábuas cheio de rato, barata! Hoje o povo tem medo de rato mas nos convivia no meio dos ratos, rs. E graças a deus não teve nada. Menina, não tinha rede de esgoto ne... quer dizer, na época da política do Roriz foi muito boa pra nós, porque arrumou essas redes de água... foi uma coisa assim bem melhor. E que aqui era barro, era aquele rio de esgoto... na rua, a gente vivia pulando, as águas, porque você usava a sua água ia pra rua, o outro a mesma coisa, vinha uma chuva juntava água daquela torneira com tudo, era aquele barrão era barro era poeira. E era bom. Era bom porque era um tempo assim de muita amizade, e ce vê que esses pioneiros antigos, nos somos aqueles grandes amigos. Igual a eu, as vezes eu não frequento a casa de vocês, mas tenho o Rodolfo como grande amigo. Rodolfinho quando entrou pra ser nosso administrador, aaah eu enfrentei fiz tudo pra ele ganhar. E falei: “Ele ganha! Vamo votar no Rodolfinho!” Quer dizer, porque? Um pioneiro, porque a gente trabalhou junto com seu avô, sua vó era uma grande freguesa da gente, e Rodolfinho era uma criança, então quando ele vinha buscar galinha pra sua vó, eu já sabia como é que ela gostava dos franguinho. Era um tempo muito bom, aquele tempo, agora hoje o pessoal saiu muito, aquele pessoal pioneiro né, mudaram muita gente que vendeu, agora tem muita gente estranha, mas muito estranho que graças a deus eu já fiz amizade com quase todos. Sempre eu vejo assim as pessoas que moram nessas casas que foram compradas, sempre eu conheço um e outro. Não tem mais aquela intimidade que a gente tinha, era no nosso tempo né, mas que também por causa da mudança, não é que atrapalhou, mas modificou, né. Alguma coisa, porque não igual antigamente que você passava na rua e falava: “oi fulano, oi beltrano”, agora já não tem mais assim, eu falo porque: se eu for lá no Tamboril, eu chego desço na rua sua vó tá lá eu digo: “Oi Isabel”, e já tem outro morador lá que eu não conheço, talvez eu passe olho assim, não sei... se passo na Doutora Sony: “Oi Doutora Sony!”, a Socorro, que era lá embaixo... a Socorro nem mora aí mais... né?! Então, Dona Nair, já faleceu. Que a gente ia ali “oi Dona Nair” tinha que parar um pouquinho com ela, tinha que parar com a Maria do Céu, que é a dona Maria da sopa, era tudo assim, a Aparecida, viiiish! Agora quer dizer, do lado de baixo, ali tinha Raul, Ione, Ione ainda mora né, da Dona Nair, Seu Edu ali em cima, ali eu conhecia todo mundo, Dona Liberata, nossa! Uma gracinha! Quando ia fazer as coisas na Vila, nos ia pedir: “ah, vamo construir isso, centro social...” igual a eu, fui fundadora, junto com meu grupo das Dez, do centro social. Quer dizer, nos ia pedir ajuda lá, Doutor Adilson, mas a esposa dele. Quer dizer, era um tempo de muitos amigos, muito conhecido. Hoje mudou, hoje tem muita gente que você não conhece, conhece, mas assim de vista, não tem muito aquela liberdade que a gente tinha né... mas como se diz, eu gosto muito da nossa Vila Planalto.

Hoje em dia você mudaria de bairro?

Não. Se eu mudar de bairro, todo lugar aqui eu tenho conhecido, graças a deus! Eu já acostumei no meu canto aqui, até tenho vontade de sair assim pra ficar um tempo... igual eu tenho esse problema na perna, eu tenho até vontade de sair e ficar mais perto de uma piscina... o ano passado mesmo eu tive com a ideia de mudar la pra w3 pra ficar pertinho do SESC que é o lugar que eu vou pra fazer, depois a gente pensa: “ah , mais eu vou sair daqui.... não” aí a Thais: “Mãe vamo alugar aqui, vamo descer aqui pra beirada do lago, que aqui tem esses apartamento, tem piscina, tem tudo pra senhora é melhor”, “é mesmo, tá”. Mas, fica assim pensando...

Essa casa aqui tem quanto tempo que você mora nela?

Ela aqui tem 22 anos, mudei praqui quando meu marido faleceu.

E antes disso?

Morava aqui, a frente desse lote aqui é o fundo do lote que morava lá, morava de frente pro campo... ali eu tinha meu comércio. Foi muito boa a Vila Planalto que aqui tinha... nos frequentava o clube do Motonáutica... que eu era sócia, sou né. E desde que eu cheguei aqui, que meus menino nasceu, aí eu já fiquei sócia la do Motonáutica pra eles irem... aí ele aproveitaram né. Aí passou um tempo agora, todo mundo cresceu... aí foi diminuindo um pouco, aí quando Rodolfo entrou, aí Genaso começou de novo rs. Eu também a vezes gosto de ir lá uma vez ou outra, agora to demorando mais porque eu to sem carro, porque roubaram meu carro. Agora to querendo comprar pra mim, começar a ir de novo. Aqui tinha dois clubes, tinha o clube do pião e o clube dos doutor. Então, era assim... Os engenheiros tinha lá, e os do pião era o de baixo. Mas só que era tão bom, que você tinha convivência com os dois clubes. Meu marido dançava muito bem, todo mundo queria que ele dançasse no clube deles. Uma vez a gente tava dançando aqui nesse clube aqui debaixo, aí o pessoal lá de cima vinha: “Chapéu, Chapéu! Vem pra ca vem, vai dançar lá também!” Aí ele falava: “Daqui a pouco”. RSRRS. Aí nos ficava um pouco no debaixo, corria, ia lá pro outro... aqui tinha também um dentista, dançava bem demais!!! Morava ali no Armazém do Geraldo, pareado com armazém tinha duas família, tinha o Fuminho, e tinha o dentista. Aí, a mulher dele chamava Dona Rita, aí a Dona Rita era muito engraçada, tinha uma irmã dela que dançava bem!! Ele dançava mais com a cunhada, porque a Dona Rita não era a que dançava tão bem não, mas a Geralda... irmã da Dona Rita dançava bem, e meu marido dançava com ele, ele dançava comigo... era assim, era uma vida tão assim... tranquila... sabe como é que era ?! Chegava sábado pra domingo e de quarta pra quinta o povo dançava, de sábado pra domingo e de domingo pra segunda dançava até meia-noite. Meia-noite todo mundo ia embora pra casa pra dormir pra ir trabalhar. E, tinha o cinema, a onde é ali o “LAJOTA”, que é o Toninho, ali era o cinema. Tinha a farmácia da Aparecida... ali abaixo do Tamboril... Agora hoje, um posto, e o povo ainda quer balançar pra tirar... aí eu falo: “gente, eu tinha vontade que voltasse a nossa Vila Planalto, assim, era madeira, eu tenho saudade por isso, hoje eu tenho a felicidade de morar em uma casa de alvenaria, que foi uma coisa muito boa. Porque quando a gente morava em barraco de tábuas, quando chovia era pingueira! “corre com a panela pra por aqui, corre com a bacia pra por ali... !” Mas só que, tinha muita coisa boa, tinha divertimento. Né?! Hoje o povo não tem cinema, não tem mais um clube que tinha, igual era... ah, a Vila era muito animada... muito animado, tinha muita poeira muita coisa... barro! Mas era bom! A convivência era muito boa.

Era um tempo muito bom, a gente ia a pé daqui pra rodoviária por carta no correio! Passava tudo por dentro aqui, cheio de matinho assim, aquele mato cerrado, aí aparecia uns índios de vez em quando, a gente corria! Aaaah, mas era engraçado quando e gente ia levar marmitta aqui em baixo no palácio, as vezes a gente saia tranquila, 3, 4 mulheres levando marmitta

para os marido lá embaixo, aí quando nos via nos encontrava um índio! Nos ficava com medo, mas ele passava e nem tchum, e nós ó: com medo do besta! Rsrs! De vez em quando aparecia índio... aí depois nos foi acostumando, já começo a ter índio até que vinha pra trabalhar... ixee! Teve um tempo que veio um rapaz que era índio, namorou até com minha prima aqui! A gente ria com ele! Aaah era engraçado! Dia de domingo a gente vinha passear na casa do presidente... ali tinha muito bicho, não tinha zoológico ainda, o zoológico era lá! Ali no no palácio... tinha burrinho da índia, tinha zebrinha, tinha pavão... ali, nossa! Tinha muito bicho! Macaquinhos lá... era tudo ali pareado com palácio, entrava naquela portãozinho do lado de baixo lá, era cheio de bicho... aí depois que fez o zoológico, aí eles levaram. Mas nos ia domingo passa lá, o presidente não tinha esse negócio de ter medo da gente não! Oxii! Eu passava todo dia dentro pra levar o almoço do Chapéu que trabalhava naquela ponte fazendo a represa. Ali, a gente passava dentro da casa... e eles mostravam pra gente a cozinha do palácio. Não tinha aquele medo de ninguém... mas, depois foi começando! Todas as pessoas que vieram de presidente nos teve contato, só único que nos não tivemos contato foi com o Lula.

Entrevistado: Julieta, 21 de Agosto de 2015, Vila Planalto

Então, Julieta. Como é que foi a sua chegada aqui na Vila Planalto e o que mudou desde então?

Bom. Eu já tinha o meu tio, o irmão caçula da mamãe que morava aqui em Brasília, trabalhava no Motonáutica. Então ele convidou a minha mãe para vir comigo, que só era eu e ela. E ela veio e trouxe um sobrinho dela que ela criava, junto. Aí a gente chegando aqui, chegamos num dia, aí, no outro dia, ela já foi contratada no Motonáutica. E ficou até aposentar. Durante toda a sua vida, a sua história foi no Motonáutica, Brasília Motonáutica Clube. Então lá eu cresci, lá eu estudava, chegava da escola meio dia, já ficava lá no Motonáutica com ela, fazia minhas tarefas escolares lá, fazia esporte também, porque o pessoal, os professores me liberavam para eu fazer gratuitamente. E minha história foi no Brasília Motonáutica Clube. E, aqui na Vila Planalto, eu vinha mais para dormir.

Caramba, eu não sabia disso. Mas você morava onde?

Eu morava ali, próximo do Cota Mil, era onde meu tio morava, o pessoal tinha deixado a gente morar lá. Aí, quando eles precisaram do terreno, aí a gente veio, eu já estudava aqui na escolinha da vila, aí a gente veio para cá e eu fiquei no Motonáutica. Como um diretor deixou... um departamento que estava desativado, em frente ao vestiário, deixou que a gente... eu ficava lá durante o dia, quietinha para ninguém ver que eu estava ali, morando ali. Então, ninguém sabia que eu morava ali. Eu ficava quietinha, que era para minha mãe poder trabalhar durante o dia e, quando eu ia para lá, era quando eu não via sócio, não via funcionário, eu escondia lá dentro e ficava lá, fazendo minhas tarefas...

Quantos anos você tinha?

Uns dez anos, mais ou menos. Nove, dez anos de idade. Aí, fiquei mais ou menos um ano assim, aí um dos conselheiros ficou sabendo que a gente estava lá, que era o marido da Ana Leutéria, professora aqui da Vila Planalto, aqui da escolinha, Dona Ana.

Ela mora aqui ainda?

Não. A mãe da Cecília e da Ana Lúcia.

E a Aparecida (Imediata) também? Ela...

Não, a Aparecida não. Ela era professora aí na escola, mas não era... não tinha conhecimento comigo. Aí a professora Ana, sabendo dessa história, a filha dela Cecília me convidou para vir passar um final de semana na casa dela, e aí eu vim para cá, minha mãe me liberou, eu fiquei o final de semana, e aí não voltei mais. Eu fiquei morando aí com eles durante um ano, mais ou menos. E minha mãe vinha para cá, aí ajudava a passar uma roupa, ajudava a fazer alguma coisa para eles, quando chegava do Motonáutica, bem tarde da noite. E eu ficava lá com ela. E eu dormia na mesma cama que a Maria Cecília. Ela não me deixava eu dormir num colchãozinho no chão, alguma coisa não, era as duas na mesma cama. A gaveta dela, ela separou uma gaveta para eu por minhas roupas. Foi como uma irmã para mim, até hoje eu tenho muita consideração com ela. E a Cristina, a Isabel Cristina Nogueira (), que era...

Como você conheceu ela?

Por que era tudo no Motonáutica. O Rodolfo Nogueira, (que é seu avô), já trabalhava lá também, e a gente era tudo muito amiga. Porque, minha mãe era muito querida dos diretores, ela sempre trabalhou, sem pensar em hora extra, se dedicava demais. Ela fazia departamento médico, se precisasse no vestiário, ela ia para o vestiário, se precisasse no cafezinho na secretaria, ela ia; ela era enfermeira dos médicos, ela dava pontos, se precisasse fazer algum ponto de anzol, de alguma coisa que menino machucava... Então, o pessoal gostava muito dela. E aí, a Cristina também conheceu lá na casa da Madrinha Ana, que, depois, eu vim tomar ela como madrinha de crisma. E aí, a Cristina me tinha como prima, e chamava minha mãe de tia, eu chamava... a Isabel e o Rodolfo, até hoje eu chamo eles de tios. E aí eu vinha para cá e ficava pegando carona, de manhã, na escola. Eu subia e pegava carona com a Cristina, era a mesma escola. Depois a gente saiu aqui da escolinha e foi todo mundo lá para (Josma), na escola Planalto. E aí, a Isabel Cristina, que ficou assim, me ajudava no trabalho escolar, por que ela tinha enciclopédia, tinha essas coisas. E a gente ficava lá no Planalto como se fosse todo mundo primo. Era tudo família. A gente formou um grupo nosso da Vila Planalto, lá. E aí a Cristina me ensinou muita coisa.

O que mudou desde então, desse convívio todo?

Mudou por que eu me senti muito amada, muito respeitada, eles foram minha família.

Está emocionada! E assim, como é que você enxergava a estrutura da Vila Planalto? A Vila Planalto já era tratada como a Vila Planalto?

Como Vila Planalto, só que não tinha asfalto, era poeira. Quando dava um vento era redemoinho, só faltava a gente, que, de sombrinha, saía quase voando. E o (Walter) (), que também era conselheiro lá. Então, o tio (Walter) e a tia Cida foram meus segundo pais. E a tia Isabel. Aqui eu ficava mais, vinha, quando eu vinha... Aí, depois, eu comecei a vir da escola e já ficava na casa da madrinha Ana. Depois eu mudei daí, um ano depois. Um conselheiro do clube mudou, (recebeu um) apartamento na Asa Norte, e disse para a gente ficar lá, na casa dele. Eu tinha um quartinho pequenininho, porque a gente queria nossa individualidade também. E aí, a gente ficou nesse quartinho. Quando eles mudaram, quando receberam (outro) terreno, a gente ficou lá. Aí ele foi entregar na SHIS, não sei onde era, a chave e falou: "Mas tem uma família morando lá, a Mãe e a filha." (Falou: "Não, então não) vamos derrubar o barraco." E ficou dessa forma...

E era um barraco ou era uma casa?

Era uma casa. Mas, a gente morava num quartinho, pequenininho, só dava a cama mesmo e abrir a porta, mais nada. Sem banheiro, sem nada. Tudo meu era no Motonáutica, passava o dia lá, tomava banho, já vinha arrumada. Então eu me senti muito acolhida. Eu não me sentia discriminada, não me sentia inferior, não me sentia que eu era mais pobre ou mais rica. Então, essas pessoas, esse círculo de vizinhança aqui na Vila Planalto para mim foi muito importante. Enquanto, no montante da vila, tinha discriminação com Tamboril, que era só de gente metida, gente fresca, gente com nariz empinado; para mim foram as pessoas que me acolheram, que me amaram, que me respeitaram, dentro do que eu era, pelas minhas qualidades, pela minha maneira de ser, pela minha amizade sincera. Então, eu não vi no Tamboril essas pessoas que discriminavam, eu vi pessoas acolhedoras e amáveis

E por que as outras pessoas tinham essa visão da Tamboril?

Até hoje eles têm. Porque, geograficamente, o Tamboril fica afastado dos outros acampamentos pelo um asfalto que passava dividindo esses acampamentos. Então, a maior parte dos acampamentos, que eram uns vinte e dois acampamentos, que era até próximo lá do Palácio da Alvorada, né? Esses acampamentos ficavam mais em conjunto. E o Tamboril... tinha o Tamboril de baixo e o Tamboril de cima, que o Tamboril de baixo era da farmácia ali do balão para baixo, perto do marinho, da Marinha. E o Tamboril de cima é esse que mantém até hoje. Então, esse Tamboril de cima era uma classe média alta, os diretores, de Novacap, de Terracap, da CAESB, da CEB, que moravam mais aqui.

Quais as principais transformações dessa época, que você falou que tinha esse Tamboril de baixo, que não existe mais, por exemplo, e hoje? Como é a Vila Planalto hoje.

Olha, ela apesar de ter enxugado para quatro acampamentos, de vinte e dois para quatro... que ficou Tamboril, Pacheco Fernandes, Rabelo... e o outro eu esqueci agora. São quatro.

O DFL, exato. Então, eu vejo a mesma coisa. Assim, nessa questão de discriminação, o Tamboril continua o mesmo.

E de estrutura?

Deu uma melhorada. Porque, as pessoas, com o passar do tempo, eles foram estudando, os filhos desses pioneiros, se formando, buscando concursos. Então, eu vejo um nível um pouco mais homogêneo. Mesmo assim, ainda há pessoas muito carentes, e que a gente imagina que... vê a casa arrumadinha, que conseguiram construir o sonho da casa, realizar, mas que, financeiramente, hoje, tem muita gente que precisa de apoio, de ajuda do social.

Qual o papel da Vila Planalto no seu dia-a-dia, hoje, e como ele se transformou durante o tempo?

Olha, no meu dia-a-dia, a Vila Planalto é de uma forma que eu consigo somar no pouco que eu tenho condições de fazer. Então, a partir do momento que eu consegui estabilizar, casar, ter uma vida num nível social um pouco melhor, eu comecei a pensar a dar de si. Aquilo que eu não recebi de outras pessoas, eu queria dar. E todo o amor e o carinho que eu recebi das pessoas, quando eu mais precisava, que era só eu e minha mãe... Eu tive uma adolescência assim muito boa, muito tranquila. Eu não tenho nenhum recalque, eu não tenho nenhum pensamento de inferioridade. Então, tudo isso, eu quis passar para frente. Então, como? Participando de ações sociais, trazendo para a comunidade aquilo que às vezes vem às minhas mãos como doações, que eu consegui trazer para fazerem bazar, para fazer alguma coisa assim, na escola daqui, na escola do Varjão, no Paranoá. Então, sempre... em Ceilândia, em qualquer outro setor que a gente possa estar somando. E com o Projeto Ação Saúde, que, enquanto rotariana... Eu fui coordenadora de um projeto durante dois anos e

meio, e esse projeto era Ação Saúde, que a gente abriu aqui na Vila Planalto, trazendo a medicina alternativa, iridologia, massoterapia, quiropraxia, também trazendo atendimento jurídico, atividades lúdicas; tipo aquela ação global que a Globo faz uma vez por ano, e, agora, eu acho que faz duas vezes. Então, eu fazia, em nome de cinco clubes de rôtaries, e eles somavam comigo com a questão do transporte para os profissionais. Então, eu consegui parceiros particulares, de empresas particulares, e que faziam... Era em torno de quase cem profissionais. E a gente fazia todos os meses numa cidade satélite. Abrimos aqui, eu tenho... no Correio Braziliense saiu uma reportagem dessa ação aqui, no posto de saúde da Vila Planalto, que, na época era posto de saúde, e que eu, também, já tinha sido conselheira do conselho gestor de saúde, que eu fui uma das primeiras presidentes eleitas do conselho de saúde. Então, a gente conseguiu, com esse trabalho como conselheira, somar com as lideranças da comunidade, junto com os gestores e os servidores da saúde. Então, a gente conseguiu conquistar o terceiro módulo, construímos lá, e outros avanço, como as quarenta horas de funcionário, outras pequenas conquistas para o posto de saúde. E, também, com esse Projeto de Ação Saúde pelo Rotary, a gente conseguiu levar toda essa informação da medicina alternativa às comunidades mais carentes. Inclusive em Águas Lindas. Quando não tinha nada em Águas Lindas, foi a primeira ação social que o Rotary de Águas Lindas fez, somando em parceria com esse projeto nosso. E que era todos os meses, durante dois anos e meio. Aí, depois, eu saí dessa coordenação, ficou um tempo parado, e o Rotary, alguns anos atrás, reestruturou e, agora, são vários clubes de Rotary que faz o Projeto Ação Social. Mudou só o nome, é isso, mas agora eles tem um kow-how maior, tem um apoio maior.

Cresceu, o projeto?

Exatamente.

E o que você sente falta, aqui na Vila Planalto, que não existe, ou que não acontece mais? Como, por exemplo, alguma paisagem, imagem, sensação, objeto, alguma pessoa...

Aquele balão ali, entre a igreja e onde era a farmácia, que é aqui nessa pista onde passa agora a via L4, que passa para o Palácio da Alvorada, ali tinha um balão. E ali, tinha uma árvore muito bonita. Aquilo ali era o cartão postal da entrada da Vila Planalto. Aquilo me deixou, no dia que arrancaram aquela árvore ali, que cortaram para tirar o balão daquele ponto, eu senti. Porque, aquilo ali fazia parte da geografia, né? E outra coisa também foi quando deixaram... a subadministração da vila, quando era Rodolfo Nogueira Filho... a gente inaugurou o Marco Rotário, que era dois candangos segurando a roda dentada do Rotary, né? Ali, onde tem, também, uma placa grande, um monumento que o próprio Rodolfinho mandou construir, que tem a imagem de Nossa Senhora, ali na entrada da vila, hoje, perto daqueles restaurantes que tem por ali, sabe? que o resto é área verde? Ali, por trás, a gente construiu o Marco Rotário. Foi na época do Rodolfinho. Aí, veio o administrador de Brasília, veio as autoridades de Rotary, o governador de Rotary. E ali foi o quê? O respeito à comunidade, aos pioneiros. Eram os dois candangos recebendo a instituição rotária na comunidade e, ao mesmo tempo, a comunidade sendo prestigiada com a história dos candangos, que vieram construir Vila Planalto, os ministérios, o Palácio da Alvorada.

E assim, você passou a sua infância e adolescência aqui, e hoje você vê outras crianças, outra geração vivendo essa parte da vida, adolescência. E, como é que você vê essa comparação do que foi a sua adolescência na Vila Planalto e hoje?

Aqui era uma adolescência tranquila. Porque, a gente brincava de (bete) no meio da rua. Quando dava a chuva, a enchente passava tipo um riacho, e a gente fazia barquinho, e jogava na água; a gente brincava de pique-esconde. Eu lembro que aquelas brincadeira de fruta, dar um beijo, dar um abraço, não sei o quê, a gente brincava na frente, na rua. Então,

os meninos todos se reuniam no meio da rua, em frente à casa de um dos moradores, os pais ficavam vigiando, olhando, e todo mundo brincava muito harmonioso, era um contato de família mesmo. Cada um cuidava um dos outros, né? Bate papo na rua. E, hoje, o que que a gente vê? Os nossos meninos na praça, fumando maconha, crack, roubando, os próprios filhos de pessoas que a gente viu crescer. Então, isso dói no coração da gente. E ver que todo mundo está vendo, todo mundo está sabendo, e o pouco que tem sido feito, no meu conhecimento, que eu não estou muito a par, hoje, de como está sendo feito o trabalho aqui na Vila Planalto... eu sei que tem o conselho tutelar, que tem sido bem presente aqui na Vila Planalto... mas eu vejo a Igreja, a igreja católica, ela tem um trabalho de resgate desses meninos na rua. Com o grupo jovem, com o grupo de aulas de violão, jiu-jitso, lá no PAP, Parque de Ação Paroquial, que foi desativado, o prédio, derrubaram, e não deixaram reconstruir, ainda estamos aguardando a liberação de um órgão do governo, para construir, que o padre começou a construir e eles barraram. Mas, tem um galpão, e essas coisas têm acontecido lá. E aí, a gente vê que muitos meninos que estavam na droga, com o retiro do grupo, sim, e de outras atividades jovens que acontecem aqui, o JMJ, Jornada Mundial da Juventude, está sendo bem participativa também... Então, a gente fica sim sabendo, mas é muito pouco

E por que você acha que mudou tanto, da sua adolescência para a adolescência de hoje?

Olha, a falta da presença mesmo da vontade política.

E o que você acha que ainda pode se transformar na Vila Planalto? Porque, a vila era um bairro provisório, era para ela ter sido extinta, e não foi. E muita coisa mudou.

A mobilização popular, né? A orientação da universidade, o apoio que a UnB, sendo muito presente aqui na Vila Planalto, tanto na área do social, quando tinha o Cose, que trabalhava os meninos no horário contrário às aulas, então, a assistente social da época, ela foi praticamente determinante para que as pessoas se empoderassem, politizassem, entendeu? E aí, se mobilizaram para fazer o abraço à vila, o abraço à igreja, para manter essas raízes aqui. E, também, essa parte da enfermagem, que fazia um trabalho aqui no posto de saúde muito bom, extramural, então era um trabalho mais presente na comunidade. Eu acho que isso aí foi o que fez o diferencial na comunidade permanecer.

E daqui para a frente? Você acha que a população da vila mudou?

Não muito. Ela cresceu, não em acampamentos, mas nas moradias que tinham os terrenos grandes, dividiram, lotearam, e aí vêm pessoas de fora, para aluguel, para essas coisas. Mas, aos poucos, eles vão também se chegando a esse círculo de vizinhança. Não é como era na época, mas eu ainda vejo que isso acontece na comunidade.

Como você se sente em fazer parte da história da Vila Planalto?

Eu me sinto como se aqui fosse as minhas raízes, como se eu tivesse nascido aqui. Foi o melhor período da minha vida. Eu vim aqui criança, e permaneci aqui, com esse contato de cidade interiorana. Então, que as pessoas se respeitavam, se conheciam, eram solidárias. Então, eu me senti assim, como meu berço. Minhas raízes são aqui, por isso que esse meu carinho tão grande, tudo que eu posso, eu trazer primeiro para a vila. E, como esse projeto da ação-saúde, e outros... que depois eu assumi a presidência do centro social da Vila Planalto, e a minha primeira preocupação era trazer a parte de informática para a comunidade. E aí a gente conseguiu uns patrocínios, empresas particulares nos apoiaram, e a gente trouxe uma escola de informática para cá. Não se instalou aqui porque a área do centro social já estava para ser tombada pelo Patrimônio, por ter cupim, por ter muita coisa, já não poderia estar trabalhando ali, mas a gente conseguiu fora da vila, lá no ICP Cultural, que trabalha todo portador de necessidade especial do DF, e a gente conseguiu espaço lá, e

montamos a escola de informática para todos os portadores de necessidade especial. E aí, eu não satisfeita pelos filhos da Vila Planalto não ser atendidos, eu contratei, com o patrocínio do meu marido, uma van, que era da professora Bete, aqui da escola, do (Mozart), aqui do Tamboril, e eles vinham e pegavam essas crianças da vila, os adolescentes, na parte da manhã, levava para o ICP, lá no setor de indústria e traziam. E, na parte da tarde, a mesma coisa. Então, a gente não deixou que a vila não participasse. Depois que alguns anos foi que fundaram a escola de informática na Vila Planalto, o governo formou. Então assim, a minha preocupação é, se eu tenho uma possibilidade de trazer alguma coisa, eu já trago para a vila, mesmo fazendo com todo o DF. E, agora, atualmente, o que eu faço é como terapeuta comunitária integrativa, faço uma vez por semana no PAP, Parque de Ação Paroquial da Igreja Nossa Senhora do Rosário de Pompeia, o atendimento às pessoas que precisam desse acolhimento. Então, a gente faz um trabalho de terapia toda terça-feira às nove e meia da manhã no PAP e, toda quinta, às quatro da tarde, às dezesseis horas, no grupo de idosos. E isso tem dado outra guinada, porque nesse momento é o que a igreja e os idosos disseram que precisava, era realmente trabalhar essa questão emocional das pessoas aqui. E tem dado um excelente resultado, graças à Deus, tem pessoas que têm se colocado e dizendo, "Olha, estamos usando em casa as técnicas da terapia comunitária," que é ouvir mais, fazer silêncio para poder ouvir o outro, respeitar a fala do outro, não dar conselhos. Então, estou conseguindo, em casa, no final do ano, a gente fez uma retrospectiva, e algumas pessoas que trabalharam conosco durante o ano falaram, "Eu estou conseguindo, com meu pai, levar essa técnica para dentro de casa, e está dando um efeito." Então, isso, para a gente, já valeu.

Hoje em dia, você mudaria de bairro?

Não.

Por quê?

É minha raiz, aqui. Então, eu jamais pensei em mudar. Meu marido já tentou, a gente poderia ter comprado um terreno no Lago Sul, na época, a gente poderia ter mudado para lá, a gente teria feito uma casa melhor. E ele sempre quis mudar, e eu não, eu não quero. Aqui é como se fosse a minha cidade natal, é meu berço. Eu, por mim, eu morreria aqui.

E como você vê a Vila, no contexto do Plano piloto? Essa relação se transformou de alguma maneira, de quando a vila era apenas um bairro de construtoras, e hoje, que é mais um bairro que ()?

Sim. Por quê? Porque, naquela época, a gente era discriminado como se fosse invasores, e nós nunca fomos invasores. Nós fomos pessoas que... era construtoras que trabalhavam com seus funcionários aqui e, quando desativaram as construtoras, esses funcionários, que tinham as suas residências aqui, a maioria permaneceu aqui. Então, não foi uma invasão. Então, mais é o pessoal que, por ser casas de madeira, eles tinham a noção que era invasão. E, hoje, não. Eles sabem desse resgate de história... inclusive, quando o presidente do centro social daqui da Vila Planalto, a gente fez um trabalho de levar os pioneiros, as pioneiras para a escola, para conversar, para falar a história dos pioneiros, como chegaram à Vila Planalto, como lutaram pela fixação da Vila Planalto. Então, a gente fez isso com a escola da Vila Planalto e qualquer escola que nos convidasse para lá. Então, foi bem interessante porque os alunos eram netos, eram filhos, ainda, na época, e ficavam super feliz de ver os seus aviões, seus pais contando a história, na própria escola, que nos livros didáticos não tinha. Que, hoje, já tem alguma coisa que a UnB já passou, alguma coisa, revista e tudo. Então, nesse sentido, a gente vê que, hoje, a Vila Planalto é respeitada, por ser uma área privilegiada, por estar no foco aqui entre a Asa Sul, Asa Norte, Lago Sul, Lago Norte. Então, a gente tem um respeito agora, maior.

E isso trouxe coisas boas e coisas que, ao meu ver, são negativas. Como, por exemplo, essa onda de construção de apartamento, de hotel, de apart-hotel. Eu não sei, vem muitas pessoas de fora para cá, e aí? O que que você acha disso?

No plano (que não é oficial), a gente aqui não era para existir; não era para os moradores estarem aqui, os pioneiros. Era para que grandes construtoras já tinha planos de fazer uma área hoteleira aqui, e com prédios altos e tudo. Então, eu acho que foi uma conquista da comunidade permanecer e, na maior parte, ainda ter casas, residências, entendeu? Esse grupo que ainda tem alguns hotéis, que já tem alguns avanços nessa linha, mesmo assim, eu acho que foi freado bastante. Então, a gente ainda ganhou com isso, a comunidade ainda prevalece, numa grande maioria, em residências.

Mas tem pouquíssimas casas de madeira, né? É, mas também não dá para morar em casa de madeira para sempre!

Casa de madeira é lindo para a gente ver. Mas, para manter, a manutenção da madeira é bem mais cara. Então, a maioria não teria condições de manter as casas de madeira.

Entrevistada: Antônia, 20 de Fevereiro de 2016, Vila Planalto

Primeiro veio meu irmão pra Brasília, trabalhar em Brasília com minha mãe, mais uns outros dois irmãos, aí convidou meu marido pra vim pra cá. Aí a gente veio, maio de 61 a gente veio pra cá, moramos em uma casinha pequena ali na rabelo primeiro, depois o Rodolfo conseguiu essa aqui, e já tem 54 anos nessa casa, e nessa casa com dois filhos de Goiânia tive mais três.

Tenho 5, tive três aqui e dois em Goiânia.

Era frio, era mais frio naquela época. Era frio, tinha muito mata nessa rua aqui no tamboril, tinha pouca casa, as casa de madeira, tinha casa boa como essa que a gente mora, tinha uma fileira de casa boa, no acampamento tamboril era melhor as casas, mas no setor mais lá pra baixo tinha casa muitos ruins.

Era cearense, nortista, goiano, muita gente da Bahia, muita gente de fora, vinham procurar emprego, trabalhar, cidade nova começando, as pessoas vinham morar pra trabalhar.

Eu naquela época não tinha muita... assim, não entendia muito... achava que ia ser uma cidade pequena, que agora tá grande, tá enorme, a gente não pensava que ia crescer como cresceu.

Eu costumava ir na casa da minha mãe, passear na casa da minha mãe, as crianças eram pequenas, eu não tinha empregada naquela época, era muito ocupada com os filhos e com as filhas né, tinha muito passarinho, periquito... tinha muito passarinho.

As crianças brincavam na rua, minhas filhas, as meninas brincavam na rua demais, com as vizinhas que foram criadas aqui também.

A gente já acostumou muito aqui né, gosta muito daqui, 50 anos, 54 anos, a gente tem muita afinidade aqui, gosta muito daqui.

A mudou muito!! Aqui era de terra agora é asfalto, tem muita casa nova bonita, mudou muita coisa pra melhor, pra pior só ladrão.

Tem muita gente antiga aqui, vizinhos nosso. Mas tem muita gente ainda novato que a gente ainda não tem muita amizade, mais ainda tem os antigos que a gente convive muito bem.

Pra melhorar aqui poderia ter um supermercado melhor... tá bom por enquanto tá, bom aqui.

Achava que não ia ficar, mas deu certo acabou ficando e estamos aqui até hoje.

O governo ficou de dar a escritura, já tem mais de 50 anos que a gente mora aqui e nada. Temos fé que vai dar ainda.

Tem muita gente que já vendou né, é possível que muita gente possa vir a vender; mas tem muita gente que não vende não, gosta muito daqui do local. Nós gostamos muito daqui, é um lugar perto ne, perto da sul perto da norte.

Minha sogra... ela foi uma senhora que alfabetizou muita gente aqui em Brasília, uma professora muito boa, muito profissional.

Entrevistada: Socorro, 08 de Setembro de 2015, Vila Planalto

Eu acho que mudou tudo né, e quando eu cheguei aqui em 58 com meus meninos pequenos, a minha filha caçula nasceu aqui, nessa casa, mas, só tinha casa de madeira, não tinha nada de alvenaria, então eu acho que a vila não tem mais nada da vila antiga, a não ser eu que moro aqui desde 58, e a igreja né... se bem que a igreja já foi reformada, porque ela incendio... depois reformaram... o resto é... por exemplo, aquela casa ali que não tem ninguém morando agora, não tinha muro antigamente, era baixinha a cerca assim... então eu acho que a Vila não tem mais nada da Vila antiga... a começar pelo povo né, a não ser o Rodolfo, eu... quem mais que é antigo aqui... tem muita pouca gente antiga... muitos morreram né, os mais velhos... tá faltando eu pra morrer, já morreu o Enios que morava ali, Dona Nair... Seu Edu, é muito antigo também né... eu acho que o povo da Vila está muito diferente. Pra começar eu não conheço o pessoal da Vila mais, fico aqui as vezes sentada... vejo o povo passar, eu não conheço. É tudo gente diferente que está morando aqui, os antigos mesmo aqui da vila, uns venderem, saíram, mudaram, morreram... então veio muita gente diferente pra cá... eu acho que eu... não conheço nem quase ninguém aqui na vila mais, passa aqui não conheço, não sei nem quem é. Porque os antigos mas a não ser o Rodolfo, eu a meia...

Por exemplo eu, meus filhos moravam tudo aqui. Agora mora eu e o Sérgio... antigamente era mais animado sabe, mesmo os antigos que eram moços na época, agora já tão mais velhos... a vila era mais animada sabe... tinha muita festinha... agora não tem mais não! Agora é um povo todo estranho, não tem mais aquele convívio que tinha antigamente.

É porque veio gente de fora pra cá, os que moravam aqui antigamente na época da construção de Brasília não tem mais quase ninguém, são pouquíssimos. Quem mora aqui agora é gente diferente que mudou pra cá, ou comprou ou alugou... sabe é gente de fora.

Era... era, eles achavam que a vila ia acabar... que aqui era só na época da construção, tanto que era só casa de madeira né... o que não aconteceu, foi fixado e só mudou o tipo das casas, do pessoal que veio morar aqui... mas a vila mudou muito, não é a vila de antigamente não.

Eu, eu acho que eu mudava... por exemplo eu moro em uma casa de madeira antiga, eu acho que essas casa antigas são ate perigosas né, hoje mesmo eu tava falando pro Sérgio: eu acho que essa casa está cheia de cupim. E pra... é um lugar ótimo, central, que é o lugar mais central de Brasília é a Vila Planalto né, então ela não vai acabar nunca, então você tem que fazer uma casa, você tem construir... e eu não tenho dinheiro pra isso, então... vai ficando aí... a hora que... eu falo: gente vai ter uma hora que essa casa capaz de resolver cair, mas, qual é a professora com esse salário desse tamanhinho tem condição de construir casa!?

É muito ruim isso, eu to com ela de madeira porque eu não tenho condição de construir casa, é perigoso né, ce vê... essa casa por exemplo tem quase 60 anos que eu moro aqui... qual é a madeira que aguenta isso, eu tenho é medo... mas eu não tenho dinheiro pra construir então eu vou ficando.

Já me perguntaram aqui, uma vez chegou o repórter aqui, de vez em quando aparece gente aqui pra ver a casa, é uma das poucas né que tá tendo... ele perguntou assim: a senhora está com a casa de madeira pra conservar a memória aqui da construção aqui de Brasília? Eu falei assim : meu filho, ce já viu falar que uma professora com salariozinho, como dizia o Chico Anizio desse tamaninho... eu não tenho condição de construir casa não, os filhos, o Sérgio mora comigo... os outros saíram, uma mora na octogonal, outra na asa norte, outra mora no sudoeste, mas eu não tenho condição de construir casa, por isso que eu to aqui, se não eu já tinha saído daqui também.

Sei la, qualquer lugar daí de Brasília... morava em prédio... meus filhos todos moram em apartamento, só o Marcos que mora em uma chácara que ele comprou ai, eu acho que é bom viver em apartamento, é mais seguro né, eu tenho muito medo aqui também, ce vê, eu moro na beira da pista, se resolver uma pessoa entra aqui, é a coisa mais fácil tem.

Não, ate não tinha, porque os filhos moravam aqui, o marido morava , eu era mais nova ne.. agora só mora eu e o Sérgio, então eu acho mais arriscado sabe?! Morar na beira da pista igual eu moro.. que essa pista é a pista mais movimentada da vila ne , é onde todo mundo passa, eu fico assim meio cismada com isso daqui.

Eu sinto falta mesmo é dá escola, a vila Planalto não tem escola eu acho isso um absurdo, é justamente porque a população é outra, não é mais aquele povo antigo que morava aqui, porque se fosse como eu, eu por exemplo que dei aula aqui 33 anos na escola, eu acho um absurdo um lugar igual a Vila Planalto tão cheio de gente não ter escola. Primeiro o Roriz desmanchou a daqui, que antes a escolinha era aqui, desmanchou, construiu a outra lá em cima muito mal feita a escola começou a cair... eu acho isso um absurdo a Vila Planalto não ter escola. Essa meninada daqui, passa ônibus cheio de criança aqui toda hora pra ir para as escolas da asa norte, sendo aqui um bairro tão grande cheio de gente, tinha que ter uma escola, pra mim a grande falta da Vila Planalto é a escola. É o que eu acho aqui na vila um absurdo o governo não ter reconstruído a escola. Quando o Roriz, desmanchou essa primeira escola daqui, ele não podia nunca ter desmanchado, ele tinha que ter restaurado a escola, porque era uma das primeiras de Brasília, então ele tinha que ser conservada, não digo como escola, podia ter construído a outra mas bem construída pra durar, porque a outra caiu, de tão mal feita que foi. Essa aqui tinha que ter sido restaurada, podia funcionar como uma biblioteca né, um salão de festa, um negocio assim... tinha que ter sido conservado, mesmo pra história de Brasília. Todos (meus filhos) estudaram aí, fizeram o curso de primário aqui...

Ah isso era ah, ó: o tanto de criança que brincava na rua, e aqui em casam sempre foi cheio de criança, porque eu era professora ne, e conhecia a meninada toda... eu sinto falta disso, agora não conheço mais ninguém, passa gente ai na rua eu não sei quem é...a população da vila não tem mais nada haver com os antigos não.

Você se sente parte da historia da construção da Vila Planalto?

(risos) Isso é a população que deve saber ne, não sou eu... porque eu acho... pro ce ver, eu dei aula só o único lugar que eu dei aula foi aqui na Vila, eu nunca dei aula pra outras escolas não. Aliás eu dei um ano de aula no colégio Planalto, no comecinho, que eu era amiga da Dona Josman que era minha colega aqui da escola. Eu dei aula lá muito pouco tempo ate que eles montassem o quadro de professores lá. Eu só trabalhei aqui, na vila. Isso é uma coisa

que eu não posso falar, parece que eu to me engrandecendo... não é nada disso. A história da vila a gente sabe, que eu moro aqui toda vida né, mas que eu seja importante por isso, eu não acho que eu sou importante, eu fui uma pessoa que trabalhei aqui, contribui pra educação dos meninos da época né, muita gente que tem aí eu encontro as vezes na rua, fala que foi meu aluno, porque eu era professora de menino desse tamanhinho... agora tudo pai de família, muda cara, muda tudo... pouco tempo chegou um rapaz aqui, toco o interfone, eu cheguei lá, ele falou assim comigo: senhora me conhece? Falei: não sei meu filho se eu conheço... “eu fui seu aluno”, aí ele veio falou o nome tudo.. falei, ué, mais agora você é um pai de família, ele tava com a filha né, quando eu dei aula pra você, você era um menininho desse tamanhinho... que eu dava aula era pra meninos de 7 anos, começando, eu gostava era de alfabetizar. Adorava alfabetizar... pra mim era uma... quando entrava aqueles menininho que não sabia nada e de repente começava a ler... o professor se sente gratificado. Eu achava bom quando via aqueles mIninim tudo lendo. Mas hoje são pais de família né, não da nem pra gente reconhecer que foi aluno né, de vez em quando aparece algum aí...”vim saber como a senhora tá? Lembrei da senhora hoje ...”

Eu quase não ando mais sabe, ando com muita dificuldade, com o pé doendo muito. Eu quase não sai aqui na Vila mais... não saio pra lugar nenhum eu fico quieta em casa, só vou na casa dos filhos a vezes né, graças a deus tenho uma família linda! Tenho 12 netos 7 bisnetos, eu tenho bisneto de 21 anos, rapaz bonitão... ele mede quase 2 m.

Eu não sei, eles não comentam não... sabe?! Porque agora são todos adultos né, os netos, já tem os bisnetinhos pequenos. Mas eu não vejo fazer comentário nenhum não, também eu acho que eles tão acostumado com isso desde pequeno ne, na casa de madeira. Tem uma bisnetinha, neta do Sérgio, Ana clara que ela chama, linda, menina bonita viu. E ela tá agora com 7 anos, uns tempo atras aí ela perguntou pro pai dela porque que minha casa era de amdeira aí ele falou pra e;a assim: “a casa da vovó Cida é de madeira porque ela é muito antiga aquela casa, foi do tempo que o Juscelino tava construindo Brasília. E ela gravou isso na cabeça, pouco tempo veio uma prima deles lá de Belo Horizonte, tava hospedada na casa da Ana Clara, da minha neta, e ela chegou da escola com um trabalhinho pra colorir e uma foto do Juscelino, ela tava la colorindo e falando do Juscelino, aí a moça de Belo Horizonte achou aquilo estranho ela uma pequenina falando do Juscelino né, e falou pra minha neta assim, pra carol: “ela tá falando do Juscelino?” e ela escutou. Ela virou e falou assim: “É, to falando nele, você não sabe quem é o Juscelino não?”. Falou pra ela. “Juscelino foi o homem que construiu Brasília e a vovó Cida ajudou ele. Pq o pai dela falou que a casa era de madeira porque o Juscelino tinha construído de madeira pro pessoal que ajudava ele mora na época da construção. Aí ela falou: “foi Juscelino que construiu Brasília, ce não sabe quem é não? E a vovo Cida ajudou ele.” Falei: “é, foi bom, virei ajudante do Juscelino, tá bom...”

Eu sou mineira né, foi nessa época, só a menina minha caçula que nasceu aqui em Brasília, os outros todos são mineiros... procurando emprego. Marido tava desempregado, e aqui construindo aquele movimento todo, nos viemos pra arranjar emprego. Nós viemos, e aqui ele foi contratado pela NOVACAP, que é que tava construindo tudo ne.. e aí ele foi trabalhar na NOVACAP, e aí que nos conseguimos morar nessa casa, foi por isso, foi porque ele foi contratado pela NOVACAP que já tinha essas casas aqui, eles tinham construído essas casas aqui, eram seis casas iguais para o pessoal da NOVACAP que trabalhava né... e aí nos conseguimos, mas não foi fácil não, pra conseguir essa casa aqui. Porque na época era aquele movimento de construção né, muita gente, muito operário...

Aí que que eu fiz, nós primeiro arranjamos... tinha um barracão ali embaixo, acho que até o Rodolfo morou lá antes, era um barracão enorme, morava cinco famílias, eu morei lá 2 anos até arruma essa casa aqui, a pessoa que morava aqui foi embora, que eu não sei quem é, e aí a casa ficou desocupada. Aí que que eu fiz... o papai, ele era político também, mas não aqui, lá em minas ne, ele foi prefeito da minha terra, então, ele era muito amigo do Magalhães pinto, que era deputado, ele foi governador de minas, e quem tomava conta disso tudo aqui era o Israel Pinheiro, que também era mineiro e era amigo do Magalhães pinto. Aí eu falei com papai, quando essa casa ficou vazia, eu morava lá embaixo né, “conversa com o Magalhães pra falar pro Israel pra arruma aquela casa pra mim?” E foi assim que eu consegui essa casa aqui, foi com o pedido que papai fez.

Tinha uma pessoa, acho que era até um paulista, mas ele ficou aqui muito pouco tempo, quando eu vim pra cá essa casa era novinha... mas , ele morou muito pouco tempo e foi embora, voltou pra São Paulo. E eu tenho quase 60 anos que eu moro aqui.

Entrevistada: Joana, 20 de Fevereiro de 2016, Vila Planalto

O meu Pai mudou pra 410 sul, e lá eu casei, na igreja Santa Rita de Cássia, depois de casada fui morar no Gama. Eu moro aqui na Vila desde 78.

Quais são as principais mudanças que você percebe?

Mudança é... por exemplo, as amizades eram maiores, a unidade de vizinhos, a convivência, as festas que tinham ali em cima... aquela reunião e tudo, isso tudo acabou, praticamente acabou. A igrejainha, que eu sou católica, a igreja sempre foi atuante, mas também não tinha grande coisa, a não ser a sopa né, a sopa que a Dona Maria preparava, ela era a vó do bispo Marconi.

Porque você acha que a vizinhança mudou?

Mudou muito, mudou muito... foram vendidas muitas unidades, e aí veio a convivência de outras pessoas, as mais antigas... poucas pessoas são as mais antigas.

Como era seu dia-a-dia antes e hoje aqui na Vila Planalto?

Não mudou... a mudança é que a família cresceu, casou, e eu praticamente vivo aqui só com dois filhos. A gente tinha muitas festa, a gente fazia muita reunião, muito aniversário muita coisa... aí chamava vizinho, ou outro chamava, outro fazia, outro chamava... era mais convivência.

E porque que mudou essa convivência?

Eu acredito que seja porque foram vendidas muitas casas, muitos outros foram embora também, né como a Norma... que ficou só os filhos... aqui do lado mudou...

O que como você sente falta que existia e não existe mais hoje, como algum cheiro, ou uma personalidade, uma paisagem, um objeto?

Não, isso aí nesse ponto aí, acho que que melhorou muito, ao contrário, que era mais lixo, mais desorganização, sem asfalto, sem esgoto, sem ruas pavimentadas, isso aí muito pelo contrário, melhorou mil por cento, então achei que nesse aspecto melhorou muito, não dá pra ter saudades de coisas muito velhas, de muito barraco, de muita desorganização, esgoto a céu aberto, essas coisas todas... eu não acho não, porque era poucos os acampamentos que não tinham isso, aqui no caso, a tamboril aqui não tinha, né, mais o resto ali pra cima era mesmo deplorável.

Seus filhos brincavam na rua?

Brincavam! Brincavam na rua, brincavam de bete, brincavam de vôlei... já meus netos não brincam mais, porque aqui moram só três netos, e não brincam mais por causa do ambiente, o ambiente ficou mais pesado, mais preocupante pras famílias, porque houve muita mistura, misturou muito, veio muita gente com essa história de alugar, então alugou e a gente não sebe pra quem, então ficou aquele ambiente que não da muito pra confiar.

Quando você veio morar aqui na Vila Planalto, ela ainda tinha o cunho de bairro provisório?

Tinha, tinha. Eu vim pra cá sabendo que era provisório para nos dar o definitivo, aqui na vila. Eles já falavam em dar os lotes pra gente, porque, do Brasília Palace até depois do Iate ali tinham vários acampamentos, e foi tirado isso tudo, e ficou só esse miolo, então as pessoas toda vida confiou que iam nos dar essa coisa definitiva, e ninguém aqui tem, tamo aguardando até hoje, a papelada toda pronta tudo arrumando...

Porque que você acha que vocês ainda não receberam a escritura?

Política! Política... no meu modo de pensar né!? Deve ter algum intermediário interessado que breca as decisões do governo né, porque, a dois anos atrás já tava praticamente decidido, todo mundo arrumou documento, e fez e aconteceu, e tudo mais, e até hoje nada...

O que você acha que ainda pode se transformar na Vila Planalto?

Ela pode transformar cada dia mais em um bairro bem centralizado e bem valorizado no plano piloto ne?! Por causa do ponto, por causa de ser muito central, tá perto de tudo... o valor aqui da terra é grande é alto. Por isso é o interesse, é essa disputa de nunca resolver, porque certamente muitas empresas tem os olhos voltados pra cá, agora, depois que muita casa de alvenaria foi feita ficou mais difícil.

Você se sente parte da história da construção da Vila Planalto?

Não muito. Não muito, porque quando eu mudei pra cá, eu conheci aqui cedo, mais eu não participei do começo da vila, eu participei do começo de Brasília.

Como você vê a Vila Planalto no contexto de Brasília como uma cidade planejada?

Ela não é planejada, mas ela vai ter que ser planejada. Porque arborizada, asfaltada, com água luz e esgoto ela já é. Então ela já é um bairro, ela é um bairro chique dentro do Plano Piloto. Muito mais valorizado que qualquer um outro, por causa do ponto dela. Antigamente eles falavam que não poderia ficar porque ela era uma estratégia entre os dois palácios né, mais a praça do três poderes, para uma estratégia não seria muito bom... mas, isso não foi pra frente.

Você mudaria de bairro?

Não. Eu só mudaria pra minha terra. Eu gosto muito, muito, muito... e minha casa então que é muito velha né, de 56, gosto muito do lugar... se eu tivesse dinheiro arrumava ela todinha bem arrumada pra poder prevalecer a autenticidade dela ne... ela é alta, ela é gostosa, aqui acabei de criar minha família, tem história né... aqui essa casa tem uma história, e essas histórias a gente não pode deixar acabar, porque por isso que Brasília não tem quase história... porque o povo acaba com a história, por exemplo aqui do lado, destruíram a casa pra poder construir outra... tá certo que a casa é linda, é maravilhosa, mas acabou com a história, tirou aquela história, ali na ponta da rua quantas aqui na rua acabou?! Acabou a história, ne?! Mudou. Eu conheci o tamboril que não tinha rua 2, era só uma rua então era vazado. E quando nos chegamos aqui em Brasília, não sei se você sabe, mas nos recebíamos as casas mobiliadas, mobiliado com roupa de cama, mesa, banho... aí nos institutos eram

separados, então era assim: o meu pai era do IPASE, ele era dos correios. Então o IPASE dava o direito de fornecimento de comida, então você tinha condução comida e casa. Aqui era a elite.